

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Carlos Eduardo Henning

AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA:
HIERARQUIA E INTERSEÇÕES DE GERAÇÃO, GÊNERO, CLASSE, RAÇA E
CORPORALIDADE EM BARES E BOATES GLS
DE FLORIANÓPOLIS, SC

Florianópolis, Agosto de 2008

CARLOS EDUARDO HENNING

AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA:
HIERARQUIA E INTERSEÇÕES DE GERAÇÃO, GÊNERO, CLASSE, RAÇA E
CORPORALIDADE EM BARES E BOATES GLS
DE FLORIANÓPOLIS, SC

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social sob a orientação da Profa. Dra. Sônia Weidner Maluf e Co-orientação da Profa. Dra. Alicia González Castells.

Banca Examinadora:

Dra. Sônia Weidner Maluf (UFSC Orientadora)
Dra. Alicia González Calstells (UFSC Co-orientadora)
Dra. Vânia Zikán Cardoso (UFSC)
Dra. Lisabete Coradini (UFRN)
Dra. Miriam Hartung (UFSC/Suplente)

Florianópolis, Agosto de 2008

*Aos meus avós, Maria e Arnaldo Henning.
À minha mãe, Eunilda Henning.
Pela beleza, bravura, amor, força
e, sobretudo, pelo indescritível.*

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadoras, Sônia Weidner Maluf e Alcía González Castells, sem as quais este trabalho, sem dúvida, não existiria. Agradeço também a paciência, a atenção, os encontros, as orientações, dicas, os “problemas” (no sentido butleriano), o comprometimento, o incentivo e tudo o mais.

A todos os interlocutores que se propuseram a conviver comigo em meu período de campo, agradeço não apenas pela aceitação na convivência, mas principalmente por todo o aprendizado pessoal, que foi além das discussões expressas em minha dissertação.

Aos professores e professoras do PPGAS/UFSC e a todos os que auxiliaram de diversas formas no desenrolar do meu percurso de construção do conhecimento, especialmente: Miriam Pillar Grossi (cujo auxílio através das disciplinas ministradas e de nossas conversas foi muito valioso); Flávia de Mattos Motta, Maria Juracy Tonelli, Carmen Rial, Francisco Canella, Gláucia de Oliveira Assis, Isa de Oliveira Rocha, Ricardo A. Veado e Graciana Spellet. Às professoras Vânia Zikán Cardoso, Lisabete Coradini, Miriam Hartung, por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho.

Ao meu companheiro, Glauco Ferreira, pela paciência desses últimos anos “acadêmicos” e pela leitura e releitura de meu trabalho, com suas preciosas dicas e correções. Aos colegas que auxiliaram com sugestões ou através da leitura de seus trabalhos e também aos meus caros amigos: Martina Ahlert, Everton L. Pereira, Érica Quinaglia, Marco Aurélio Silva, Felipe Fernandes, Rosa Oliveira, Anna Paula Vencato, Fabricio Lima, Fernanda Cardozo, Rodrigo Faria Pereira, Roberto Warken, Esther Ko Freitag, Rafael Menegon, Ana Godoy Ferreira, Jô Bringhenti, João Sol, Lua Bonfante, Rodrigo “da Mancha”, Cleonice Lopes, Juliana Walendy, Helena Sturdze (a “causadora de guerras”), Karina Ramos, Bárbara Madureira, Janaína César, Mariete Lopes, Taís Mary, Ana, Karen, “Seu” Juarez, e a Walcyr Carrasco (por me “salvar” da adolescência).

A todos os colegas do NUR e do NIGS pelos eventos, reuniões, sugestões e a convivência. A todos os meus colegas de turma do mestrado (assim como os colegas do doutorado), pelos ótimos meses que passamos juntos exercitando a “diplomacia acadêmica” e a “reciprocidade”. As funcionárias do PPGAS, Karla e Ana, sempre muito simpáticas e prestativas, me ajudando a resolver coisas simples e que me pareciam “o fim do mundo”.

A toda a minha família, em especial aos meus avós maternos, que também foram meus “pais” na tenra infância (os carinhos, as enciclopédias, as risadas, os olhares, os cheiros

familiares, o conforto, os causos, e uma imensa saudade...) e a minha fabulosa mãe, Eunilda Henning, a quem eu devo o orgulho de me considerar um homem feminista! Aos meus “compadres” tia Ieda e tio Antônio e a meu afilhadinho prodígio Cristian, por sempre acreditarem em mim.

Ao CNPq por ter financiado grande parte de meu mestrado. A todos aqueles que por desventura não mencionei e que mereciam todos os agradecimentos possíveis. E por fim, a todos as pessoas heroicamente corajosas que vivenciam seus desejos e suas vidas mesmo enfrentando enormes dificuldades, apesar de todas as forças contrárias, e seguem a diante.

“X

Pulsas como se fossem de carne as borboletas

E o que vem a ser isso? perguntas.

Digo que assim há de começar o meu poema.

Então te queixas que nunca estou contigo

Que de improviso lanço versos ao ar

Ou falo de pinheiros escoceses, aqueles

Que apetecia a Talleyrand cuidar.

Ou ainda quando grito ou desfaleço

Adivinhas sorrisos, códigos, conluios

Dizes que os devo ter nos meus avessos.

Pois pode ser.

Para pensar o Outro, eu deliro ou versejo.

Pensá-LO é gozo. Então não sabes? INCORPÓREO

É O DESEJO.”

Hilda Hilst

RESUMO

Esta dissertação procura apresentar uma visão contingente das configurações hierárquicas vigentes na cena GLS em Florianópolis, de maneira a debater certas manifestações da heterogeneidade social dos sujeitos circulantes pelos bares e boates pesquisados. Para tanto, discute a tendência local à desqualificação social das diferenças, questão que no exame das sociabilidades homoeróticas denominei de *diferenças na diferença*. Meu trabalho apresenta as contradições no discurso de alguns dos sujeitos envolvidos na indústria do entretenimento GLS o qual tende a se amparar em uma afirmação de igualdade entre todos os frequentadores das casas noturnas estudadas, discurso esse que possui fissuras e inconsistências especialmente quando analisadas as interseções de marcadores sociais como *geração, gênero, raça/cor da pele, corporalidade e classe social* com homoerotismo. Dessa forma, a análise dessas interseções demonstra não apenas a crítica ao discurso igualitário citado, mas principalmente a existência de um gradiente hierárquico que posiciona determinados sujeitos conforme a presença (ou não) de certos atributos sociais valorizados (ou desvalorizados) localmente. A pesquisa foi realizada seguindo os métodos e técnicas tradicionais da antropologia: *observação-participante* com os sujeitos em foco, assim como a análise de panfletos de festas e revistas gratuitas distribuídas nos contextos das festas GLS da cidade.

Palavras-Chave: Homoerotismo, Configurações Hierárquicas, Bares e Boates GLS, Territórios Urbanos, Sociabilidades

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. CONTEXTO DO TRABALHO NO CAMPO ANTROPOLÓGICO DOS ESTUDOS SOBRE HOMOEROTISMO: UM DIÁLOGO COM AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA EM OUTROS AUTORES	20
1.1 Os pecados ao sul do Equador	24
1.2 A <i>obsessão classificatória</i> e as diferenças entre categorias sociais na cena GLS da cidade	28
CAPÍTULO 2. OBSERVAÇÕES SOBRE A CIDADE, UM TERRITÓRIO DE SOCIABILIDADES HOMOERÓTICAS E OS BARES E BOATES GLS EM FLORIANÓPOLIS	33
2.1 O território e os espaços de sociabilidades homoeróticas no centro da cidade ...	40
2.2 <i>Bares, boates, saunas e vídeo bares GLS</i>	45
2.3 Undersky: <i>aqui o babado é nosso!</i> – me diz a <i>drag</i>	49
2.3.1 Público majoritário	50
2.3.2 Fachada, entrada e sociabilidades fora da boate	51
2.3.3 Quem entra, quem é VIP, quem é revistado	52
2.3.4 Adentrando a boate	53
2.3.5 <i>As donas do pedaço</i>	54
2.3.6 O banheiro	56
2.3.7 O <i>dark room</i>	57
2.3.8 A pista de dança	57
2.3.9 O fim da festa	59
2.4 <i>Perspective: barbies, suzys e bichas finas</i>	59
2.4.1 Sociabilidades fora da boate	59
2.4.2 O público majoritário	61
2.4.3 Entrando na boate	62
2.4.4 O piso superior	63
2.4.5 O bar privativo: <i>bichas finas</i> , classe e geração	64
2.4.6 Chegando às pistas	65

2.4.7 O contraste de luz e sombras	67
2.4.8 Os banheiros	69
2.4.9 O fim da festa	69
2.5 Ode To My Pills: sofisticação, classes médias, terceiro piso VIP	70
2.5.1 Filas, público majoritário e entrada	71
2.5.2 Entrando na boate	72
2.5.3 A pista de dança	74
2.5.4 A cobertura VIP	75
2.6 Hypefull: tiozões, bichas finas, fag hags	76
2.6.1 Fachada do bar	76
2.6.2 Entrando no bar	77
2.6.3 O mezanino e os jovens	78
2.6.4 <i>As fag hags</i>	79
2.6.5 Os <i>tiozões</i>	81
2.5.6 Fim da festa	83
2.7 Hierarquia entre bares e boates GLS	84
CAPÍTULO 3. AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA: RECORTES DE GERAÇÃO, GÊNERO, RAÇA, CORPORALIDADES E CLASSE	87
3.1 <i>Gay tem prazo de validade, sabia?</i> Geração, corporalidades e discriminação geracional	88
3.1.1 <i>No fast food Sahara</i>	88
3.1.2 <i>Fervendo no pátio do museu</i>	89
3.1.3 <i>Fervendo na escadaria</i>	91
3.1.4 Algumas categorias locais	93
3.1.5 <i>Sapinhas, bibinhas e tias</i>	95
3.2 Nas noites com <i>sapas, drags e travas</i>: uma análise de gênero e visibilidade	100
3.2.1 Tem pouca <i>sapa</i> na noite?	101
3.2.2 <i>Você não é drag, querida! Você é trava!</i>	105
3.3 Na capa, na pele e no corpo: um recorte de raça na análise das imagens presentes em <i>flyers</i> e capas de revistas de distribuição gratuita voltadas ao público GLS	114
3.3.1 Quem dá o <i>carão</i> na capa?	118
3.4 Entre <i>bichas finas</i> e <i>bichas vale-transporte</i>: um recorte de classe em bares e	

boates GLS	122
3.4.1 Relações entre as categorias bicha fina, bicha vale-transporte, carão e bagaceirice	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
ANEXOS	144

INTRODUÇÃO

As análises dessa dissertação não são apenas a continuação de minhas pesquisas sobre sociabilidades homoeróticas¹ em bares e boates GLS² no centro de Florianópolis, mas são também, e principalmente, resultado e parte de todo um conjunto mais amplo de pesquisas, de diversos autores e com os mais variados recortes associados à questão do homoerotismo realizadas em especial no âmbito da UFSC nas últimas décadas. Córdova (2006:80), por exemplo, localizou 21 dissertações de mestrado nesta universidade até o momento da publicação de sua tese, a começar pelo pioneiro estudo de Erdmann (1981), o qual foi a primeira dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Essa produção acadêmica local na área de homoerotismo e sexualidades (e é importante ressaltar que já foram defendidos vários outros trabalhos na área, tanto de conclusão de curso quanto teses) tem relevância em termos nacionais e seria digna, ela própria, de uma análise sobre o interesse desses pesquisadores e o caráter prolífico de seus estudos. E esta é uma questão digna de se frisar: o fato de já ter sido gestado um campo de estudos local na área de homoerotismo o qual ganha paulatinamente alguns contornos.

Minha pesquisa está, dessa forma, diretamente vinculada a este contexto de estudos, sendo que suas inquietações, dúvidas, pontos de partida, questionamentos, reflexões, métodos, limitações, elucidações, cuidados éticos, assim como prováveis falhas (ou pontos os quais deixei passar sem maiores aprofundamentos), etc. são, certamente, parte e fruto de um diálogo, o qual creio ter sido estreito, com essa tradição local no campo de estudos. Parte desse diálogo é desenvolvida no primeiro capítulo da dissertação.

Meu interesse na pesquisa sobre sociabilidades homoeróticas surgiu há alguns anos, quando, ainda estudante de graduação, experimentei minhas primeiras incursões como freqüentador comum de bares e boates GLS. Afora todo o agradável espanto com o que ainda

¹ Opto por trabalhar com a categoria *homoerotismo* (ao invés de homossexualidade ou do já extremamente criticado “homossexualismo”) embasado em Jurandir Freire Costa (1992), também por considerá-la uma categoria mais ampla para abarcar as múltiplas manifestações e facetas das relações e práticas eróticas, afetivas e sexuais entre pessoas “do mesmo sexo” sem correr tantos riscos de essencialismos. É importante ressaltar que segundo Laqueur (2001) e Butler (2003) a própria noção de “sexo” é histórica e socialmente construída.

² Traduz-se em Gays, Lésbicas e Simpatizantes, sigla que, segundo Vencato (2002:05), surgiu no contexto dos anos 1990 se popularizando desde então, e que era utilizada para determinar o público do festival Mix Brasil. É importante ressaltar que, ao falar sobre o movimento social utilizo uma das siglas mais utilizadas por seus ativistas: *LGBTTT* (*Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros*). Entretanto quando cito bares e boates, utilizo a sigla *GLS*, uma vez que localmente é a mais associada a tais estabelecimentos. Também utilizarei a expressão *cena GLS* para me referir aos contextos espaciais em sentido mais geral (tanto bares e boates quanto espaços públicos pesquisados).

me era inusitado quanto às atitudes e possibilidades relacionais ali permitidas (e vistas trivialmente), minhas atenções, com o passar do tempo e a diminuição desse estranhamento, começaram a se focar em determinadas relações sociais vistas localmente como partes “naturalizadas” das “coisas como elas eram”. Lembro, por exemplo, que costumava conversar despreziosamente com homens mais velhos e alguns conhecidos mais próximos tendiam a me aconselhar, pois eu estava apenas começando a sair, dizendo que “pegava mal” ser visto acompanhado daqueles senhores: correria o risco de “manchar” minha imagem.

Conforme o tempo passava, mesmo não sentindo diretamente nenhuma desqualificação social recaindo sobre mim (ou tratamento negativamente diferenciado), tendia a não conseguir me sentir muito à vontade naqueles ambientes. Havia algo de incômodo; algo que minha educação ingenuamente igualitarista tendia a repudiar. Já percebera o tratamento diferenciado não apenas aos mais velhos, mas também àqueles que não possuíam alto poder de consumo, ouvira comentários generalizados reclamando da “galera que descia dos morros” que cercam o centro da cidade “para invadir” as casas noturnas (“galera” que por sinal, era composta por uma maioria de pessoas cuja cor da pele era morena ou negra). *Este tratamento, convenhamos, é claro que não estava restrito apenas àquele contexto refletindo-se na sociedade como um todo*, como procuro deixar explícito em vários pontos do texto, entretanto, lá havia a conformação de alguns contornos próprios que me intrigavam.

Esse desconforto permeou minha experiência como freqüentador usual desses bares e boates: ao entrar em campo, já há cerca de três anos eu deixara de freqüentá-los corriqueiramente. Mas o desejo de conhecer mais profundamente essas relações que me haviam deixado desconfortável permaneceu, e foi maior e mais instigante do que estudar a pesquisa de campo que eu fizera, à época do fim da graduação, na área de arqueologia. Dessa forma, desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso sobre o estabelecimento de bares e boates GLS no centro da cidade, através de relatos de freqüentadores de várias idades, desde o início da década de 1970 (objetivando um olhar sobre o que se passara até então, mais do que sobre o que se passava no presente). Assim, na pesquisa para meu TCC, defendido ao fim de 2005, inaugurei meu contato com os diversos trabalhos locais com alguma ligação com a questão do homoerotismo.

Sendo assim, minha dissertação prosseguiu na procura por elucidções de algumas questões suscitadas pela pesquisa progressa, assim como várias outras surgidas da experiência de campo, e procurou apresentar uma visão mais contemporânea sobre o contexto social de um território de sociabilidades homoeróticas específico, delimitado no centro de Florianópolis

e referente às relações sociais que se estabeleciam em bares e boates tradicionalmente chamados de GLS.

A ênfase na análise se ateu à lógica local da “desqualificação social das diferenças” (Córdova, 2006:197), que no caso do exame das sociabilidades homoeróticas chamo de “*diferenças na diferença*”: uma vez que as práticas divergentes da heteronormatividade já tendem a ser vistas socialmente como importantes referenciais para a diferença. Para fins de exequibilidade dividi em cinco grandes eixos de marcadores sociais que emergiram em campo como relevantes em suas interseções com homoerotismo: geração, gênero, raça, corporalidades e classe. A análise dessas interseções se estabeleceu de maneira a explicitar as configurações hierárquicas locais que influíam valorativamente nas relações entre os indivíduos circulantes pela cena GLS, assim como na própria localização dos sujeitos no gradiente hierárquico que se estabelecia localmente³.

Algo que considero de suma importância frisar, desde já, é o fato das interpretações contidas em minha dissertação serem marcadas e limitadas por percepções de caráter histórico, conjuntural, assim como por verdades parciais e conjecturais, sendo, portanto (e assim espero) também dignas de reanálises e releituras futuras (características geralmente esperadas das boas etnografias⁴).

Procurei trabalhar centralmente com as *categorias locais* de designação para as pessoas, para as relações sociais, as sociabilidades, assim como os locais de encontro e especialmente aquelas que davam mostras das maneiras de situar os distintos sujeitos nas configurações hierárquicas do cenário estudado. Essa preocupação também se realizou com as *representações sociais* que emanaram do campo, as quais foram cruciais para alguns pontos de partida analíticos de minha pesquisa.

Quanto aos cuidados éticos, todos os nomes de estabelecimentos e espaços pesquisados, assim como dos sujeitos os quais foram meus interlocutores, foram modificados por nomes escolhidos aleatoriamente, procedimento também realizado, por exemplo, nos trabalhos de Perlongher (1987) e Guimarães (2004). A mudança (ou não) dos nomes dos espaços pesquisados foi uma grande dúvida até o momento dos ajustes finais da dissertação, entretanto, além do fato de procurar reduzir ao mínimo a possibilidade de quaisquer constrangimentos para os frequentadores desses espaços, a narrativa descritiva demonstrou também a possibilidade do surgimento de alguns problemas legais em especial para algumas

³ Segundo Dumont (1992:118-119): “Definiremos então a hierarquia como princípio de gradação dos elementos de um conjunto em relação ao conjunto, ficando entendido que, na maior parte das sociedades, é a religião que fornece a visão do conjunto”.

⁴ Peirano (1995).

casas noturnas, uma vez que, por exemplo, relato a entrada relativamente comum (burlando os esquemas de segurança) de menores de idade em tais recintos, entre outras pequenas questões que poderiam causar mal-estares e incômodos para essas sociabilidades, já tão repletas de restrições e limitações sociais.

Meu campo abarcou o período entre os meses de fevereiro e julho de 2007, compreendendo a convivência com os frequentadores de festas em quatro bares e boates GLS assim como de três espaços públicos e semi-públicos também circunscritos ao centro de Florianópolis. Para a realização do campo me mudei para um apartamento no *paredão*⁵ da Avenida Hercílio Luz no centro da cidade o que facilitou, obviamente, meus deslocamentos para os pontos pesquisados. Essa avenida, se considerados os pontos onde mais se estabeleceram bares e boates GLS na cidade - assim como a realização do tradicional “carnaval gay do Roma” (Silva, 2003) - é uma espécie de “coração” desse território de sociabilidades homoeróticas (Henning, 2005).

As saídas a campo, principalmente no período matutino e vespertino, se realizavam de segunda a sexta-feira em uma lanchonete *fast-food* e duas áreas públicas contíguas onde se concentrava um segmento mais jovem das pessoas com as quais convivi e pesquisei. Já entre terça-feira e domingo (e excepcionalmente nas segundas-feiras) a *observação-participante* se realizava, após o anoitecer, nos bares e boates onde ocorria boa parte das conversas e entrevistas. Durante a pesquisa de campo também produzi cerca de 350 fotografias e 3 horas de filmagens⁶.

Outra importante fonte de pesquisa ocorreu a partir da reunião de aproximadamente 150 *flyers* (panfletos, mosquitinhos) de divulgação das festas que aconteciam nessas casas noturnas captados entre os meses de dezembro de 2005 a agosto de 2007. Reuni, também, 17 edições de três revistas de distribuição gratuita voltadas ao público GLS, e cuja circulação abrangia as regiões sul e sudeste do Brasil. As revistas analisadas foram publicadas entre os meses de dezembro de 2005 e janeiro de 2008⁷.

⁵ Um conjunto de mais de dez prédios (um tanto decadentes) ligados pela fachada uns aos outros formando um verdadeiro paredão com vista ao bulevar, e que os moradores de classes médias da região costumavam chamar de “paredão da Hercílio Luz”.

⁶ O observar as fotos e vídeos, entre outras questões, ajudava a lembrar diversos fatos que me haviam chamado a atenção em campo e que passaram despercebidos nos cadernos de campo, o que foi também um conselho de um dos usos para as fotografias e as filmagens em campo dado pela Profa. Dra. Carmen Rial na disciplina de Antropologia Visual (ministrada em 2006/2 pela referida professora e pela Profa. Dra. Ana Rocha). Quanto às filmagens, estas ficaram circunscritas principalmente ao contexto de um concurso de *drag queens* que se realizou em uma das boates pesquisadas.

⁷ Embora não tenha se refletido diretamente em uma análise específica na dissertação, a pesquisa nos *sites*, *blogs* e comunidades na internet relativos aos espaços de sociabilidade pesquisados foi extremamente importante para captar determinadas questões relevantes e que eu não percebia apenas convivendo em campo.

As entrevistas foram realizadas com diversos freqüentadores e dividiram-se em três principais tipos: a) *entrevistas informais*, que mais se assemelhavam a conversas comuns e depois anotadas em cadernetas de campo (muitas vezes poucos instantes após a conversa, uma vez que as cadernetas estavam constantemente comigo em campo). As entrevistas com este teor se realizaram com mais de trinta indivíduos, principalmente nos locais de realização das festas. b) *entrevistas roteirizadas*, estas realizadas com a ajuda de um roteiro de questões direcionadas à pessoa com a qual realizava a conversa. Todas as entrevistas roteirizadas foram captadas em um gravador digital e somaram um total de quinze indivíduos entrevistados, sendo que em alguns casos a pessoa foi entrevistada duas ou até três vezes. Todas essas entrevistas se realizaram fora do contexto das festas nos bares e boates (em minha casa, na casa dos/as entrevistados/as, ou em espaços públicos escolhidos pelos/as entrevistados/as). c) *entrevistas semi-roteirizadas e filmadas*: este tipo de entrevista ocorreu com consentimento prévio dos indivíduos entrevistados e somaram sete entrevistas.

Procurei, no processo de entrada em campo, estabelecer relações principalmente com interlocutores que eu não conhecia de antemão, de forma a ter (era ao menos o que eu esperava) menores influências que pudessem alterar ou condicionar negativamente as relações que eu estabeleceria. Para todas as pessoas com as quais conversava, eu procurava deixar explícito (mesmo que não imediatamente) que desenvolvia uma pesquisa etnográfica, assim como seus objetivos e intentos.

Havia sensíveis diferenças no nível de aproximação, contatos e nas relações que eu estabelecia com os sujeitos os quais procurava estudar quando comparadas a convivência entre jovens e adolescentes ligados à cena GLS e freqüentadores de um *fast food* e áreas públicas próximas, e entre os sujeitos freqüentadores dos bares e boates GLS. Na região do *fast food* as sociabilidades geralmente se estabeleciam durante o dia, e ao contrário do barulho que geralmente imperava com as músicas nos bares e boates, podiam se estabelecer de maneira que era possível ouvir e ser ouvido claramente. Nos bares e boates, muitas vezes era necessário voltar a conversar com determinadas pessoas para confirmar certos sentidos de suas falas, para não correr o risco de tê-los compreendido erroneamente. De certa forma, apesar de ter feito muitos contatos e convivido tanto em contextos das casas noturnas quanto das áreas públicas, creio que pesquisar nas casas noturnas, durante as festas, trazia um grau de complexidade maior, frente ao qual foi necessário me adaptar, durante o campo.

Uma questão muito interessante era que a primeira pergunta que geralmente surgia em quaisquer dos espaços analisados após eu afirmar *estar lá* como pesquisador era: “Tá, mas o que é que você curte?”, ou seja, qual era minha orientação sexual (ou minhas preferências

sexuais). Percebi que quando me afirmava como um pesquisador que possuía um namorado (era o que eu respondia, quando indagado) as pessoas tendiam a se sentir à vontade para trocar experiências e dialogar: era uma espécie de prerrogativa para ser prontamente bem recebido e ter respostas mais céleres e com confiança. A impressão que eu possuía era a de que, sob o ponto de vista das pessoas freqüentadoras da cena GLS, um pesquisador “heterossexual” poderia tender a interpretar o que “veria” e “ouviria”, de maneira a “escrever” visões negativas das festas e sociabilidades locais, sendo visto com ressalvas e de uma maneira ainda mais desconfiada.

Outra questão presente em meu campo eram as abordagens que eu recebia em tom de flerte e sedução. No começo as sentia como algo desconfortável, porém, após determinado momento concluí que eu deveria saber aproveitar essas situações para abrir possibilidades de diálogo, ao invés de perder contatos ao me afastar ou me abstrair dessas situações. Desta forma, frente a casos como os descritos, eu começava a conversar e o mais rápido possível, amigavelmente, explicava a minha condição de pesquisador naquele espaço. Em alguns casos a pessoa anteriormente galanteadora se transformaria em um importante interlocutor que me ajudaria a abrir portas em determinadas instâncias sociais, como ocorreria em, ao menos, duas ocasiões.

Desde antes de entrar em campo estava sensibilizado para aquilo que Roberto Cardoso de Oliveira (2000) chamou de procura pelo “encontro etnográfico”, pelo estabelecimento de relações dialógicas entre aquele interessado em encontrar respostas e aqueles que vivenciam as relações de onde emanam as perguntas. Em campo, com as pessoas as quais eu ia conseguindo uma maior proximidade e contato, procurei estabelecer relações de trocas de experiências, de diálogo e de grande proximidade. Com algumas, creio que criei vínculos talvez até de amizade, que acabariam indo além do fim de minha pesquisa de campo. Sabia da necessidade de um posterior distanciamento, para a análise, porém enquanto estava em campo quis me envolver profundamente, imergir naquele contexto social o qual considerava, mesmo já tendo sido freqüentador, como um “território a se descobrir”, em especial pelo fato de que “o familiar” definitivamente não é o mesmo que “o conhecido”, como nos afirma Gilberto Velho (1981). E o interessante é que as únicas vezes em que cheguei próximo dessa sensação de “fazer parte” na cena GLS, foi estando em campo, na condição de pesquisador.

Apesar de todos saberem que eu estava lá por um propósito bem definido, em muitos casos - especialmente na convivência com os jovens e adolescentes freqüentadores da região do *fast food* - a convivência não parecia de forma alguma estar configurada na relação “pesquisador x informantes”. Percebia que muitas vezes algumas pessoas com as quais

convivi longamente em campo acabavam quase esquecendo *quem eu era*; passadas várias semanas, acabavam me vendo muito proximamente a alguém do meio, ou ao menos como um colega próximo, ou amigo: contavam-me segredos pessoais, pediam opiniões, queriam saber para qual festa eu iria ao fim de semana, o que eu achava do comportamento de Sicrano, se eu já soubera do *bafão*⁸ que ocorrera com Fulana, etc. E aos poucos, também fui estabelecendo trocas de confiança por confiança, contando segredos pessoais, dando opiniões, contando *bafões*, dizendo coisas de que gostava e que não gostava, procurando, de todas as formas possíveis, *fazer parte*, não ser apenas um observador, mas ser integrante daquelas relações.

Percebia essa proximidade e procurava refletir constantemente sobre seus prováveis efeitos (e perigos) no desenvolvimento da pesquisa. Embora reiteradamente acabasse conversando mais profundamente com uma ou outra pessoa (ou entrevistando) - o que explicitava a existência de uma pesquisa e do fato de ser um pesquisador - não me desagradava o fato das relações sociais se desenvolverem quase como se não houvesse *um alguém* ali que estivesse exatamente procurando por respostas nessas relações. É claro que se percebia a existência de alguém que estava a pesquisar; isso era notório. Não é minha intenção dar a tola impressão de que minha presença não alterava ou influía de forma alguma nas relações que lá se desenvolviam (pois alterava de muitas formas). O que quero transmitir é apenas que minha presença em alguns contextos e em vários momentos, não parecia ser a de alguém alienígena e sim algo semelhante a de um colega recentemente incluso nas relações sociais, e para alguns, um recente amigo. E isto foi algo inesperado e surpreendente, pois esperava um campo com boas experiências, mas não com tal receptividade.

Sendo assim, muitas das respostas para minhas dúvidas não foram angariadas necessariamente, por exemplo, através de perguntas e respostas formais em entrevista, mas das anotações de campo provindas da convivência cotidiana com essas pessoas, das conversas descompromissadas, de momentos de lazer conjuntos e principalmente da grande atenção que eu procurava manter para as relações que essas pessoas mais próximas mantinham para com as outras (e também para comigo). Creio, dessa forma, que me aproximei de um “encontro etnográfico”, o que me deixou sinceramente satisfeito com minha experiência de campo⁹.

⁸ Fofocas ou histórias com algum teor vexatório ou de escândalo sobre algo ou alguém.

⁹ Durante o desenvolvimento da pesquisa de campo, no primeiro semestre de 2007, vivi a experiência concomitante do estágio docência na disciplina de Introdução à Antropologia Social, ministrada pela Profa. Dra. Sônia W. Maluf. Foi uma experiência excelente e interessante, especialmente pelo fato de todas as segundas-feiras (um dos dias em que a disciplina era ministrada) eu pôr em perspectiva minhas recentes experiências de campo com o roteiro de discussões proposto para as aulas, assim como com as próprias reflexões de Sônia e dos estudantes sobre a disciplina, suas teorias e métodos.

Por fim, há intenções também subjacentes à escrita da dissertação e que se tornam explícitas em diversos momentos do texto. Meu trabalho - entre outras questões - procura apresentar as contradições no discurso de alguns dos sujeitos envolvidos na *indústria do entretenimento GLS* na cidade¹⁰, o qual tende a se amparar em uma afirmação de igualdade entre todos os freqüentadores, assim como no direito de ir e vir (assim como de consumir¹¹), discurso que não se sustenta quando analisados os tratamentos locais diferenciados de determinados sujeitos segundo recortes de *classe social, gênero, raça, corporalidade e geração*, uma vez que havia determinados sujeitos nesses espaços sociais cuja presença era indesejada (ou ostensivamente desvalorizada), assim como preferências por públicos específicos.

Esse discurso igualitário emanado dos sujeitos ligados à *indústria do entretenimento* seria influenciado pelo *modelo moderno de indivíduo* - como valor, com sua aspiração a liberdade, igualdade, autodeterminação, singularidade, etc. (Duarte, 2002) - embora a análise de suas contradições e fissuras demonstre que subjaz a esse discurso certas configurações bem mais próximas de características relacionais e hierárquicas¹².

Minha dissertação, sendo assim, procura contribuir com algumas reflexões sobre aspectos da heterogeneidade dessa importante parcela da população brasileira, especialmente quando postas em perspectiva as lidas locais com os múltiplos recortes de marcadores sociais analisados.

A dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado: “CONTEXTO DO TRABALHO NO CAMPO ANTROPOLÓGICO DOS ESTUDOS SOBRE HOMOEROTISMO: UM DIÁLOGO COM AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA EM OUTROS AUTORES” situa minha pesquisa principalmente no referido campo, dialogando com alguns autores que já se transformaram em clássicos nacionais na área, assim como com parte da produção acadêmica local, principalmente dissertações e teses produzidas no âmbito da UFSC.

O segundo capítulo, “OBSERVAÇÕES SOBRE A CIDADE, UM TERRITÓRIO DE SOCIABILIDADES HOMOERÓTICAS E OS BARES E BOATES GLS EM

¹⁰ Especialmente alguns dos donos, gerentes e *promoters* das casas noturnas estudadas.

¹¹ Sobre uma visão crítica do “mercado cor-de-rosa” ver Resende (2003).

¹² Segundo Duarte (2002) as sociedades modernas descritas como influenciadas pelo individualismo não devem ser assim nomeadas sem que haja uma análise empírica que determine em que intensidade e formas elas podem ser denominadas como tal, prudência que procura evitar uma estéril rotulação indiscriminada de tais sociedades. O que é válido igualmente para algumas *sociedades tradicionais*, que não devem ser compreendidas sem análise empírica concreta das “combinações e tensões entre sua estrutura hierárquica fundamental e a presença de disposições individualizantes”. (Duarte, 2002). Não é intenção, entretanto, aprofundar nesta dissertação a discussão sobre a teoria da hierarquia, *individualismo x holismo*, etc.

FLORIANÓPOLIS” procura apresentar o contexto dos bares e boates GLS no território de sociabilidades homoeróticas do centro da cidade (assim como as outras categorias de estabelecimentos voltados a esse público) e a relação destes com o contexto englobante da cidade. Por fim apresento a descrição densa das sociabilidades no contexto de três boates e um bar GLS no centro da cidade¹³, abertos na época de meu campo.

O terceiro e último capítulo intitula-se “AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA: RECORTES DE GERAÇÃO, GÊNERO, RAÇA, CORPORALIDADES E CLASSE” o qual debate tais marcadores sociais em interseção com homoerotismo. Nesse capítulo discorro sobre relações sociais entre distintos sujeitos as quais produzem processos de discriminação geracional principalmente em relação aos homens com práticas homoeróticas mais velhos. Apresento uma interpretação que parte das afirmações presentes em estudos acadêmicos (assim como constatado em meu campo) acerca da relativa invisibilidade e do caráter minoritário das “lésbicas” nas festas em bares e boates GLS. Outro ponto abordado são as diferenças entre as categorias *drag queen* e *travesti*, segundo o ponto de vista das *drag queens*, assim como a importância da reafirmação dessas diferenças segundo a lógica local de manipulação da economia do estigma entre *transgêneros*, o que se configura em distintas posições hierárquicas entre tais categorias. Neste capítulo debato a política representacional expressa em panfletos de festas *do babado*¹⁴ e capas de revistas de distribuição gratuita nas casas noturnas pesquisadas, de forma a demonstrar quais eram os sujeitos e corporalidades mais expressos (e socialmente desejados), assim como os sujeitos que permaneciam às margens da representação segundo um recorte de raça/cor da pele. Por fim, discuto a existência de diferenças sócio-econômicas e os seus efeitos principalmente entre homens e mulheres de classes populares frequentadores dessas casas noturnas, através da análise de algumas categorias vigentes localmente. Sendo que essas interseções influenciavam diretamente no posicionamento dos sujeitos nas configurações hierárquicas locais.

¹³ Uma importante visão das sociabilidades homoeróticas é apresentada por Córdova (2006) quando este afirma que essas sociabilidades não ocorrem apenas com o lazer em bares, boates e saunas: “Apresentei os bares e boates como espaços de sociabilidade para gueis e lésbicas, mas jamais me afastei da noção de sujeitos que se socializam com os demais moradores da cidade, colegas de trabalho, família, etc. De outra forma pareceria que eles somente se socializariam para o lazer” (Córdova, 2006:209). Embora minha pesquisa tenha se centrado mais nos contextos dos bares e boates, concordo com o autor quando este afirma que não são estes os únicos âmbitos onde essas pessoas se socializam.

¹⁴ Que é relativo à cena GLS e seus frequentadores.

CAPÍTULO 1. CONTEXTO DO TRABALHO NO CAMPO ANTROPOLÓGICO DOS ESTUDOS SOBRE HOMOEROTISMO: UM DIÁLOGO COM AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA EM OUTROS AUTORES

Existe uma variabilidade inestimável de representações sociais acerca do que podemos chamar de práticas homoeróticas, sendo que estas representações se estabelecem influenciadas por diversas questões, sobretudo a cultura e sua dinâmica¹⁵. Dessa forma, se estabelecem inúmeros “mundos” onde ocorrem sociabilidades homoeróticas. A abordagem das diferenças dentro do que atualmente, no Brasil, se convencionou chamar de “mundo GLS”, obviamente não se iniciou neste trabalho.

Em minha dissertação, procuro apresentar o contexto social de um território de sociabilidades homoeróticas específico, que reflete e dialoga intensamente com as características gerais da sociedade brasileira, não sendo algo à parte do todo social. Dessa forma, minha pesquisa vai ao encontro de vários estudos que afirmam não ser possível analisar questões relativas a (homos)sexualidade *per se*, uma vez que existiriam conexões estreitas desta com o sistema escolar, o sistema médico, com a estruturação social do parentesco, assim como com o Estado e sua política histórica frente ao controle da sexualidade¹⁶, etc.

A intenção deste capítulo, a partir da reafirmação da existência de uma miríade de representações sociais acerca de contextos e práticas homoeróticas, é encetar um diálogo com outros autores que também apresentam em seus contextos de pesquisa o entrecruzamento de homoerotismo com outros marcadores sociais da diferença, o que chamo de *diferenças na diferença*.

¹⁵ Apenas para citar alguns trabalhos no Brasil sobre a variabilidade cultural, histórica e regional das representações sociais sobre práticas homoeróticas, ver Fry (1982) quando, por exemplo, este analisa que categorias como “homossexual” e “gay” não poderiam ser usadas para denominar homens que praticavam atos sexuais com outros homens nas periferias brasileiras ou no norte do Brasil sem que se caísse em etnocentrismo. Ver também Green (2000) cujo estudo analisa a dinâmica de mudanças de representações sociais e denominações frente a homens com práticas homoeróticas no Brasil do século XX.

¹⁶ Fry e MacRae (1985: 10) afirmam não haver “nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas” estando “intimamente relacionadas com o todo destas sociedades”. Lambevsky (1999: 400), ao estudar a *cena gay* na Macedônia também reafirma esta posição. A posição de não estudar uma esfera do social desvinculada das demais foi adotada por vários antropólogos nas últimas décadas, como Schneider (1984), autor que faz uma crítica aguda da separação do parentesco das outras manifestações do social.

A pesquisa de Edward MacRae (1990), por exemplo, acerca do surgimento do movimento homossexual brasileiro¹⁷ no período da abertura política percebe a existência, entre os militantes, de um discurso altamente igualitário que acabava por se chocar contra diferenças secundarizadas e, portanto, não problematizadas¹⁸. Esta secundarização das “diferenças internas” seria uma característica dos “movimentos das minorias” naquele contexto: “a ênfase dada à igualdade de todos os seus participantes perante uma carência coletiva. Essa igualdade na carência é, então, percebida como obliterando todas as outras heterogeneidades” (MacRae, 1990: 184). Dessa forma, o ideal de igualdade e anti-autoritarismo que imperava no movimento homossexual, característico das enormes expectativas com a abertura política, se chocava com outros ideais e interesses de seus integrantes, o que demonstrava que os membros não eram tão iguais quanto afirmava o discurso vigente.

Em decorrência da percepção da secundarização de suas diferenças no contexto do Somos, homossexuais negros e mulheres lésbicas, insatisfeitos, procurariam formar seus próprios movimentos independentes no intuito de expressar interesses específicos advindos de distintos processos discriminatórios em relação a *gênero e raça*¹⁹.

O trabalho de MacRae expressa relevantes similaridades, guardadas as devidas diferenças históricas e sociais, com o contexto de minha pesquisa, tanto na tendência à ocultação de diferenças quanto na reafirmação categórica de um discurso igualitário, lá emanado do seio do movimento homossexual, aqui proveniente principalmente dos discursos de alguns donos, gerentes e *promoters* de casas noturnas GLS. Assim como a pesquisa de MacRae mostra que aquele discurso igualitarista possuía contradições, procuro demonstrar também que o discurso dos sujeitos envolvidos na *indústria do entretenimento GLS*, igualmente amparado em uma afirmação de igualdade e do direito de ir e vir (e em especial de consumir²⁰) apresentava inconsistências quando analisados os recortes de *classe social, gênero, raça, corporalidade e geração*, uma vez que havia sempre sujeitos socialmente

¹⁷ Atualmente o termo mais utilizado politicamente seria “Movimento LGBTTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros”, uma vez que as siglas representariam mais satisfatoriamente as diferentes categorias de sujeitos que divergem da heteronormatividade.

¹⁸ MacRae enfoca o Grupo SOMOS, em São Paulo, do fim da década de 1970 aos primeiros anos de 1980.

¹⁹ As diferenças, entretanto, se faziam presentes não apenas nestas questões, mas também em distinções político-ideológicas (nas noções dos rumos futuros do movimento, suas bandeiras, a aproximação ou não de partidos políticos, etc.), num quadro geral que culminou em um colapso do movimento tal qual estava organizado à época.

²⁰ Quanto ao “Mercado Cor de Rosa”, ver o trabalho de Resende (2003) que aborda a expansão do mercado GLS, através da análise de reportagens em revistas nacionais, de maneira a observar as conseqüências da consolidação desse mercado e como o discurso da valorização dos homossexuais, (fruto dessa expansão e consolidação) homogeneiza artificialmente os sujeitos e cria uma aceitação social fragilmente tolerada nos marcos de pretensas potencialidades de consumo.

indesejados assim como preferências por públicos específicos freqüentando o âmbito dos bares e boates *do babado*²¹, segundo as articulações de determinadas características sociais²².

Serão em especial essas inconsistências e contradições do discurso igualitário vigente não apenas em bares e boates GLS, mas também no contexto mais amplo do território de sociabilidades homoeróticas do centro de Florianópolis²³ que procuro aprofundar nos capítulos seguintes da dissertação, ao demonstrar como determinados atributos sociais posicionavam os sujeitos em arranjos hierárquicos que os valorizavam ou depreciavam, ao contrário do que afirmava o discurso.

Outro autor que também apresentou marcadores sociais em interseção com o homoerotismo foi James Green (2000). Seu estudo concentra-se na análise histórica da homossexualidade masculina em suas plurais manifestações no contexto das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo durante o século XX. Assim, apresenta aspectos do homoerotismo além da visibilidade angariada no carnaval, desde a *belle époque* carioca (primeiros anos do século XX até a década de 1920) até o início do movimento homossexual nos anos 1980, debatendo literatura homoerótica e estudos concernentes aos vários comportamentos homoeróticos daquele contexto.

A importância da análise das interseções de homossexualidade com outros marcadores sociais já é apresentada pelo autor quando este afirma que suas fontes - além das entrevistas com sujeitos de várias idades que vivenciaram o período estudado - se ativeram a jornais, revistas, processos criminais, assim como documentos de casas de saúde, e que isto resultaria na análise, em termos gerais, de dados provenientes de indivíduos de classes populares os quais, segundo o autor, sofriam e continuam a sofrer com maior perseguição das forças de controle estatal, uma vez que:

“em geral, os homens de classe alta podiam ocultar sua vida sexual sob um manto de respeitabilidade. Em vista da estrutura hierárquica das relações de classe na sociedade brasileira, os membros da elite que desejavam

²¹ *Babado* é um termo polissêmico, empregado aqui em seu significado costumeiro: similar à GLS, que é próprio da cena GLS.

²² Em ambos os períodos (movimento homossexual na abertura política, e sujeitos ligados à indústria de entretenimento LGBTTT da atualidade) há relações de poder que tornam conveniente a obliteração dessas “diferenças internas”. Essas conveniências, entretanto, têm caráter distinto em cada contexto, tanto histórica quanto socialmente.

²³ Como apontam vários trabalhos acadêmicos (Oliveira, 2007; Godoy, 2001; Perucchi, 2001; Vencato, 2002; Silva, 2003; Córdova, 2006) não é possível afirmar que as sociabilidades homoeróticas se estabeleçam apenas em bares e boates GLS, muito menos que se estabeleçam somente no centro de Florianópolis (espaço onde tais sociabilidades se condensam), uma vez que ocorrem encontros, festas e interações sociais em ambientes domésticos, em praias da cidade (como o canto esquerdo da Praia Mole e a Praia da Galheta) assim como em bairros de periferia na Ilha de Santa Catarina e no continente.

sexualmente outros homens estavam protegidos das inconveniências da interferência policial. Um nome familiar de prestígio e adequadas conexões políticas e sociais podiam proteger um filho ou marido transgressivo contra um escândalo público” (Green, 2000: 37).

Fazendo um paralelo com minha pesquisa, além do risco diferenciado quanto ao escândalo público (principalmente nos casos de homens e mulheres “não assumidos” socialmente quanto à sexualidade) algo que emergiu em relação à classe social foi a maior vulnerabilidade de indivíduos de setores populares à violência homofóbica que tende a ocorrer no itinerário dos pontos de encontro GLS do centro de Florianópolis. As pessoas que dependiam de transporte público (ônibus urbanos) ou precisavam se deslocar a pé, por exemplo, geralmente tendiam a uma maior exposição a agressões físico-morais de sujeitos hostis às suas subjetividades do que aquelas que possuíam veículo próprio (ou possuíam condições para custear táxi)²⁴.

Green afirma que a análise de interseções de *homoerotismo*, *classe* e *raça* dá importantes sinais de como se estruturam as diferentes posições desses marcadores na sociedade brasileira como um todo:

“As relações homoeróticas muitas vezes forneceram a oportunidade para uma interação das classes e das raças, mas situações econômicas e status sociais desiguais geraram graves tensões e reforçaram uma relativa segregação social e racial. O nível de intersecção de classes entre homens envolvidos em relacionamentos sexuais com outros homens revela os parâmetros da segregação econômica e racial na sociedade brasileira” (Green, 2000: 34).

Um fato constatado em minha pesquisa que corrobora o argumento de Green (quanto ao reflexo de relações segregacionistas da sociedade brasileira em relação à raça e classe quando se analisa sociabilidades homoeróticas) é a análise das imagens dos sujeitos representados em panfletos de divulgação das festas e eventos da *cena GLS* da cidade em um recorte de gênero, geração, corporalidade e raça²⁵. Uma característica desses suportes de divulgação está na presença ostensiva de corpos eroticamente expostos, nunca com nu frontal total, mas sempre representando imagens corpóreas que expressam padrões valorizados e desejáveis como chamariz de público freqüentador, (através da inferência de que haveria corpos como os representados presentes nas referidas festas). Na análise de raça nos panfletos se constata praticamente a inexistência de representações de corpos cuja cor da pele não fosse

²⁴ Abordo a análise da intersecção de classe e a própria diferença no sofrimento da homofobia no terceiro capítulo da dissertação.

²⁵ Tais panfletos de divulgação, no contexto estudado, eram chamados de *flyers*.

branca, o que denota que sujeitos de pele não-branca não estariam tão bem posicionados no *roll* dos corpos desejáveis no universo estudado, quanto aqueles cuja cor da pele é branca²⁶.

1.1 Os pecados ao sul do Equador

Haveria também fenômenos paradoxais no que diz respeito a relações homoeróticas entre homens no Brasil, uma vez que Green (2000: 26) refuta a noção de que o povo brasileiro seria mais maleável e tolerante à manifestação dessas relações (crença contida na noção erótica de que “não existe pecado ao sul do Equador”) apresentando diversos dados contemporâneos de assassinatos e violência principalmente contra gays e travestis.

Para ilustrar esse paradoxo, o autor dá o exemplo histórico de Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio, jornalista carioca famoso, popular e mulato do começo do século XX. Reconhecidamente adepto de práticas homoeróticas e constantemente atacado por opositores públicos que lhe ridicularizam as maneiras afeminadas, João do Rio, apesar do racismo e do falatório acerca de sua sexualidade, conseguiu tornar-se membro da Academia Brasileira de Letras, enfrentando a resistência de nomes de peso como Machado de Assis e barão do Rio Branco, contrários a sua candidatura devido à pretensa “torpeza moral” do jornalista²⁷.

Personalidades como João do Rio, segundo Green (2000: 104): “podiam gozar de fama e riqueza desde que sua vida pessoal permanecesse discreta, suas atividades não fossem nem comentadas nem registradas e suas opiniões públicas não gerassem polêmica”, e cita outros nomes como Olavo Bilac e Mário de Andrade, cujas vidas erótico-afetivas permanecem envoltas em penumbra por terem estatuto de mitos nacionais.

Paradoxalmente quando da morte de João do Rio, porém, mais de 100 mil pessoas prestaram última homenagem em seu enterro (um número espetacular à época e impressionante inclusive para os dias de hoje), apesar de todas as críticas e o escárnio de seus opositores em vida (Green, 2000).

²⁶ A análise dessas interseções de homossexualidade e raça também é feita no terceiro capítulo da dissertação.

²⁷ Fry (1982: 88) afirma que estudar a sexualidade masculina no Brasil leva, necessariamente, a estudar a própria sociedade brasileira.

Outro importante autor que contribui para a análise da relação do homoerotismo com outras marcações sociais da diferença é Sasho Lambevsky (1999), cuja etnografia parte da reflexão sobre a (im)possibilidade de um encontro sexual entre dois homens de diferentes etnicidades, classes sociais, capitais culturais, nacionalidades e religiões na cena gay da Macedônia: um macedônio de classe média e um albanês da classe trabalhadora.

Desta forma, Lambevsky se atém à análise da interseção de três marcadores sociais com o homoerotismo, para dar uma noção da multiplicidade de discursos e de relações de poder envolvidos na construção das identidades homossexuais daquela cena:

- 1) *gênero*, quando aborda a estruturação do desejo sexual entre homens albaneses e macedônios - os primeiros geralmente associados nas relações sexuais a um pólo ativo e masculino e os segundos a um pólo passivo e feminino²⁸;
- 2) *classe e etnicidade*, os macedônios envolvidos nas trocas sexuais tenderiam a estar em uma melhor posição econômica do que os albaneses²⁹, e também teriam uma maior possibilidade de acesso ao sistema educacional, o que inclusive auxiliaria na incorporação do discurso médico ocidental sobre a homossexualidade, diferentemente do que ocorreria com os albaneses. Os macedônios envolvidos em práticas homoeróticas também tenderiam a viajar mais para as metrópoles ocidentais o que faria com que voltassem com maiores influências da cultura gay ocidental. Estas configurações distintas fariam com que *os mesmos atos sexuais entre macedônios e albaneses produzissem identidades sexuais bem diferentes nos dois grupos étnicos* (LAMBEVSKY, 1999: 406).
- 3) *Nacionalidade*, o nacionalismo albanês e macedônio agia de tal forma, construindo e operando preconceitos e estereótipos mútuos, que acabava por “controlar os corpos de homens gays” de ambas as nacionalidades e limitar o estabelecimento de novas formas de relacionamento afetivo entre homens naquele contexto. O autor constata, então, uma ausência de condições sociais de emergência de uma comunidade gay multicultural na Macedônia (LAMBEVSKY, 1999: 402).

Conclui, assim, que as configurações sociais que resultam das complexas interseções de homossexualidade, gênero, classe, etnicidade e nacionalidade no contexto da cena gay em Skopje, Macedônia, provocam a permanência da experiência no corpo masculino de “gays”

²⁸ Que apresenta similaridades com o modelo hierárquico apresentado por FRY, 1982.

²⁹ Tradução livre. Se fizéssemos uma comparação com os modelos hierárquico e igualitário apresentados por Fry (1982), os macedônios tenderiam a se aproximar, em termos gerais, do modelo igualitário, enquanto os albaneses tenderiam a estar mais próximos do modelo hierárquico.

albaneses e macedônios do uso bélico de seus pênis e orifícios, tratados como armas e alvos de tortura³⁰.

Existem outros trabalhos que também se ativeram a algumas interseções, porém abordando o contexto de sociabilidades homoerótico de Florianópolis como o de Erdmann (1981: 01), que pesquisou as interações erótico-sexuais de “um grupo de menores de idade do sexo masculino com homossexuais adultos do mesmo sexo, onde os primeiros se constituem numa das opções como parceiros sexuais”. É possível analisar, neste trabalho, classe social e geração como marcadores sociais em interseção com o homoerotismo, embora Erdmann estivesse mais preocupada em analisar os sentidos nativos atribuídos às interações entre os menores e os “homossexuais adultos” e deixasse claro que: “a questão do preconceito racial e de classe, mesmo entre as diversas categorias de homossexuais, existe na Ilha de Santa Catarina, mas não vou tratá-la aqui” (ERDMANN, 1981: 11). Uma das qualidades de uma boa etnografia, como afirma Peirano (1995), é a possibilidade da reanálise dos dados de campo apresentados, o que o trabalho da autora possibilita.

As idades dos menores oscilavam, segundo a autora, entre 14 e 17 anos, todos eram “originários de Florianópolis” e residiam “nos subúrbios ou em áreas consideradas de baixa renda” (ERDMANN, 1981: 11). As idades dos “homossexuais adultos” variavam entre 20 e 38 anos, “muitos, senão a maioria dos entrevistados são de outros estados ou então do interior do próprio ou cidades vizinhas³¹” (ERDMANN, 1981: 11). A autora também expressa que na interação adultos x menores havia uma diferença clara de poder aquisitivo em que os mais velhos desempenhavam o papel de financiador nas trocas erótico-sexuais com os menores.

Assim como no trabalho da autora, em meu campo também surgiu o recorte de geração, embora com outro enfoque, o fato de que “*gay tem prazo de validade*” - como me afirmou um de meus interlocutores - em que homens com mais idade (alguns chamados pejorativamente de *bichas-velhas* ou *tias*) perdem vertiginosamente o valor no mercado

³⁰ O autor pondera sobre a diferenciação entre classe social e prazer sexual para reafirmar a importância da atenção à interseção de (homos)sexualidade e classe: “Embora eu não veja o prazer sexual como um processo de classe, isto não significa que classe não tenha nenhum papel em relação a ele, ou que o prazer sexual esteja destituído das várias formas de poder, incluindo dominação, exploração e o controle do sexo.” (LAMBEVSKY, 1999: 408) – Tradução livre de: “Although I do not view sexual pleasure as a class process, this does not mean that class doesn’t play any role in it, or that sexual pleasure is devoid of various forms of power, including domination, exploitation and government of sex.” (LAMBEVSKY, 1999: 408).

³¹ O estudo de Guimarães (2004), defendido originalmente como dissertação em 1977, sobre um grupo de homens com práticas homoeróticas no Rio de Janeiro cuja rede social era praticamente formada por pessoas oriundas do estado de Minas Gerais, apresenta a tendência à migração de cidades e estados do interior ou periféricos (quase sempre mais provincianos) para cidades maiores, onde é possível viver a sexualidade desejada sem a interferência das redes familiares e do controle social mais restrito do interior, questão que é também perceptível em Florianópolis, atualmente, embora esta cidade não possa ser chamada exatamente de “metrópole” e congregue características provincianas e cosmopolitas ao mesmo tempo e contraditoriamente (Perucchi, 2001: 49).

erótico na cena GLS da cidade³². Entretanto, pude também perceber que há uma contrapartida discriminatória aos sujeitos extremamente jovens (rapazes ou garotas com média de 15 a 22 anos) já associados à cena, que são constantemente acusados de difamarem outros gays e lésbicas por serem pretensamente escandalosos, polemistas, *bagaceiros*³³, vulgares, promíscuos, etc. como se estas fossem características da nova geração de gays e lésbicas.

Outro autor que também trabalhou bastante com a interseção de homoerotismo e geração foi Córdova (2006), o qual apresenta a existência de uma forte lógica de desqualificação social das diferenças no âmbito das sociabilidades homossexuais da cidade:

“Esta lógica que vem perdurando há bastante tempo, como pode ser constatado em muitos dos depoimentos apresentados, e que faz com que muitos homossexuais se sintam discriminados pelos heterossexuais e não percebam que também eles discriminam o seu diferente, os gueis às lésbicas, os de mais idade, os menos favorecidos social e economicamente, entre outros” (Córdova, 2006: 197).

Segundo os relatos de sete entrevistados no trabalho de Córdova (2006:200) os bares e boates GLS seriam espaços mais freqüentados por jovens. A maior parte destes entrevistados citados (de 44 a 71 anos) afirma que prefere festinhas nas casas de amigos a sair em bares ou boates. Alguns relatam uma maior resistência à exposição pública da orientação sexual (talvez uma característica de gerações mais velhas). Algo muito interessante é a afirmação, de alguns de seus entrevistados, de que na juventude costumavam discriminar gays ou lésbicas mais velhos, e que atualmente, com uma idade mais avançada, sentem na pele os mesmos tipos e motivações de discriminação por sujeitos mais jovens da cena GLS³⁴.

Em minha pesquisa encontrei muitos sujeitos mais velhos freqüentando bares, boates e outros espaços de sociabilidade GLS na cidade, embora fosse quase sempre inquestionável o fato de serem minoritários. Outros sujeitos também minoritários, principalmente no contexto dos bares e boates da cidade, eram as lésbicas, o que também foi constatado em outros trabalhos na cidade³⁵ (Perucchi, 2001; Vencato, 2002; Silva 2003; Córdova, 2006).

³² A análise da valoração social e das tensões geracionais é abordada no terceiro capítulo da dissertação.

³³ Esta é uma categoria polissêmica que será abordada no terceiro capítulo, quando do estudo das interseções de raça e classe. Entretanto, no contexto apresentado na frase significa mau gosto, promiscuidade, falta de decoro social, etc.

³⁴ O relato de Maria (48 anos, nome fictício), entrevistada de Córdova (2006) é exemplar: “Antes eu me considerava a rainha do gueto, mas hoje em dia eu não gosto [de ir à bares e boates GLS], me sinto velha, me sinto super mal, não me sinto legal. [...] Acho que por causa da diferença de idade. Aquilo que nós víamos nas outras pessoas mais velhas, na nossa época, eu acho que as pessoas estão achando a mesma coisa de mim, então, não gosto disso” (Córdova, 2006:200).

³⁵ Vencato (2002: 107) chega a afirmar que: “basta entrar numa ‘casa gay’ para perceber que o gueto ilhéu recebe uma freqüência maciça de homens, sendo que as mulheres ali se encontram em quantidade muito inferior, chegando a estar em número que nem mesmo chega a ser representativo em boa parte das festas (é importante

Citando as festas itinerantes voltadas as mulheres que se relacionavam eroticamente com outras mulheres, Córdova (2006: 202), afirma que neste contexto era mais comum perceber a reunião de diferentes gerações, o que eu também constatei em campo. Nos discursos das interlocutoras pude perceber uma espécie de redução do caráter intolerante das relações geracionais, ao menos no sentido das mais jovens em relação às mais velhas, diferentemente do ocorria entre homens que se relacionavam eroticamente com outros homens.

1.2 A obsessão classificatória e as diferenças entre categorias sociais na cena GLS

Quanto à explicitação das diferenças entre as “categorias de homossexuais”, Erdmann (1981) afirma, seguindo o sentido das categorias nativas, que se tratava de uma preocupação que partia dos próprios sujeitos que pesquisava, os quais desejavam que a publicação do trabalho não reafirmasse equívocos com a idéia de que “todo mundo é bicha”: “existem diferenças fundamentais quanto aos objetivos e comportamentos dos travestis, do *gilete*³⁶, do *michê* ou da *bicha*, por exemplo. A questão de não serem confundidas com outras categorias é muito importante para algumas ou alguns” (ERDMANN, 1981: 09).

Esta preocupação na explicitação das diferenças categoriais também ressurge no trabalho de Vencato (2002: 08) quando esta aborda a tendência não apenas da sociedade em geral, mas também da própria cena GLS da cidade em confundir especialmente as diferenças entre os tipos de transgêneros³⁷ ou de metamorfoses de gênero³⁸, *drag queens*, travestis³⁹, transexuais:

dizer que a capital não contava com um espaço de sociabilidade específico nem para homens, nem para mulheres gays na época da minha pesquisa). Ainda atualmente não há um bar ou boate voltado especificamente às lésbicas, entretanto em meu período de campo ocorriam festas praticamente exclusivas delas. A questão das mulheres na cena GLS da cidade será discutida no terceiro capítulo da dissertação.

³⁶ Termo que aparentemente caiu em desuso na cena GLS (ao menos não o ouvi em conversas ou entrevistas) e que atualmente foi substituído por *bissexual*.

³⁷ Uso aqui a definição apresentada por Jayme (2001: 11) para o conceito de *transgender* (aportuguesado aqui para transgênero, assim como ocorre no trabalho de Vencato (2002)). Este conceito, segundo a autora, era mais utilizado pelo “movimento gay” de Portugal, assim como por partidos de esquerda e por poucos transgêneros daquele país, como uma das interlocutoras estudadas por Jayme (2001: 11) que a seguir explana o sentido do termo: “transgender é uma palavra que quer englobar os vários ‘transgêneros’, que são travestis, transformistas, transgenderistas, drag-queens, cross-dressers, transexuais, (...) e que engloba todos (...) esses grupos. Qualquer desses grupos tanto pode ser homossexual, como heterossexual, como bissexual”. Entretanto, é importante relatar que em meu campo, conversando com *drag queens* e com pessoas ligadas ao movimento GLBT em

“Há traços comuns entre esses sujeitos, que não fazem a confusão entre um e outro tipo de transgênero parecerem absurdas. Contudo, há diferenças importantes que separam cada uma dessas categorias, fazendo com que não se confundam. (...) Esses sujeitos, (...) buscam não só se distinguirem entre si como desejam que os / as outros / as os /as vejam de modos diferentes (...)” (VENCATO, 2002: 09).

Este desejo de distinção premente entre os sujeitos circulantes na noite GLS reforça certa *obsessão classificatória*⁴⁰, (discutida em outros momentos da dissertação) a qual produz uma infundável lista de tipos de *bichas, gays, viados, lésbicas, sapas, travestis, drag queens, transexuais*, e que poderia ter relações com uma necessidade de manipular a economia do estigma, atribuindo a carga das representações sociais depreciativas da discriminação para outros sujeitos e com isso criando *mecanismos hierarquizantes*.

Maria Dulce Gaspar (1985) apresenta exemplos excelentes desses mecanismos em sua etnografia sobre garotas de programa em Copacabana. Como resposta à visão generalizante e preconceituosa que os clientes (e a própria sociedade) teriam das prostitutas, vistas como sendo “todas iguais” (*mentirosas, perigosas, violentas e escandalosas*, etc.) as garotas de programa continuamente lidariam e jogariam com o estigma, atribuindo-o a “outras modalidades de prostituição” (determinadas através de diferenças no horário de trabalho, a quantidade de clientes por dia, se trabalham em boates ou na rua, as características da boate...) o que seria um “elemento estruturante do processo de construção da identidade das garotas de programa” (GASPAR, 1985: 89).

Haveria, dessa forma, um processo incessante de diferenciação e hierarquização social que criaria novas discriminações a segmentos inferiorizados naquele contexto. Assim, Gaspar (1985) acaba por apresentar alguns dispositivos de produção de configurações hierárquicas

Florianópolis, encontrei definições diferentes para o termo transgênero, por vezes definido como um processo de circulação entre os pólos de gênero masculino e feminino, por vezes definido como um processo de reivindicação identitária e política de negação do caráter estacionário da identidade de gênero e que em pouco, ou nada seria determinado pelo processo de transvestismo.

³⁸ Ver Maluf (1999).

³⁹ Oliveira (1997: 84) afirma que já ocorria na época de sua pesquisa o início de um processo centrífugo de reterritorialização das travestis do centro para áreas do continente (em especial no bairro Estreito, assim como no Kobrasol, este na cidade de São José). Sobre a questão da distribuição das travestis pela cidade, Vencato (2002: 14) afirma que durante seu período em campo percebera que em nenhum dos locais descritos por Oliveira como espaços ocupados por travestis no centro da cidade, (imediações da Praça XV, do Mercado Público e Praça da Alfândega) permanecia ocupado por travestis. Entretanto, em meu campo pude perceber que as travestis voltaram a ocupar áreas do centro, não mais as mesmas descritas por Oliveira (1997: 84), mas especialmente a região da Av. Hercílio Luz, exatamente nas proximidades de onde se estabelece o carnaval do Roma, entre o Instituto Estadual de Educação e o início do *Paredão da Hercílio* (conjunto de prédios residenciais de classe média, na altura do cruzamento com a Rua Anita Garibaldi), e acabaram por ficar bem próximas das áreas ocupadas pelos michês na cidade. Segundo conversas com travestis, estas me afirmaram que outras travestis ainda preferiam as ruas do Estreito e do Kobrasol para a *batalha*.

⁴⁰ Expressão utilizada por Sônia Maluf para se referir às formas de auto-representação na *cena GLS*.

através do jogo com as representações sociais negativas, o que talvez possa também se refletir no desenvolvimento, dentro da cena GLS, da já citada *obsessão classificatória*. Uma vez que as distintas denominações que, por exemplo, uma *bicha* pode receber (*bicha highlander* – homem com práticas homoeróticas de idade avançada; *bicha pão com ovo* – homem com práticas homoeróticas pobre; *bicha fina* – homem com práticas homoeróticas de maior poder aquisitivo) vão produzindo posicionalidades hierárquicas, jogando com a diferenciação na procura por legitimação social, em que alguns mereceriam mais e outros mereceriam menos (ou não mereceriam) sofrer o preconceito.

Ainda quanto à divisão categorial dos sujeitos circulantes em contextos de sociabilidades homossexuais, o trabalho de Silva (2003) acerca do histórico e notório *carnaval gay do Roma*⁴¹ em Florianópolis apresenta uma excelente cartografia da distribuição espacial dos distintos sujeitos na via pública refletindo o processo de segmentação e diferenciação social da cena GLS da cidade:

“À 1h da madrugada, quando ainda tem gente chegando no Roma, já é possível perceber uma configuração básica, que se repetirá nestes cinco dias pelos vários grupos que formam o chamado carnaval gay. Da frente do palco até o Clube 12 de agosto, os vários personagens do carnaval do Roma se distribuem. Penso não se tratar de uma separação, uma vez que não há limites claros entre um grupo e outro, mas de uma forma de ocupação do espaço que pode revelar como esses atores dividem-se dentro de um contexto discursivo maior, a homossexualidade. Mais próximo do palco, onde acontecem apresentações de bandas e o Pop Gay, estão as mulheres, numa multidão que vai se misturando a foliões que não são tão típicos do *pedaço*. Muitas delas estão em grupo e formam casais, demonstrando afeto de forma explícita. Em frente ao hotel, o número de *drags* é maior - elas não possuem um lugar único neste espaço - mas é ali o principal ponto de concentração dos frequentadores homens do *pedaço*, “desmontados” que, no entanto, não deixam de realizar pequenas performances de humor *camp*, como se fossem *drags* desmontadas que sempre brincam e mexem com as montadas que passam, se chamam por nomes femininos e fervem muito. É ali que se concentram também muitas *barbies*. Cenas de beijos quentes e demonstrações de afeto são corriqueiras. Raramente se vê um casal gay em que apenas um dos dois está “montado”. Os vários grupos de “montadas” se subdividem no espaço e também no figurino. Estabelecidas ao lado do Clube 12, em frente a um quiosque de cachorro quente, há um grupo de frequentadores mais antigos do Roma, que tinham como ponto de encontro o próprio bar até ser fechado. O grupo geralmente busca figurinos mais clássicos e bebem muito. Entre eles, encontro Carlos, que me concedeu uma

⁴¹ Consultar o trabalho de Silva (2003). O carnaval do Roma se estabelece na Avenida Hercílio Luz, no centro de Florianópolis, já há décadas e é notório por ser considerado o 2º maior carnaval gay do Brasil – perdendo apenas para o do Rio de Janeiro - atraindo milhares de turistas para a cidade. Seu nome provém de um antigo bar, desativado em 2001, localizado em uma esquina da avenida, e que reunia pessoas *do babado*, assim como intelectuais, artistas, boêmios, etc. Desde os anos 90 o carnaval do Roma tornou-se institucionalizado com produção da prefeitura municipal da cidade. Nos últimos anos – sinal da institucionalização e visibilidade angariada pelo evento - os prefeitos sempre estiveram presentes no Pop Gay, concurso de beleza que se realiza todos os anos elegendo uma participante *drag queen* e uma travesti. Em minha dissertação o carnaval não está no centro da análise.

entrevista, uma vez que ele conheceu o Roma, em 1978. Os travestis concentram-se, geralmente, nas proximidades da farmácia em que antes o bar Roma funcionava, sempre com pouquíssimas roupas e fartos seios, algumas vezes à mostra. Esta configuração não é estática e suas fronteiras, muito tênues, podem desaparecer de uma hora para outra. São tão instáveis quanto as *drag queens* que, com seus inusitados figurinos sempre rejeitam a possibilidade de pararem em um único lugar: todas estão sempre circulando pelos recantos do Roma” (SILVA, 2003: 69-70).

O trabalho do autor aborda o carnaval gay do Roma não como espaço da inversão das características sociais cotidianas da sociedade brasileira - como afirma a análise da teoria social clássica sobre o carnaval no Brasil - mas como um espaço de *intensificação da experiência*, em que ao invés de inversão, vê-se o reforço e aumento na visibilidade de determinadas características e práticas sociais.

O fato de o carnaval do Roma ser considerado o 2º maior e melhor carnaval gay do Brasil auxilia no reforço às representações sociais que afirmam que Florianópolis é um *paraíso gay*, questão discutida (e criticada) em diversos trabalhos, como o de Perucchi (2001). O trabalho da autora estuda os sentidos atribuídos por mulheres lésbicas de camadas médias em seus contextos de sociabilidade no centro de Florianópolis para as próprias práticas sociais que desenvolviam⁴². Assim como nos trabalhos de Vencato (2002), Silva (2003) e Córdova (2006), a autora também faz a crítica à visão de Florianópolis como um lugar excelente e hospitaleiro para gays e lésbicas viverem. Uma de suas entrevistadas chega a afirmar que Florianópolis é a San Francisco (EUA) brasileira, ao que a autora refuta, afirmando que tal comparação está longe de se realizar (Perucchi, 2001: 50).

Algo muito interessante que desponta da análise da autora está na visão dos bares e boate GLS como espaços simultaneamente de proteção e exclusão social:

“Dentro dos limites da boate os frequentadores têm a liberdade de agirem de acordo com seus interesses e desejos, estando protegidos de agressões e manifestações de preconceito. Essa liberdade, contudo, se restringe a esse espaço. Portanto, a escolha desses sujeitos em frequentar ambientes de lazer com seu parceiro(a) de forma segura e isenta de manifestações homofóbicas fica limitada aos locais reconhecidos e aceitos socialmente como guetos gays” (Perucchi, 2001: 52).

Minha pesquisa vai ao encontro de algumas das constatações apresentadas pela autora, quanto, por exemplo, ao fato dos bares e boates serem paradoxalmente espaços de proteção e exclusão (uma vez que a rua se mostra o espaço por excelência dos relatos de agressões

⁴² A autora constata a escassez de estudos abordando o homoerotismo feminino e afirma que tal questão tem relações com as tendências androcêntricas da sociedade e da própria academia (PERUCCHI, 2001: 04). Outra dissertação que aborda mulheres lésbicas, esta em contexto de classes populares é o de Godoy (2001).

homofóbicas). Entretanto o contexto dos bares e boates GLS, como minha interpretação desses contextos de sociabilidade procura demonstrar, não é um espaço abstratamente receptivo para todas as pessoas que são vistas como divergentes da heteronormatividade. Os capítulos seguintes apresentam arranjos hierárquicos que posicionam homens, brancos, de classes médias ou abastadas, jovens, magros ou musculosos como os sujeitos com maiores tendências a estarem mais bem posicionados e recepcionados nestes bares e boates, diferentemente do que ocorre com mulheres que se relacionam erótica e afetivamente com outras mulheres (claramente minoritárias e sequer, como já afirmado, tendo um espaço voltado diretamente a elas), sujeitos cuja cor da pele não seja branca, pessoas mais velhas ou com uma corporalidade diferente da estabelecida como padrão desejável (mais gordos, magros demais, calvos ou portadores de alguma necessidade especial, etc.).

A partir dessa análise espero que os bares e boates também possam ser vistos não apenas como espaços para a diversão, os encontros e possibilidades de trocas erótico-afetivas, mas também como espaços do desconforto e da inadequação de uma parcela bastante significativa, numérica e simbolicamente, frente às expectativas sociais vigentes na cena GLS. Um dos objetivos de minha dissertação está na procura pela desconstrução de uma visão generalizante, massificadora e que ignora as interseções das marcações sociais que provocam disposições hierárquicas nos contextos de sociabilidade homoeróticos em Florianópolis, visão presente, em termos gerais, tanto nas representações sociais dos sujeitos ligados à *indústria do entretenimento GLS* quanto nos meios midiáticos voltados ao *mercado cor de rosa*.

CAPÍTULO 2. OBSERVAÇÕES SOBRE A CIDADE, UM TERRITÓRIO DE SOCIABILIDADES HOMOERÓTICAS E OS BARES E BOATES GLS EM FLORIANÓPOLIS

A cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, tem a maior porção (mais de 90%) de seu território na Ilha de Santa Catarina e uma porção minoritária no continente, fazendo divisa com o município de São José. Sua população fixa atual (dados do IBGE em 2007) é de quase 400 mil pessoas (396 mil), sendo a segunda maior cidade do estado em número de habitantes, perdendo para a industrializada Joinville, no norte do estado.

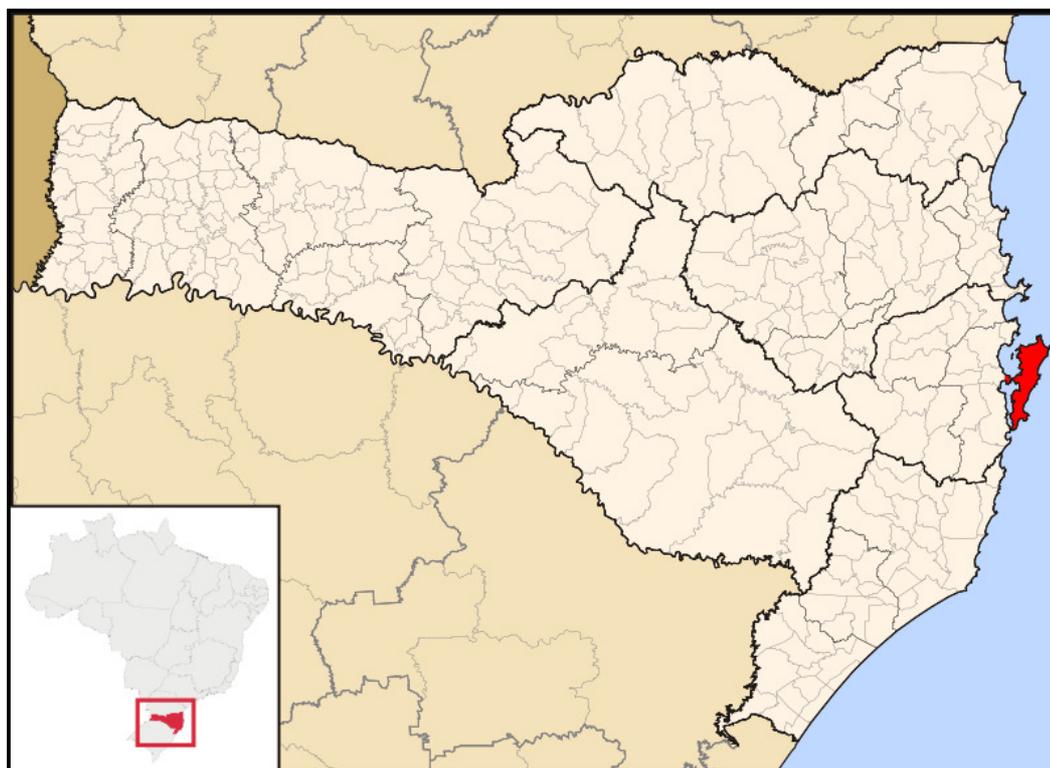


Ilustração 01: Localização de Florianópolis (em vermelho) no Estado de Santa Catarina e do Estado no Brasil. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:SantaCatarina_Municip_Florianopolis.svg

A cidade é marcada pela presença do funcionalismo público federal, estadual e municipal, (concentrando campi de uma Universidade Federal e uma Estadual o que provoca a afluência periódica de milhares de estudantes à capital) e tem sua economia estreitamente

ligada com a exploração turística nos períodos de alta estação⁴³, no verão, quando sua população mais que duplica, chegando a cerca de um milhão de habitantes (em especial próximo às festas de fim de ano e o carnaval)⁴⁴. O turismo voltado ao *dinheiro cor-de-rosa*⁴⁵, também cresce expressivamente na cidade, sendo que a própria prefeitura organiza, nos períodos de carnaval, um espaço público de festa, conhecido como *Carnaval do Roma*⁴⁶, com palco e atrações do *mundo gay*, na Avenida Hercílio Luz.

A região do centro é a segunda mais populosa da cidade, (concentrando aproximadamente 90 mil pessoas, ainda segundo dados do IBGE em 2007⁴⁷), perdendo para a região continental, com pouco mais de 103 mil pessoas. Em seguida vêm o sul da Ilha com 76 mil, o norte com 64 mil e o leste, com 61 mil habitantes.



Ilustração 02: O centro representado pela mancha marrom-escuro no Distrito Sede.

É possível perceber em Florianópolis um processo semelhante ao descrito por Canclini (1997: 81) quanto à expressão de “*ciudades multifocales, policéntricas*”: na mesma cidade, múltiplos centros urbanos relativamente independentes. Embora possa se afirmar que há uma

⁴³ Segundo dados governamentais relativos ao turismo no estado de Santa Catarina, (cenário que Florianópolis é destaque) “a temporada de verão 2007 foi a melhor dos últimos 10 anos. O movimento de turistas alcançou 3,1 milhões, gerando uma receita estimada de US\$ 777 milhões e uma taxa de ocupação na rede hoteleira de 70,16%”. – Fonte: <http://www.santacatarinabrasil.com.br/pt/qualidade-de-vida/>

⁴⁴ São comuns, principalmente nos períodos de pico populacional, problemas como racionamento e falta d’água, assim como o quase esgotamento da capacidade de recolhimento do lixo no município, aumento dos congestionamentos, entre outros problemas estruturais e de planejamento urbano.

⁴⁵ Ver Resende (2003).

⁴⁶ Ver Silva (2003).

⁴⁷ Fonte: <http://www.ibge.gov.br>

clara concentração urbana principal – o centro urbano, onde também onde se localiza o centro histórico – há outras aglomerações urbanas expressivas, em especial no período de alta estação, no verão. Assim, há pontos do norte da Ilha de Santa Catarina, por exemplo, que durante o ano todo, têm uma existência relativamente independente do centro da cidade, posto que possuem a infraestrutura mínima necessária para tanto.

Esta expressão de *multifocalidade* e *policentrismo* se estabelece também em outras áreas da cidade, como o leste (Lagoa da Conceição, Campeche, etc.) assim como em áreas do continente, onde já ocorre o processo de conurbação, típico do estabelecimento metropolitano. Entretanto, creio que tal processo não se desenvolveu de maneira a fazer que o *imaginário urbano* (Canclini, 1997) já expresse imagens metropolitanas clássicas como ocorre em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro ou Porto Alegre.

Apesar de ser uma cidade com mais de um milhão de pessoas no verão e, ao somar sua população com o restante da região metropolitana⁴⁸ chegar a mais de 800 mil pessoas, há ainda, de muitas formas, a expressão de relações distintas daquelas esperadas para uma cidade que, ao menos legalmente, se intitula conformadora de uma região metropolitana. Existem diversas áreas em que se estabelecem sociabilidades muito próximas àquelas atribuídas a um contexto rural (ou ao menos bastante distintas do que se espera de sociabilidades urbanas/metropolitanas), como em regiões do bairro Rio Tavares (no leste ilhéu), assim como no sul da Ilha e em outras regiões onde também se estabelece a pesca artesanal, perpetuada geracionalmente. Estas configurações marcariam a coexistência de distintas características (urbanas x rurais⁴⁹) na cidade, algumas vezes em áreas contíguas⁵⁰.

Se fôssemos fazer uma pesquisa em Florianópolis inspirada naquela efetuada por Canclini (1997) na Cidade do México – na qual o autor concluiu que existiriam não apenas uma, mas ao menos quatro cidades coexistindo em um mesmo território – um importante fator que aqui criaria *duas cidades*, muito mais que a percepção da convivência destas distintas características (urbanas x rurais), seria a questão alta x baixa temporada, em especial em relação ao mercado turístico que guia a cidade. A dinâmica comunicacional, os fluxos, as

⁴⁸ Conformam a região metropolitana de Florianópolis, além da capital, outros oito municípios: São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas e São Pedro de Alcântara.

⁴⁹ Além da pesca artesanal, há também o feitiço de bebidas artesanais (em especial a cachaça) assim como a produção de farinhas e artesanatos como a renda de bilro entre outras expressões de pequena produção, comuns na Ilha de Santa Catarina e em comunidades de colonização açoriana no continente.

⁵⁰ Canclini (1997: 70-72), entretanto, assim como uma longa tradição de antropólogos, faz a crítica das definições de *urbano* estabelecidas até então, (e que para ele estariam falidas, entre outros fatores, pelo fato de expressarem parcelas do que seria urbano, coexistindo apenas “*como partes de lo verosímil*”) afirma que seria um equívoco estabelecer o *a priori* do urbano taxativamente oposto ao rural.

circulações – e em especial o uso ostensivo de línguas alternativas ao português por turistas sulamericanos, estadunidenses, europeus, etc. – seriam fatores constituidores de uma *outra cidade*, fortemente *multicultural* e *cosmopolita* que se forma nos meses de verão.

Apesar disso, a cidade expressa muitas contradições e paradoxos, posto que é comumente acusada⁵¹ de não oferecer tantas oportunidades culturais ou de lazer quanto outras capitais sulistas (em especial em relação a shows, concertos, eventos, festas, Shopping Centers⁵², etc.). Esta acusação se reflete especialmente em uma maior valorização da noite GLS da cidade, segundo seus freqüentadores, quando da alta temporada mais marcada por traços de cosmopolitismo e vida cultural efervescente devido à afluência de turistas de outras cidades e estados (SP, RJ, BH, Porto Alegre, assim como do interior do estado de Santa Catarina), como veremos mais adiante.

Por suas belezas naturais (mais de 40 praias, duas baías, montanhas, lagoas, e inúmeros outros atrativos paisagísticos), assim como pela fama de ter uma boa classificação no Índice de Desenvolvimentos Humano e de qualidade de vida (considerada a melhor capital no Brasil para se viver, sendo dados da ONU em 2000), Florianópolis têm atraído milhares de novos moradores todos os anos, dinâmica que já vêm ocorrendo nas últimas décadas e tem causado graves problemas quanto à ocupação territorial e no equilíbrio social e natural da cidade, em grande parte pelo avanço vertiginoso da indústria da construção civil, que não poupa o que sobrou da mata atlântica e dos manguezais da cidade. Outra conseqüência é a ocupação desordenada de encostas de morros, como no caso das comunidades do Maciço do Morro da Cruz: um complexo de favelas que comprime o centro da cidade contra o mar das baías norte e sul, estabelecendo uma triangulação espacial do território (baía norte x montanha x baía sul).

⁵¹ Em especial em jornais e programas televisivos, assim como por novos moradores, geralmente vindos de cidades maiores.

⁵² O caso dos shopping centers é interessante: o primeiro (desconsiderando-se as galerias comerciais) se estabeleceu na década de 1980, no continente, em área próxima à BR-101, na cidade de São José, (hoje conurbada com Florianópolis). No início da década de 1990, foi construído o segundo shopping, este na Ilha, no local onde antes existia o estádio de um dos times da cidade, na Beira Mar Norte (área nobre). E apenas no fim do ano passado (2006) foi inaugurado o terceiro shopping, em área um tanto afastada das principais aglomerações urbanas, no bairro Monte Verde, uma área considerada mais empobrecida, à beira também de uma rodovia, a SC-401, caminho para as populares e superlotadas praias do norte da Ilha. Em abril de 2007 foi inaugurado o quarto shopping, este entre os bairros Santa Mônica e Trindade, área considerada de alto valor imobiliário e centralizada quanto à questão da concentração urbana. É interessante perceber que tanto o shopping no bairro Monte Verde quanto o inaugurado no bairro Santa Mônica estão localizados em áreas de preservação ambiental da Ilha (ambos estão praticamente sobre áreas de manguezais, estando ambos os shoppings com sérios problemas legais, o primeiro por infringir leis ambientais, e o segundo por envolvimento na Operação Moeda Verde, o escândalo de compra de licenças ambientais). Há ainda o projeto de um quinto shopping na região metropolitana, este também na Ilha, e seria o maior do estado, localizado no bairro Itacorubi, também muito próximo ao manguezal. Entretanto, as últimas notícias que obtive afirmavam que estava legalmente impedido de ser construído também devido a problemas jurídicos relacionados ao meio ambiente.

Apesar da citada expressão de multifocalidade, o centro da cidade é que foi escolhido enquanto *locus* de pesquisa. Esta escolha não ocorreu apenas pela facilidade de locomoção ou por uma exequiabilidade simplista na delimitação do campo espacial, mas principalmente pelo fato de que foi nas imediações de determinadas ruas e praças da região do centro histórico de Florianópolis, que os espaços da noite GLS se estabeleceram com maior expressão desde a década de 1970⁵³ (ERDMANN, 1981; SILVA, 2003; HENNING, 2005; CÓRDOVA, 2006). Portanto, sendo a intenção desta pesquisa estudar as relações sociais nestes contextos da cena GLS, seria conveniente e apropriado investigar os espaços onde as sociabilidades homoeróticas se desenvolveram mais expressivamente.

Analisando os bares e boates ligados à cena GLS e as avenidas, ruas e praças em que se estabeleceram desde os anos 1970, é possível perceber que houve uma concentração desses estabelecimentos especialmente nas imediações da Avenida Hercílio Luz, da Rua Felipe Schmidt, e das Praças XV de Novembro e Getúlio Vargas - esta última popularmente conhecida como Praça dos Bombeiros (HENNING, 2005). O destaque em termos de concentração desses espaços de sociabilidades é a região da Avenida Hercílio Luz, onde também ocorre o “Carnaval Gay do Roma”.

Uma das primeiras tarefas foi a elaboração de uma cartografia descritiva das ruas, praças, avenidas, bares, boates e outros espaços públicos onde tais sociabilidades foram mais perceptíveis em minha etnografia, para, em seguida, adentrar na descrição densa pormenorizada de cada espaço focado. As configurações hierárquicas e as interseccionalidades de gênero, classe, raça, geração e corporalidade, embora apresentadas em seus traços gerais já neste capítulo, serão aprofundadas analiticamente no terceiro capítulo da dissertação.

Minha pesquisa analisou informações provindas de minha convivência prolongada com distintos sujeitos da cena GLS em um recorte empírico que contemplou os contextos de sete espaços sociais: quatro bares e boates GLS, assim como um *fast food* e dois espaços públicos também freqüentados por pessoas ligadas à cena GLS. Todos os espaços selecionados para esta pesquisa não fogem à regra e estão neste território tradicional dos estabelecimentos voltados ao público GLS no centro da cidade.

⁵³ Na primeira metade da década de 1970 surgiram os primeiros bares reconhecidamente GLS (pelos freqüentadores e também por parte da população que não fazia parte do *ethos* GLS). A maior parte dos bares e boates GLS esteve delimitada centralmente, enquanto uma espécie de *fronteira simbólica*, nas proximidades das Praças XV e ‘dos Bombeiros’, rua Felipe Schmidt, Avenidas Mauro Ramos, Hercílio Luz, Rio Branco, assim como proximidades do Parque da Luz. (HENNING, 2005). Obviamente estes não foram os únicos espaços onde bares e boates GLS estiveram presentes na cidade de Florianópolis, mas trata-se do território em que estiveram mais expressivamente constantes. Outros autores também buscaram mapear/pesquisar os territórios GLS em Florianópolis (ERDMANN, 1981; SELL, 1987; OLIVEIRA, 1997; PERUCCHI, 2001; SILVA, 2003).

usadas para que práticas homoeróticas se estabelecessem desde a primeira metade do século XX e não apenas em contextos carnavalescos⁵⁴. O trabalho de Córdova (2006), o qual traz uma importante discussão de geração em interseção com homossexualidade, também apresenta através de entrevistas com sujeitos mais velhos o uso de espaços do centro da cidade para sociabilidades homoeróticas já há várias décadas.

Algo interessante a citar, e que quebra a tradição das sociabilidades homoeróticas no território tradicional GLS do centro da cidade, é o local de ocorrência da Parada da Diversidade em Florianópolis, após seu surgimento, em 2006, (seguindo a dinâmica da criação de mega “paradas gays” de São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais do país). Embora a análise das Paradas na cidade não seja objetivo desta pesquisa, acompanhei o percurso de três edições da manifestação em Florianópolis (2006, 2007 e 2008). O caminho da manifestação não se desenvolveu nas ruas do território tradicional dos bares e boates GLS, mas sim na Avenida considerada um dos principais símbolos de status e poder econômico da cidade, a Beira-Mar Norte. Nas três edições se iniciou onde atualmente se encontra o bar Koxixo’s e terminou no trapiche da Beira Mar, próximo à casa noturna El Divino, (ambos não considerados como GLS). A reunião de mais de 20 mil pessoas em tal Avenida parece fazer com que a cidade, ao menos uma vez ao ano, e em seu ponto mais valorizado, veja e admita a manifestação de práticas que no restante do ano só podem ser vislumbradas em determinados pontos, para muitas pessoas circunscritas apenas aos bares e boates GLS da cidade⁵⁵.

A seguir parto para uma análise de algumas características do território pesquisado, assim como da importância dos bares e boates GLS para a constituição de subjetividades (e de vínculos identitários) para homens e mulheres com práticas homoeróticas.

⁵⁴ Como pontos de *pegação* (encontros e práticas sexuais fortuitas) no espaço público do centro da cidade, Córdova (2006) cita o aterro da baía sul e em especial o trecho abaixo e entre as duas pontes mais recentes que ligam a ilha ao continente (na cabeceira insular): “O aterro da baía sul, agora já ajardinado e ocupado por diversos aparatos públicos, que povoou a juventude e Ricardo (46 anos) e foi também assinalado por Erdmann (1981). Se os encontros continuam a acontecer por toda aquela área é, entretanto, sob as pontes Colombo Salles e Pedro Ivo que interligam a ilha ao continente, que os homossexuais se concentram mais nas madrugadas. Agenor (71 anos) admite, no entanto, que prefere encontrar com os meninos da avenida Hercílio Luz, a sua Broadway” (Córdova, 2006:203).

⁵⁵ A organização da Parada, em Florianópolis está em sua gênese ligada ao processo de propaganda e visibilidade dos bares, boates, e outros estabelecimentos voltados ao público GLS (mais até do que ao próprio processo de luta por direitos sociais, fato que provoca fortes críticas de ativistas do movimento LGBTTT da cidade que acusam os organizadores da Parada de “mercantilizar a sexualidade”). A presença da AEGLBTS/SC, (a Associação de Empreendedores Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes de Santa Catarina que organiza a Parada) visa estabelecer e fazer progredir um *mercado cor-de-rosa* mais estável na cidade – em especial para os espaços de sociabilidade GLS. O que já se vê há alguns anos, por exemplo, ocorrendo em Paradas do porte da paulistana, que reúne mais de 3 milhões e meio de pessoas.

2.1 O território e os espaços de sociabilidades homoeróticas no centro da cidade

O centro, como já afirmado, concentra a maior parte dos espaços de sociabilidades homoeróticas da cidade, embora tais espaços não estejam limitados a tal circunscrição, como apontam os trabalhos de Córdova (2000); Godoy (2001); Perucchi (2001), Vencato (2002); Silva (2003).

Quanto à maneira de caracterizar as áreas onde ocorrem sociabilidades homoeróticas Perlongher (1986) afirma que não se desenvolvem em São Paulo (e no Brasil) *ghettos* à semelhança dos que se estabelecem nos Estados Unidos e Inglaterra⁵⁶. Para que aqui existissem guetos, Perlongher (1986: 52-53), afirma que seria necessário cumprir 4 critérios:

- a. *Concentração institucional* – neste caso bares, boates, saunas e pontos de *pegação*. Perlongher (1986: 53) afirma que, diferentemente das metrópoles do primeiro mundo, a “área gay (em São Paulo) superpõe-se com outras ‘concentrações institucionais’, principalmente de prostitutas”.
- b. *Concentração por “área de cultura”*, entendida como espaço de manifestações múltiplas, tais como linguagem, “proliferação de gestos, indumentárias e gírias” específicas.
- c. *Isolamento social*: manifestações públicas de homossexualidade e “diversas variantes da sexualidade ‘desviante’”, (Perlongher, 1986: 55).
- d. *Concentração residencial*: o autor afirmava que este requisito, em especial, não se realizava em seu sentido estrito, e creio que também não ocorre no “território gay” de Florianópolis.

Desta forma, os requisitos apresentados para a existência de um *ghetto* não se cumpririam na sua totalidade, na cidade de São Paulo, assim como creio que também não se cumprem atualmente em Florianópolis. Por esses motivos, assim como por não ter encontrado o uso corriqueiro do termo “gueto” por meus interlocutores, não o utilizo como categoria relativa ao território e aos espaços de sociabilidade homoeróticas na cidade.

Dos quatro critérios, entretanto, creio que se desenvolvem em Florianópolis com maior expressividade: “concentração institucional” (os bares e boates GLS do centro florianopolitano estiveram historicamente concentrados em determinadas ruas, avenidas e

⁵⁶ Silva (2003), também chega a conclusão semelhante.

áreas do centro histórico desde a década de 1970) e – com ressalvas – concentração por “área de cultura”, posto que a noção é problemática pela impressão materializadora e fixa que remete⁵⁷.

A título de apresentar uma breve contextualização política é possível afirmar que o estabelecimento do território de sociabilidades homossexuais da cidade foi marcado por forte resistência das pessoas que freqüentavam estes “espaços GLS”, principalmente contra forças policiais, posto que na década de 1970, época de ditadura e conservadorismo, estes espaços de convivência eram freqüentemente atacados (Henning, 2005). Defender esses espaços de sociabilidade significava muito mais do que manter o lazer nos tempos vagos; significava principalmente a manutenção das relações sociais, afetivas e eróticas realmente desejadas.

Além disso, inclusive em termos políticos e sociais, os bares e boates GLS foram centrais, no pós-guerra (em especial na década de 1960) para a criação do sentimento de unidade e de identidade sexual (Adelman, 2000:167). Isto se reflete em entrevistas realizadas na pesquisa para meu TCC, quando obtive relatos de que gays e lésbicas freqüentadores dos *bares pioneiros*⁵⁸ eram agredidos e presos durante batidas policiais, no entanto, sempre retornavam aos seus espaços de sociabilidade como maneira de garantir o direito de vivenciar conjuntamente suas experiências intersubjetivas (Henning, 2005).

A dinâmica do estabelecimento dos primeiros bares e boates em espaços onde sociabilidades homoeróticas podiam se estabelecer, é importante ressaltar, ocorria através de uma espécie de disputa espacial e política, em que tais locais começavam a ser freqüentados por homens e mulheres com práticas homoeróticas, e o antigo público “heterossexual” acabava sendo paulatinamente afastado, o que muitas vezes provocava grandes embates entre o novo e o antigo público. Silva (2003) afirma que esses homens e mulheres com práticas homoeróticas, quando começavam a freqüentar determinados espaços que lhes apeteciam, desenvolviam uma dinâmica propagandística centralmente através de divulgação boca a boca, o que resultava em uma tomada daquele espaço, antes “hétero”, e em sua transformação em predominantemente GLS.

Assim, o estabelecimento deste território da noite GLS em Florianópolis ocorreu de forma que gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros entre outros freqüentadores, reunidos nos parques bares e boates GLS na década de 1970 e primeira metade

⁵⁷ Embora Perlongher (1986) utilize o termo ‘gueto’ com um conteúdo semântico distinto daquele que poderia ser expresso nos Estados Unidos e o remeta aos *points gays* paulistanos, eu prefiro não utilizar tal denominação em relação aos espaços GLS de Florianópolis pelo fato do termo ainda ser percebido enquanto de ambientação fechada, circulação restrita e relações fixas, o que não se reflete em tais espaços.

⁵⁸ Refiro-me aos primeiros bares reconhecidos socialmente como voltados ao *público GLS*.

da década de 1980, *necessitavam resistir conjuntamente*, permanecer freqüentando determinados espaços, não apenas para garantir que continuassem existindo, mas para garantir que determinadas sociabilidades pudessem permanecer ocorrendo da maneira desejada.

Adelman (2000:167), abordando o florescimento do movimento homossexual nos EUA nos anos 1960, pontua a relevância dos espaços de sociabilidades para o desenvolvimento de uma noção de pertencimento identitário quanto à sexualidade. A autora afirma que as grandes cidades propiciaram as condições para o estabelecimento de espaços de convivência “onde pessoas com interesse erótico em outras do mesmo sexo podiam se conhecer e começar a construir uma identidade”.

Segundo ela, a vida social nos bares GLS, nos Estados Unidos, foi crucial para a manutenção do que chama de “subcultura gay”, uma vez que o bar era “o único espaço público de encontro para mulheres e homens homossexuais e de alguns grupos políticos, assim como jornais e revistas produzidos dentro e para a comunidade gay, de circulação local e nacional” (Adelman, 2000:168). É possível fazer um paralelo em termos da relevância dos bares e boates GLS nos Estados Unidos para o estabelecimento de novas visões de identidade sexual também com o contexto brasileiro, uma vez que inúmeras pessoas mantêm sua orientação sexual oculta ou difusa e só expressam publicamente seus anseios, desejos e afetos homoeróticos no âmbito destes espaços. Muito deste receio de publicizar a orientação sexual se deve ao medo de represálias e aos vários tipos de violências homofóbicas.

No caso de Florianópolis, durante a primeira metade da década de 1990, Lisabete Coradini (1995)⁵⁹ apresenta informações, referentes ao espaço e sociabilidades no centro histórico - enfocando a Praça XV - e acaba por confirmar manifestações violentas das forças policiais principalmente contra gays e travestis freqüentadores da praça:

“Um travesti me disse que: ‘se eu tô com batom, espelinho eles quebram o espelinho e fazem comer o batom. Fazem sacanagem’...⁶⁰ Um outro freqüentador (homossexual) confirmou a opinião do travesti, dizendo que a polícia: ‘pegam a gente e levam pro camburão e na polícia não dá pra levar, eles vão nos levar pra fazer o quê? Às vezes tem um comandante bonzinho. Vê que eles estão errados e soltam a gente. Mas senão eles levam a gente pro cemitério, pro aterro, para uma praia, soltam a mão na cara, baixam o pau na cabeça e transam com a gente, o que é pior. Dizem que bicha não pode andar na rua, super discriminam, mas transam com a gente, já cansei de transar com guardas. E não tem essa não, que você tá com AIDS, bobagem. Eles

⁵⁹ Ver o trabalho de Coradini (1995) sobre as sociabilidades no contexto da Praça XV.

⁶⁰ É interessante notar que as travestis, comumente encontradas nos arredores da Praça XV durante as décadas de 1980 e 1990, se *reterritorializaram* em algumas áreas do continente (em especial, segundo relatos, na área do bairro Kobrasol, cidade de São José). Em meu período de campo, porém, pude encontrá-las também nas imediações da Av. Hercílio Luz, novamente no centro da cidade.

transam mesmo. É assim, com farda é uma coisa, sem farda é outra”’.
(CORADINI, 1995: 140-141)

Nesta primeira década do século XXI pude receber vários relatos em minha pesquisa para a dissertação, de que manifestações de violência homofóbica permanecem existindo na cidade e há inclusive denúncias de assassinatos de homossexuais e travestis e agressões por parte de policiais e militares⁶¹ (Pereira, 2006).

Segundo grande parte dos relatos, as agressões homofóbicas, além daquelas que se estabelecem nas próprias residências dos agredidos, ocorrem nas ruas, em espaços de sociabilidades homoeróticas e áreas próximas (Pereira, 2006). Estes atos de agressão em áreas públicas, na maior parte das vezes ocorrem no período noturno. As sociabilidades à noite são uma característica forte no estabelecimento desses bares e boates.

Já foi citada a importância para o estabelecimento da cena GLS da cidade da questão da alta x baixa temporada. Há, porém, outros recortes que dão sentidos distintos para o mesmo território, como por exemplo, essas apropriações diferenciadas do espaço quando é dia e quando é noite, uma vez que os espaços do *território GLS* se manifesta na maior parte das vezes durante a noite. Durante o dia, (embora também se estabeleçam sociabilidades homoeróticas em espaços do centro, como veremos), as ruas, praças e avenidas são espaços públicos cujas práticas e usos sociais tendem a ser *significados* de maneiras distinta das derivas, circulações e sentidos presentes no período noturno.

Sendo assim, as fronteiras simbólicas deste território não seriam demarcadas apenas por quais ruas determinadas pessoas circulam e quais não, mas também pelo distinto processo de significação espacial dado pelos sujeitos aos espaços públicos urbanos quando é dia e quando é noite⁶². As fronteiras simbólicas - contextuais e relacionais - contêm informações que permitem, inibem, autorizam, proíbem, etc. determinadas atuações sociais. São igualmente políticas, pois podem ser (e geralmente são) definidas através de disputas e embates simbólicos pelo direito ao uso dos espaços públicos.

⁶¹ Quanto ao quadro nacional, ver Mott (2002).

⁶² Na verdade, creio que as possibilidades de atuação e significação espacial não estão contidas apenas neste dualismo dia x noite, mas também em outros fatores contidos tanto no período diurno quanto no noturno e que fazem com que mesmo durante o dia, determinadas sociabilidades homoeróticas possam ser vivenciadas, como por exemplo, nas Paradas da Diversidade de 2006, 2007 e 2008 (ocorridas fora do território GLS mais tradicional de Florianópolis), terem ocorrido em grande parte durante o dia. Outro exemplo ocorre na área do *fast-food* Sahara, próxima à praça XV, onde um expressivo número de adolescentes que vivenciam experiências homoeróticas se encontra, ‘ficam’ e se expressam afetivamente à luz do dia. O mesmo também ocorre durante o carnaval, (Silva, 2003). Nestes casos, outras regras de apropriação e significação do espaço entram em jogo, também durante o dia.

Um exemplo disso poderia ser dado no contexto de uma boate GLS na região da Avenida Rio Branco. À noite os moradores locais, assim como as pessoas que circulam a pé e nos carros por aquela região estão mais habituados à visão de casais de rapazes ou garotas demonstrando afeto mútuo (abraços, carinhos, beijos, etc.), visão que é praticamente impensável durante o dia, posto que o universo diurno daquela Avenida torna incabível (e arriscado para o casal) a visão, por exemplo, de dois rapazes se beijando.

Esta diferença nas sociabilidades durante o dia, ou durante a noite também se reflete na dinâmica subjetiva e dos estilos de vida de muitos dos frequentadores destes espaços, como expresso na matéria “*Quem é você no dia?*”, da revista “*A Capa*”⁶³. A matéria aborda as distintas vidas e as ocupações de cinco pessoas durante o dia e durante a noite: há gerente comercial que se transforma à noite em DJ, faxineira que à noite é *drag queen*; vendedora que é *performer*, secretária que é *hostess* e um assessor empresarial que à noite é *go-go boy*. A matéria denota, em relação a alguns dos entrevistados, que não haveria um abismo entre as ocupações e estilos de vida diurnos e noturnos (todos teriam alguma relação com a cena GLS mesmo durante o dia e não esconderiam, por exemplo, a vida dupla ou a orientação sexual). Entretanto, através de conversas e entrevistas em minha pesquisa, foi possível perceber que para muitos dos frequentadores de festas em casas noturnas GLS, haveria pouca ou nenhuma relação entre as sociabilidades vivenciadas durante o dia e aquelas que ocorrem à noite. Para colegas de trabalho e para a família, por exemplo, a vida desses interlocutores à noite seria uma vivência nebulosa, não comentada ou escondida através de pequenas mentiras, etc. diferentemente do que tenderia a ocorrer com os “héteros”, os quais não teriam tantos motivos para omitir a maior parte das festas as quais frequentam. Alguns de meus interlocutores afirmavam que necessitavam (ou conheciam muitas pessoas que precisavam) permanecer durante o dia “no armário”, enquanto à noite tinham maior ou total liberdade para viver seus anseios.

Seria possível, desta forma, encontrar mais duas cidades, se analisado o *território GLS*: aquela estabelecida quando é dia e aquela quando cai à noite. As dinâmicas e interações sociais se estabelecem de maneira extremamente distinta, em especial quando se trata dos bares e boates do território GLS em Florianópolis, expressivamente marcados pela “cidade noturna”.

⁶³ “*A Capa*” é uma revista de distribuição gratuita voltada ao público GLS sediada em Curitiba, sendo distribuída nos estados do Sul e Sudeste. A matéria citada se encontra na edição número 3, de abril de 2007, nas páginas 20 a 22. Esta é uma das revistas analisadas no terceiro capítulo desta dissertação sobre mídia GLS.

2.2 Bares, boates, saunas e vídeo bares GLS

No período em que estive em campo, o primeiro semestre de 2007, oito estabelecimentos voltados às sociabilidades GLS estavam abertos no centro de Florianópolis. Dentre esses espaços foi possível encontrar quatro principais categorias: *bares*, *boates*, *saunas* e *vídeo bares*.

Dos oito estabelecimentos, dois eram da categoria *vídeo bar*, e dois eram *Saunas*. A dinâmica de interação social em *vídeo bares* e *saunas* é muito distinta dos bares e boates, uma vez que nele os homens (é vedada a entrada de mulheres) geralmente se inserem em uma relação mais diretamente sexual, ou seja, neles se paga um valor de entrada (médio de R\$10,00) para que se possa encontrar parceiros para interações erótico-sexuais que acabam ocorrendo no interior desses estabelecimentos. Não há a contratação de garotos de programa pelos administradores do estabelecimento, entretanto é possível trazer michês contratados de fora ou encontrar michês independentes dentro, à procura de clientes. No caso dos *vídeo bares*, seus espaços internos são salas, corredores, “labirintos” e cabines para *pegação*. Possuem monitores, televisores e em um deles inclusive computadores com acesso à internet para que os clientes tenham acesso a fotografias e vídeos pornôis (vem daí o nome *vídeo bar*). No caso das *saunas*, há espaços propriamente para permanecer em saunas, embora entre os clientes a ida a estes espaços tem como um dos objetivos principais, segundo relatos, a efetivação de práticas sexuais⁶⁴.

De certa forma, os *vídeo bares* e as *saunas* proporcionam uma *pegação* institucionalizada – um espécie de normatização da *pegação* - aparentemente mais segura quanto à violência homofóbica que se expressa nas ruas, para aqueles que tiverem dinheiro para a entrada, assim como coragem e interesse. Não pesquisei as sociabilidades nestes locais (adentrei durante a pesquisa em apenas um *vídeo bar*, em uma única ocasião) e, portanto captei mais os discursos nativos do que pratiquei uma convivência mais longa com os freqüentadores *in loco*. Pelo fato de terem uma dinâmica, em termos gerais, muito distinta do restante dos espaços – e principalmente por questões de exequibilidade - optei por não

⁶⁴ Não cheguei a freqüentar nenhuma sauna e poucos de meus interlocutores se afirmaram freqüentadores desses espaços, o que dificulta a descrição adequada desses espaços.

pesquisar *video bares* e *saunas*, e me ater aos quatro outros *bares* e *boates* e a mais três outros espaços: dois públicos e um semi-público.

O que distingue os *video bares* e as *saunas* dos *bares* e *boates*, em termos gerais, além do fato de abrirem geralmente das 15h às 23h (ou seja, também durante o período diurno) é o tipo de sociabilidade que se estabelece em cada contexto. Os *bares* e *boates* GLS pesquisados, não costumam possibilitar infraestrutura para atos propriamente sexuais em seu interior, com exceção de uma das *boates* que possui *dark room*⁶⁵. Entretanto, dentro da maioria dos *bares* e *boates* mesmo sem locais específicos que possibilitem atos sexuais, alguns dos frequentadores desenvolvem táticas para driblar essas limitações, usando cabines de banheiros e espaços mais escuros dos *bares* e *boates*. Tanto os frequentadores de *video bares* e *saunas* quanto aqueles que mantêm relações sexuais em *dark rooms* geralmente tendem a ser associados pejorativamente à categoria *bagaceirice*⁶⁶.

Quando perguntava para as pessoas frequentadoras de casas noturnas GLS (assim como *promoters*, gerentes e donos das referidas casas) quais eram as diferenças entre um bar e uma boate, geralmente as respostas recorrentes eram:

- *Bar*: quando não há pista de dança e a interação não permanece centrada na dança. Haveria uma tendência das pessoas permanecerem mais sentadas, no consumo de bebidas e conversas entre os presentes. As pessoas viriam mais para conversar, beber e encontrar outras pessoas do que propriamente para dançar. Geralmente os *bares* têm espaço físico mais reduzido que as *boates*.
- *Boate*: quando há pista de dança a interação social está centrada nas relações que se estabelecem na pista (danças, conversas, exposição, flertes, etc.). As pessoas também viriam para conversar, beber, encontrar alguém, mas a presença e importância da pista de dança – e o dançar em si - seria muito relevante.

Embora as respostas, em termos gerais fossem semelhantes quando se tratava de conceituar “bar” e “boate”, começavam a aparecer mais discordâncias quando eu perguntava em qual categoria se encaixava cada casa noturna pesquisada. Para muitas pessoas, a casa noturna “A” era “bar” e para outras era “boate”. E mesmo para mim, ao assumir o conceito

⁶⁵ *Dark room* (traduzindo literalmente do inglês: *quarto escuro*) é um espaço destacado do restante dos ambientes sociais da casa noturna, onde as pessoas que desejem manter relações sexuais possam fazê-lo. É um ambiente de uso coletivo (quase sempre um espaço pequeno) e seu interior costuma ser bastante escuro para evitar reconhecimentos indesejados. No contexto da maior parte das casas noturnas, admitir ter estado em um *dark room* não é algo bem visto, e isto pode fazer com que aquele que confesse seja incluso na categoria *bagaceiro*, que será abordada mais adiante.

⁶⁶ Esta categoria, assim como a categoria *carão*, acaba posicionando as pessoas frequentadoras desses espaços em esquemas morais e hierárquicos. A análise destas categorias será feita na discussão de classe, no terceiro capítulo.

nativo, tornava-se complicado, por exemplo, afirmar que a casa noturna “B”, que não possuía pista de dança, era um “bar”, pois, quando havia um bom *DJ*⁶⁷ tocando, as pessoas acabavam todas dançando, mesmo sem pista, por entre as mesas mesmo e nos espaços livres. Entretanto, considerando as definições locais para “bar” e “boate”, é possível afirmar que das quatro casas noturnas, três delas tinham mais características de “boate” (Perspective, Ode To My Pills, Undersky) e uma estaria mais próxima de “bar” (Hypefull).

Os outros três espaços entrariam na categoria “público” ou “semi-público”, dependendo do caso. Estes espaços são: um *fast-food*, que aqui denomino Sahara, o pátio de um museu e uma escadaria que dá acesso a uma igreja histórica, (os três localizados próximos uns aos outros e também no centro da cidade). Foram escolhidos, dentre outros motivos, pois destoavam da dinâmica social comum das casas noturnas de uma maneira que traria questões instigantes para a dissertação principalmente quanto à questão de geração no estabelecimento de hierarquias.

Um dos diferenciais era o uso desses espaços majoritariamente na “cidade diurna”, o que imprimia uma dinâmica incomum, instigante e um tanto arriscada para os frequentadores, pois algumas interações homoeróticas se desenrolavam muitas vezes às claras e aos olhos de todos em uma área de grande movimento urbano do centro; em segundo, por concentrarem uma parcela bem mais jovem do “público GLS”, como se fosse possível testemunhar uma espécie de iniciação social desses indivíduos no “mundo GLS”.

Destes três espaços, considereirei o *fast-food* Sahara como *semi-público* (ou ao menos a maneira da apropriação daquele espaço pelos sujeitos pesquisados), posto que ali havia um controle social provindo de entidade privada (os gerentes e funcionários do local), porém a maior parte das pessoas que pesquisei se concentrava nas mesas externas do Sahara (junto a um calçadão) onde as relações coletivas ficavam mais explícitas e o controle privado, mais frouxo (por isso *semi-público*). Entretanto, estavam ainda sujeitos às regulações de gerentes e funcionários do local.

O pátio do museu público (em frente ao *fast food*) assim como uma das escadarias históricas do centro da cidade enquadrei como *públicos*, uma vez que os reguladores sociais estão mais centrados em forças estatais como a polícia e praticamente inexistente controle por entes privados. A análise das relações sociais principalmente quanto ao recorte de geração nestes três espaços é desenvolvida no terceiro capítulo da dissertação.

⁶⁷ *Disk jokey*, o responsável pela discotecagem nas festas.

Algo que é importante ressaltar é a grande circulação de pessoas entre as casas noturnas GLS, dependendo de fatores como a quantidade de festas no dia, as atrações e o público presentes em cada festa. É comum, por exemplo, que ocorra um “esquentar” em uma casa noturna no começo da noite, para após determinado horário partir para outra e ainda, ao fim da noite, terminar a balada em uma terceira casa, o que é também facilitado devido a proximidade entre as casas noturnas (principalmente para quem possui carro). Estas circulações não pressupõem que as pessoas entrem nas referidas casas noturnas, uma vez que outro ponto comum é a circulação entre bares e boates e a concentração de indivíduos nas áreas externas, frontais (em quase todas as casas noturnas), mas sem que ocorra a entrada, o que se deve muitas vezes à falta de dinheiro para pagar as entradas. Novamente as ruas pelas quais as pessoas mais tendiam a passar nestas circulações (à pé ou de carro) eram as Avenidas Mauro Ramos, Rio Branco e Hercílio Luz e imediações (incluindo a Praça XV de Novembro e a Praça “dos Bombeiros”).

Outra característica da cena GLS da cidade está na divisão dos dias da semana entre os bares e boates GLS, em especial os dias do fim de semana (ou próximos ao fim de semana). Há acertos entre as casas noturnas, quanto aos dias em que promoverão suas festas principais. É como se houvesse uma repartição dos dias da semana em que cada dia é de uma das casas noturnas. Algumas casas não promovem festas apenas em um dia da semana, porém todos sabem que há um dia específico em que a festa que terá maior sucesso e público será a da casa “X”.

Há alguns anos esta divisão era mais definida, pois o *Undersky* e *Ode to My Pills* atualmente têm a sexta-feira como noite especial (o que gera táticas de ambas as boates para atrair clientes da concorrente, embora tenham clientelas sensivelmente distintas). O bar *Hypefull* abre de terça-feira a sábado, porém como abre às 19h e costuma fechar às duas horas da manhã acaba não sendo exatamente um concorrente, pois é visto como “esquentar” - preparação para a festa mais tardia em outra casa noturna (ao menos nos dias próximos ao fim de semana). A *Perspective*, por sua vez, tem como *sua* noite o sábado.

Esta repartição da semana costuma ficar mais definida e rígida na baixa temporada, quando o número de clientes cai bastante e é necessário disputar clientes mais aguerridamente. Quando se chega à alta temporada o acerto da repartição dos dias é afrouxado, pois o número de clientes aumenta abruptamente e é necessário mesmo que ocorram mais festas para suportar a demanda.

A seguir, inicio a descrição das casas noturnas estudadas em seus aspectos sociais e espaciais gerais. A análise específica da interseção de marcadores sociais com homoerotismo encontrada na cena GLS da cidade será trabalhada no terceiro capítulo.

As quatro casas noturnas GLS assim como o *fast food* e os dois espaços públicos pesquisados, em termos gerais, estão localizados em pontos valorizados no mercado imobiliário do centro da cidade e seguem a tendência, já constatada em minha pesquisa anterior para o TCC, de se manterem em ruas tradicionais do território GLS do centro da cidade: principalmente as imediações das Avenidas Hercílio Luz, Mauro Ramos, Rio Branco e a Rua Felipe Schmidt, assim como das praças XV e “dos Bombeiros” (ver anexo 01).

Os nomes de todos os espaços pesquisados, como afirmado, foram alterados seguindo os procedimentos metodológicos de autores como Perlongher (1986) e Guimarães (2004). A escolha dos nomes fictícios ocorreu de forma um tanto aleatória - não há uma relação direta do nome com o universo que se estabelece em cada uma destes espaços de sociabilidades - embora siga a tendência local de utilização de termos e expressões de línguas estrangeiras, principalmente o inglês e o espanhol.

2.3 Undersky: “aqui o babado é nosso!”, me diz a drag

A Undersky é uma boate nas imediações da movimentada Avenida Mauro Ramos, aberta já há cerca de dez anos, sendo atualmente a mais antiga em funcionamento. É, também, a que está mais próxima do cinturão das comunidades/favelas onde historicamente se concentraram comunidades negras na cidade e que “comprime” o centro e bairros próximos contra o mar.

Sua localização próxima à Avenida Mauro Ramos é propícia para que as pessoas venham à boate de ônibus (as principais linhas que saem do terminal central passam quase em frente à boate), o que também favorece o deslocamento de clientes de classes populares sem carro, e reforça a característica popular da casa.

Segundo relatos de interlocutores que haviam sofrido, presenciado ou ouvido histórias de agressões, pude perceber que as áreas onde ocorrem mais ataques homofóbicos são as que englobam as Avenidas Mauro Ramos e Hercílio Luz, (próximas à boate e também às comunidades) o que corrobora com a visão de maior vulnerabilidade das populações de

comunidades/favelas e de classes populares, demonstrando também que há diferenças no próprio sofrimento da homofobia, conforme recortes de classe social, raça e gênero, etc.

2.3.1 Público majoritário

O público majoritário da Undersky atualmente é composto por pessoas de classes populares, fruto, entre outras coisas, do fechamento de outras casas noturnas e de migração desse público (como se verá mais adiante na questão da hierarquia entre as casas noturnas). São homens cuja faixa etária está entre 18 e 35 anos aproximadamente. As minorias neste contexto seriam homens mais velhos, mulheres, pessoas com alto poder aquisitivo, assim como as próprias *drag queens* e as travestis; embora, como discorrerei mais adiante, as *drags* acabam tendo grande visibilidade, apesar de minoritárias.

Esta boate é também uma das que mais faz promoções no valor da entrada: é muito usual, por exemplo, no mínimo uma vez ao mês, que em uma sexta-feira a entrada seja gratuita para homens e mulheres até a uma hora da manhã, o que tende a afastar os frequentadores de classes médias e altas e atrair os das classes populares. O resultado comum é uma superlotação que às vezes beira o desagradável e o perigoso em questões de segurança⁶⁸.

Há um discurso difundido, principalmente entre gays e lésbicas de classes médias, que acusa a *Undersky* de ser o lugar por excelência das *bichas pobres*, (ou das *bichas vale transporte*), ligada também a uma acusação de espaço da *bagaceirice* (vale lembrar que a *Undersky* é a única casa noturna que possui *dark room*) e onde haveria uma maior concentração de pessoas *feias* e fora dos padrões corporais valorizados no mercado erótico da cidade.

Além da discussão de classe – a questão das *bichas-finas* e das *bichas vale-transporte* abordada no terceiro capítulo - aqui também se percebe um recorte de raça, uma vez que é

⁶⁸ Um exemplo deste perigo na questão da superlotação ocorreu, segundo relatos, em uma sexta-feira do carnaval de 2002, quando o bar estava muito lotado (possivelmente próximo a mil pessoas) após o fim das festividades carnavalescas de rua no Roma. Seu sistema de ar-condicionado recém inaugurado estava funcionando intensamente. Ao que parece, houve uma sobrecarga que gerou muita fumaça, inicialmente sentida apenas no *dark room*. Com os comentários, as centenas de pessoas começaram a tentar sair, apavoradas, porém o dono do bar à época, não queria aceitar que as pessoas saíssem sem pagar (na época o sistema de pagamento era com comandas). Ao fim, não foi possível conter os frequentadores, muitos saíram e apesar de não ter ocorrido um real incêndio houve um grande prejuízo para o estabelecimento e um grande risco de feridos, pisoteados, enfim.

também nesta boate (acusada de comportar as pessoas mais “feias”) que se percebe uma maior concentração de pessoas cuja cor da pele é mais escura (negras, pardas, etc.) grande parte também proveniente de classes populares.

Quando analiso os *flyers* (panfletos) de divulgação das festas destes bares e boates também no terceiro capítulo, constato que pessoas cuja cor de pele é não-branca estão praticamente invisíveis nas representações destes meios, o que denotaria (tanto as acusações da *Undersky* reunir pessoas “feias”, quanto à análise da invisibilidade de não-brancos nos materiais de divulgação das festas) que pessoas não-brancas não estariam tão bem posicionadas no contexto hierárquico do mercado erótico GLS.

2.3.2 Fachada, entrada e sociabilidades fora da boate

Percebe-se já na entrada, que o “clima” da *Undersky* é diferente das outras casas noturnas, principalmente pela presença de *drag queens* em frente à boate. Algumas delas são *hostess*⁶⁹ e na portaria brincam com os clientes, entregam *flyers* e revistas de distribuição gratuita, descontraem, tiram dúvidas, ouvem críticas e elogios, enfim, são verdadeiras relações públicas da casa noturna. E isto se dá principalmente pelo fato desta ser a única casa GLS da cidade onde ocorrem shows de *drag queens* (e onde elas são vistas em maior número). As travestis também são vistas na *Undersky*⁷⁰ mais do que em qualquer outra casa noturna, embora em número muito menor do que o de *drags*⁷¹. A boate funciona em uma estrutura que um dia comportou um antigo casarão de dois pisos, o que faz com que não seja um espaço amplo quanto à largura, embora tenha uma grande profundidade.

⁶⁹ *Hostess*: recepcionistas, porém com um tom mais informal dado pelas *drag queens*, que em termos gerais procuram divertir, descontrair e fazer rir aqueles que esperam (às vezes impacientemente nas filas), a entrada. Vencato afirma, sobre as *drags hostess*: “À drag que recebe as pessoas numa festa ou evento é dado o nome de ‘hostess’. Esse nome também é dado às drags que apresentam alguma premiação ou show, sendo essas atividades dirigidas ao público GLS ou não. Uma *hostess* costuma ser contratada da casa em que trabalha, no sentido de ser parte do staff ‘fixo’, uma vez que é quem ‘dá o tom’ do tipo de coisas que acontecerão na festa, que informa que atmosfera o lugar fornece a quem procura entretenimento ali. É no trabalho de *hostess*, principalmente, que a drag estabelece vínculos com os clientes das casas noturnas em que trabalha, pois é nesse espaço que tem com eles os primeiros – e talvez mais intensos – contatos” (Vencato, 2002:63-64).

⁷⁰ Encontrei travestis, sempre em pequeno número, na *Undersky* e na *Ode to My Pills* (esta última boate, mais próxima da Avenida Hercílio Luz, região onde algumas costumavam se prostituir).

⁷¹ Ficaram mais visíveis especialmente após o processo de reterritorialização que as travestis que fazem substituição de pista empreenderam das áreas no continente para as proximidades das Avenidas Hercílio Luz e Mauro Ramos.

Sua fachada, visível da Avenida Mauro Ramos, tem cerca de 7 metros de largura, e sua cor é escura, quase preta. A placa com o nome da boate não é muito grande, porém é visível a qualquer pessoa que passe à rua. Embora não exista nenhuma indicação explícita (escrita, por exemplo) de que se trata de uma boate GLS, há diferenças na questão da visibilidade dessas casas noturnas contemporâneas e algumas daquelas que eram abertas nas décadas de 1970 e 1980, marcadas por espaços mais camuflados (ou ao menos camuflados de maneiras distintas das atuais) no contexto urbano: algumas naquelas décadas, por exemplo, sequer possuíam placas indicativas de que se tratava de uma casa noturna (Henning, 2005) em um contexto em que a visibilidade e expansão das possibilidades homoeróticas e afetivas não eram as mesmas de hoje em dia (considerando-se a própria configuração social e política do Brasil na ditadura militar e da reabertura política).

Desta forma, atualmente, em três das quatro casas noturnas, os freqüentadores aparentam não recer se concentrar em frente a estes espaços. Esta concentração inclusive é muito relevante para a dinâmica das circulações dos sujeitos entre as casas, uma vez que as pessoas que circulam a pé ou de carro entre os bares e boates, (quando há mais que uma festa no mesmo dia) também escolhem em qual casa entrar através da avaliação das pessoas que estão na fila e concentradas em frente ao estabelecimento, como veremos mais adiante. Não percebi em meu campo a expressão coletiva de algum tipo de grande receio do reconhecimento da sexualidade por pessoas de fora da cena GLS (da descoberta do indivíduo “no armário”), o que não quer dizer que não existam numerosos freqüentadores destes espaços interessados em relações homoeróticas e afetivas e que se mantenham “no armário”.

2.3.3 Quem entra, quem é VIP, quem é revistado

Algumas *diferenças na diferença* já podem ser percebidas na porta de entrada da Undersky, que fica à esquerda na fachada, sendo que os clientes, ali, são quase sempre revistados por seguranças (salvo raras exceções: clientes convidados e *drag queens* famosas na cena GLS local). Nas diversas noites em que procurava chegar mais cedo que o costureiro para perceber as interações em frente à boate desde a chegada dos primeiros clientes, percebi que pessoas cuja cor da pele era mais clara, assim como as que aparentavam maior poder aquisitivo, eram superficialmente revistadas – como se para os seguranças fosse uma

desnecessária e incômoda obrigação - enquanto aquelas que tinham a cor da pele mais escura ou aparentavam ter baixo poder aquisitivo eram revistadas de maneira mais rude e pormenorizada.

O já afirmado discurso igualitário que emana dos sujeitos ligados à indústria do entretenimento GLS, (expresso em entrevistas para minha pesquisa) cujo mote principal está na afirmação de uma igualdade universal de direitos e deveres para todos sem quaisquer barreiras discriminatórias, era questionado quando se assistia à cenas como as que eu assistia no início da noite. A revista displicente das pessoas cuja cor da pele é mais branca ou que aparentam ter maior poder aquisitivo parece ser um jogo de cena para sustentar logicamente esse discurso igualitário. Assim, em especial nesta boate onde os frequentadores majoritários são provenientes de classes populares, é possível fazer a análise de dois marcadores sociais da diferença: classe e raça, que denotam uma distinção não apenas no tratamento individual das pessoas, mas principalmente no posicionamento hierárquico socialmente imputado a elas.

2.3.4 Adentrando a boate

Após passar pela revista dos seguranças, avistam-se os caixas à direita, na portaria, antes de adentrar no ambiente social. Para quem está na rua, ou esperando na fila, é impossível ver o que está acontecendo no interior da boate, uma vez que as portas de entrada têm vidros cobertos por película que imita espelho, característica, aliás, que está presente em todas as casas noturnas: a impossibilidade de ver o que ocorre dentro desses ambientes. Para alguns isso pode significar a possibilidade do anonimato relativo (para o caso dos que não querem sofrer conseqüências do estigma da homossexualidade; quem se expõe na fila, dessa forma, são os que correm os maiores riscos de reconhecimento público), porém, creio que a impossibilidade de ver o que se sucede no interior das boates é, entre outras coisas, uma tática eficaz para os dias em que a casa está com poucos clientes: as pessoas que chegam, sem perceber a casa vazia, e confiando na palavra dos seguranças e *drags hostess* que tendem sempre a afirmar “*tem bastante gente lá dentro*”, entram na boate e diminuem o “prejuízo” do público diminuto.

Quem não quer permanecer nas filas na entrada e ser reconhecido como “frequentador de boate GLS” ou então ser taxado pejorativamente de *bicha-vale transporte* (categoria de

acusação que denota “pessoa pobre”, neste caso, por estar em uma fila devido ao horário promocional), tem no mínimo duas alternativas: ou chegar cedo – e amargar a espera por mais pessoas em um ambiente ainda esvaziado – ou então chegar após o horário promocional, que se finda geralmente à uma hora da manhã, quando então os valores de entrada ficam mais altos – e desta forma gastar mais. Esta última possibilidade não é exatamente uma alternativa viável para grande parte dos frequentadores com baixo poder aquisitivo, o que dificulta as possibilidades para aqueles que não querem ser vistos em frente a uma casa noturna GLS, frente àqueles com maior poder aquisitivo.

Quanto à entrada, na Undersky é necessário pagar a quantia estipulada já na chegada (nas ocasiões em que é preciso pagar). Não há o sistema de comandas, (em que o cliente consome e paga ao fim da noite), tudo o que se consome, é pago antes de retirar os produtos (bebidas alcoólicas, refrigerantes, etc. Não são oferecidos alimentos de qualquer tipo). O valor da entrada varia dependendo da festa e circula geralmente entre R\$5,00 a R\$7,00⁷². É a casa noturna mais acessível, levando-se em conta os valores de entrada.

Possui dois pisos: no térreo funciona um bar e há quatro mesas arredondadas de mármore, assim como sofás de couro marrom junto às paredes. Esses sofás, no decorrer da noite são os pontos mais confortáveis para casais trocarem carinhos e beijos, assim como para se procurar possíveis companheiros. Ao fim da noite as mesas e sofás geralmente ficam ocupadas por pessoas alcoolizadas e passando mal.

2.3.5 As donas do pedaço

Logo após adentrar na área social da Undersky, é possível se deparar com um grande espelho à esquerda, sobre os sofás, e um menor à direita – este sob a escada que leva ao piso superior - frente aos quais as pessoas costumam sempre conferir se o cabelo, as roupas, a maquiagem, enfim, estão adequadas. Este ponto é o melhor iluminado entre as áreas sociais da casa (com exceção do banheiro) e é onde as *drag queens*, em especial, costumam se concentrar, ficando em frente aos grandes espelhos conferindo a *montaria*⁷³, assim como

⁷² Sem possibilidade de utilizar o valor da entrada como crédito de consumo de bebidas.

⁷³ Segundo Vencato (2002: 05) “*montar-se* é o termo ‘nativo’ que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir ou produzir-se” e que se aplica, entre outros sujeitos, às *drag queens*.

cumprimentando e conversando com os conhecidos e clientes que chegam. Este é o espaço da casa que mais privilegia a visibilidade individual, levando em conta a iluminação excelente (parecendo um holofote de espetáculos de palco) e o jogo de espelhos, o que valorizaria certo ar *glamouroso*. As primeiras pessoas vistas por quem entra na boate estão neste espaço. Todo o ambiente da casa é refrigerado através de um sistema de ar-condicionado moderno que não é suficiente, porém, quando se chega à lotação máxima, mesmo no período mais rigoroso do inverno, o calor dentro da boate acaba sendo muito intenso.

Interpreto essa posse das *drags* de um dos pontos de maior visibilidade da casa, como uma espécie de possessão simbólica da Undersky, em que reafirmam o espaço social, no contexto dos bares e boates GLS da cidade, onde estão mais bem posicionadas hierarquicamente, o que se materializa naquilo que uma delas me disse em conversa: “*Aqui, o babado é nosso!*”. É no contexto desta boate que elas aparentam ficar mais à vontade, onde são cumprimentadas pelos clientes sem discriminação. É nesta casa noturna que ser visto ao lado de uma *drag queen* não apenas não é caso para qualquer constrangimento, como é exatamente um bom sinal de localização hierárquica. É claro que depende da *drag*, posto que nem todos os “tipos” de *drags* estão em um mesmo plano de visibilidade e aceitação. É importante ressaltar esta característica da boate (a maior visibilidade das *drags*, embora homens não *montados* sejam explicitamente mais numerosos) posto que este fator auxilia em toda uma configuração de possibilidades de sociabilidades locais. Em entrevistas com *drags*, elas me diziam que a Undersky era *a sua boate* por excelência, porém esta questão será debatida no terceiro capítulo, na discussão de gênero.

Passando por este primeiro espaço mais iluminado, logo se vê a escada, à direita, que leva ao piso superior. As paredes do piso térreo (assim como do piso superior) são de uma cor escura e a iluminação – excluídas as áreas melhor iluminadas já citadas - é mantida por pequenas luminárias presas à parede diretamente por sobre dorsos nus masculinos e femininos de plástico, das cores branca e preta, criando um leve clima sensual à meia luz.

Há algumas banquetas altas junto ao balcão do bar no térreo (que se localiza junto à parede esquerda). Nesta área é possível conversar, pois o volume do som não é tão alto quanto no piso superior. A maior parte das pessoas permanece de pé, algumas dançando, grande parte delas bebendo alguma coisa. Todos os pontos sociais das casas eram espaços para o flerte – porém esta área do térreo, por proporcionar a concentração do maior número de pessoas, acabava sendo o espaço privilegiado naquele piso para as observações dos corpos desejáveis (e indesejáveis), assim como as roupas, marcas, cabelos, maquiagens, acessórios e atitudes. Os comentários e julgamentos estilísticos, estéticos e morais eram constantes, e faziam parte,

em termos gerais, de um fenômeno mais amplo e comum a todos os ambientes pesquisados: uma avaliação e perscrutamento geral e impiedoso de estilos, atitudes sociais e corporalidades dos outros, de modo a elevá-los ou rebaixá-los em relação ao entorno social e àquele que avalia.

Esta postura perscrutadora impiedosa é um sinal de um fracionamento hierárquico que resulta, entre outras questões, na já citada *obsessão classificatória*, a qual faz com que os indivíduos que circulam por estes espaços de sociabilidade estejam constantemente criando novas terminologias (em inúmeros casos, terminologias acusatórias e depreciativas) para situar o outro (e a si) nesses universos.

2.3.6 O banheiro

Passado este ponto de maior concentração de pessoas no piso térreo da Undersky, chega-se a área onde se encontra o único banheiro social da casa, que é unissex⁷⁴: nele há três cabines à esquerda e, à direita, um espaço com sete mictórios. A decoração é sofisticada: mármore escuro, espelhos amplos e iluminação projetada para dar uma cor amarelada às paredes e pessoas. Não há pichações ou inscrições nas paredes do banheiro ou das cabines, o que contrariou minhas expectativas.

Nesta área do térreo, próxima ao banheiro, há um afunilamento entre a parede à direita e o balcão do bar à esquerda, de forma que é necessário passar por um corredor de cerca de dois metros de comprimento e um metro de largura para alcançar o banheiro. Isto provoca esbarrões e um contato físico próximo entre os que entram e os que saem do banheiro. Algumas pessoas, principalmente homens de várias gerações (em especial aqueles que não se encontravam entre os que possuíam os atributos sociais mais valorizados⁷⁵ naquele contexto) interessados em “pegacão” se concentravam nesta área apertada e aproveitavam para apalpar, tocar, roçar convidativamente outros homens para encontros erótico-sexuais no *dark room* ou

⁷⁴ Embora os mictórios sejam espaços eminentemente masculinos, não há local dentro do banheiro onde apenas homens ou apenas mulheres circulem.

⁷⁵ Refiro-me aos casos que percebi, nos dias em campo naquela boate, ou seja, homens mais velhos (geralmente acima de 40 anos) e fora do peso (mais gordinhos). Entretanto pude também perceber rapazes jovens “caçando” próximos ao banheiro. Segundo entrevistados, alguns eram michês que costumam estar próximos destes locais à espera de clientes para programas rápidos.

nas próprias cabines do banheiro, o que para muitas pessoas era uma inconveniência e gerava protestos, reclamações, e por vezes, xingamentos⁷⁶.

2.3.7 O *dark room*

O acesso ao piso superior só costuma ser liberado após a uma hora da manhã, pois isto, segundo o gerente, garantiria uma concentração maior de pessoas no térreo e daria a boa impressão de grande lotação, e, por conseguinte, de sucesso da festa. Subindo a escada para o piso superior se percebe, logo no topo, à frente, a entrada do *dark room*, cuja porta é formada por tiras de borracha verticais, que não permitem ver quem está dentro ou o que se faz ali. Esta área do topo da escada, (uma área na penumbra onde se vê quase que apenas as silhuetas das pessoas) é onde se concentra, encostadas às paredes, o maior número de pessoas *caçando* e interessadas em *pegação*. Ali, encontrando alguém interessante, bastam apenas alguns passos para entrar ao *dark room*⁷⁷. Em ambas as áreas de *pegação* mulheres são praticamente invisíveis, o que denota, fazendo uma análise de gênero, ser uma prática eminentemente masculina neste contexto.

2.3.8 A pista de dança

Passando a área do *dark room*, é necessário caminhar à direita, passar por portas que isolam o som de um ambiente para o outro, para então chegar à área da pista de dança. Em primeiro plano vê-se a pista sob o som altíssimo de *house music*⁷⁸ e de *música de drag*⁷⁹. Em

⁷⁶ Vencato (2002) também corrobora com a visão negativa, em termos gerais, da *pegação* em qualquer espaço da boate: “Não sei se é possível, por exemplo, afirmar que a *pegação* é sempre forte pelos cantos, porque em tempos de ‘carão e bocão’, essa atitude não é tão bem vista. A opinião das pessoas, de modo geral, é que quem quer *pegação* deve ir ao *dark room*”. (VENCATO, 2002:32).

⁷⁷ Só será possível fazer a descrição do interior do *dark room* através dos relatos de interlocutores, posto que optei, por um cuidado metodológico, por não adentrar nesse recinto.

⁷⁸ Segundo a revista “A Capa” (analisada no terceiro capítulo), em matéria sobre as sonoridades das boates GLS, afirma que a *house music* é o estilo de música que impera nesses espaços, subdividindo-se em várias vertentes, como o *techno*, *progressive*, *electro*, *tribal*, etc. (A Capa, Ed.2, Março de 2007, p.:20-22).

segundo plano, vê-se o bar, e o palco anexo (este último, um metro e meio mais alto que a pista) onde *drags* e *DJ's* convidados apresentam suas performances. Há também, próximo a entrada para a pista superior, no lado oposto ao palco, o espaço do *DJ residente* ou “da casa” (aquele que é contratado permanente e toca cotidianamente na boate), localizado três metros acima da pista. Em uma das paredes estão afixadas barras de ferro onde *go-go boys* fazem suas exibições, assim como, mais raramente, as próprias *drag queens*. O volume da música, neste piso, é muito alto e é difícil ouvir e ser ouvido em conversas.

A pista de dança, como se percebe também em outras casas noturnas, muito mais do que um espaço para a comunicação oral, é um local por excelência onde as pessoas estão expostas, observando e sendo observadas, avaliando as qualidades desejáveis do outro e procurando expor as suas, onde acontece o flerte e os convites para *ficar*⁸⁰, ir ao *dark room*, continuar a relação no apartamento de uma das pessoas ou em um motel. O fato da área da pista de dança ser, geralmente, a que comporta o maior número de pessoas em toda a casa noturna facilita uma analogia com uma feira privilegiada do mercado erótico nas casas noturnas GLS.

Carmen Dora Guimarães⁸¹ (2004) afirma, sobre as pistas de dança das boates GLS do Rio de Janeiro dos anos 1970, que:

“a dança (na pista de dança) é a forma de expressão que permite, pela exibição do corpo, da roupa e dos gestos, o contato e o encontro. Na pista cada um pode ver e ser visto por todos, tanto os que dançam como os que ficam em pé, à sua volta. (...) A dança segue os ritmos da moda e os movimentos do corpo são eróticos, segundo um código estabelecido, com poucas variações individuais. (...) Também é freqüente ver as pessoas que vão em grupo dançarem sozinhas, anunciando assim sua disponibilidade” (GUIMARÃES, 2004:82-83)

No piso superior, a iluminação é mais tênue e é mantida por um sistema moderno de luzes especiais conectadas ao ritmo das músicas tocadas pelos *DJ's*. Em alguns breves momentos as pessoas permanecem em um breu total.

⁷⁹ *Música de Drag* seriam versões remixadas de grandes sucessos das divas do pop (como Madonna, Christina Aguilera, Whitney Houston, Kylie Minogue, etc.), que mantém os vocais e são dubladas pelas drag queens durante suas performances de palco.

⁸⁰ *Ficar* é um termo que se popularizou nas últimas décadas, principalmente entre os jovens, e tem o sentido de troca e relação erótico-afetiva, desde uma troca de beijos e carícias, até, algumas vezes, de relação sexual, embora esta conotação não seja a mais comum.

⁸¹ Embora o estudo de Guimarães tenha ocorrido na segunda metade dos anos 1970 (sua dissertação foi publicada apenas após o falecimento da autora, em 2004), sua etnografia tem evidentes traços de atualidade. Algumas de suas análises, por exemplo, poderiam ser relativas a algumas das sociabilidades que pesquisei.

2.3.9 O fim da festa

A hora aproximada do fim da festa depende do dia da semana e da quantidade de clientes no dia, dentre outros fatores. Em todas as festas em que estive nesta boate, nenhuma acabou antes das 04h30min da manhã. Os empregados afirmaram que geralmente a casa tende a desligar o som por volta das 5 horas, entretanto, nas melhores festas da alta temporada, como disseram alguns contatos, a casa pode fechar após as sete horas da manhã, já com o dia claro.

Quem permanece na boate até o fechamento também corre o risco de ser chamado de “bagaceira” ou “caçadeira” (o último termo denota que a pessoa está “caçando”, procurando alguém desesperadamente para algum encontro sexual).

2.4 Perspective: *barbies, suzys e bichas-finas*

A Perspective é a maior boate GLS da cidade (comporta até mil e quinhentas pessoas nas grandes festas), porém, excepcionalmente também é alugada para festas especiais e que não têm relação com a cena gay da cidade. Está aberta há cerca de seis anos e localiza-se na região da Avenida Rio Branco, área também de grande movimento do centro da cidade e em um contexto imobiliário muito valorizado, onde há diversos centros comerciais e prédios ligados ao funcionalismo público, assim como lanchonetes, bares e edifícios residenciais de luxo e de classes médias. Na extensão desta avenida, há cerca de sete grandes empreendimentos imobiliários (comerciais ou residenciais) de alto padrão.

2.4.1 Sociabilidades fora da boate

Nas proximidades da Perspective há inúmeros restaurantes e lanchonetes (assim como um posto de gasolina) que costumam estar sempre cheios à noite, principalmente nos dias próximos ao fim de semana. Os frequentadores desta casa noturna se concentram nestes estabelecimentos próximos já a partir das nove horas da noite (nos dias em que a casa está funcionando) a espera do melhor momento para entrar, geralmente enquanto tomam bebidas alcoólicas, uma vez que as bebidas são muito mais caras no interior da casa noturna. Esta concentração atinge seu ápice à uma e meia da manhã, que é o horário considerado adequado para começar a entrar na boate. Muitos já adentram bastante alterados pelo consumo de bebidas alcoólicas. Este momento prévio à entrada é importante também para as pessoas que procuram psicotrópicos⁸², geralmente ilegais (principalmente *ecstasy*), pois distribuidores dessas substâncias circulam oferecendo-as mais livremente nas redondezas.

Entretanto, nem todas as pessoas que se concentram nas proximidades da Perspective entram na boate. As sociabilidades que se estabelecem nestes espaços exteriores são extremamente importantes para iniciar o “clima” da noite, quando se começa a perceber quem estará presente na festa, encontrar amigos e conhecidos, iniciar flertes que se desenrolarão dentro da casa ou mesmo como o principal momento da sociabilidade da noite. Muitos menores de idade e pessoas que não têm dinheiro para a entrada ou que simplesmente não querem entrar na boate acabam realizando “a sua festa” geralmente sentados em calçadas ou encostados em paredes, conversando, bebendo, flertando e até *ficando* com outras pessoas ali, na rua mesmo. Durante a noite toda, é possível ver várias dezenas de pessoas concentradas nas redondezas da boate, grande parte delas barradas pelo valor da entrada. É certamente a boate que expressa de forma mais visível uma barreira para frequentadores segundo critérios de classe / poder aquisitivo. Ouvi, de entrevistados, que havia pessoas que economizavam o mês todo para poder entrar nas festas da Perspective e estar excluídas da acusação de “*bichas vale-transporte*”.

A fachada da boate, que pode ser vista a uma distância de 200 metros, tem cerca de 10 metros de largura e 7 metros de altura, e possui em seu topo o nome “Perspective” expresso em grandes letras prateadas iluminadas em neon azul. Entre todas as casas noturnas GLS da cidade, esta é a que tem a fachada menos discreta (embora não haja nenhuma indicação escrita de que se trate de uma casa noturna GLS). Esta “indiscrição” ocorra talvez pelo fato de estar localizada próxima a uma delegacia da polícia civil e em uma área considerada mais “segura” da cidade (vale citar que a boate possui dez seguranças profissionais, sendo que três

⁸²Psicotrópico, segundo a definição no dicionário Aurélio: “Diz-se de, ou substância medicamentosa que age sobre o psiquismo, como calmante ou estimulante” (p.537).

ficam permanentemente na entrada, organizando a fila e garantindo a ordem na frente da boate). A Perspective, aliás, é a maior empregadora dentre as casas pesquisadas. Segundo um dos gerentes, seriam cerca de quarenta pessoas contratadas.

A concentração na fila de entrada da boate às vezes alcança mais de cento e cinquenta pessoas e é importante, assim como também ocorre na Undersky, para aqueles que circulam de carro ou a pé pela rua em frente conferirem os freqüentadores da casa na noite. Para demarcar diferenças de status, as pessoas mais conhecidas da noite GLS (ou aquelas em listas VIP's dos *promoters* das festas) entram na casa sem ter que esperar na fila, os seguranças as conduzem para o interior da boate. Não é incomum ouvir, dos carros que passam em frente, xingamentos do tipo: “*Bando de bicha-uó!*” ou “*Sofre, vale-transporte!*”, como maneira de depreciar aqueles que, ao contrário dos VIP's, precisam esperar na fila da entrada.

Já na fila era possível sentir uma forte tensão de avaliação constante (como também ocorria na Undersky, embora na Perspective fosse sentida até em maior grau) de perscrutamento de sinais de poder aquisitivo nas roupas, acessórios e na maneira como se desenvolviam as interações sociais. Por um lado havia a tensão para demonstrar um alto poder aquisitivo; por outro, para demonstrar uma corporalidade desejável, que nesta boate, se materializava nas figuras das chamadas *barbies*, homens musculosos, geralmente jovens e com o peito depilado, que no interior da boate ficavam sem camisa ou circulavam de regatas, de forma a deixar à vista seus atributos físicos.

2.4.2 O público majoritário

Na rua onde se encontra a boate, há poucas linhas de ônibus à noite, o que leva as pessoas a chegarem à boate de carro, de táxi ou a pé (vindo do terminal de ônibus urbanos no centro ou de residências do centro). A localização desta boate, em relação às outras do circuito GLS, é a mais distante do conjunto de comunidades do morro do maciço.

Essa tendência é reforçada quando se analisa os valores de entrada da Perspective: girando em média de R\$17 a R\$25 (variando segundo festas, *promoters* e os dias de realização de eventos). É o local mais caro na noite GLS segundo os valores de entrada, sendo que estes valores não são revertidos em possibilidade de consumo interno (segundo o esquema da entrada consumação), ou seja, é um valor gasto apenas para que se adentre ao

recinto. Em festas especiais, com “atrações internacionais”, o ingresso pode chegar a R\$40,00.

Observando quem estava na fila de espera, é possível perceber quem são as figuras mais presentes na Perspective: homens brancos de 18 a 30 anos de idade. As mulheres eram figuras visivelmente minoritárias (o que se refletia, como já afirmado, no contexto geral da noite GLS da cidade), com exceção de uma festa voltada para elas e que ocorria ali uma vez por mês – na qual a entrada de homens era dificultada, haja vista a diferença de valores de entrada entre homens (R\$25) e mulheres (R\$15).

Drag queens e *travestis* eram praticamente invisíveis. Nesta casa não há shows de *drag queens* e atualmente é rara a contratação de *drags* como *hostess*. Ouvi de alguns freqüentadores da casa que “*quem gosta de show de drag é bicha bagaceira*”, embora não seja uma representação coletiva destes freqüentadores, pois muitos dos que vão às festas na Perspective também vão às da Undersky e assistem a shows de *drags*. Entretanto, aparentemente para muitos freqüentadores (e inclusive segundo entrevista com um dos *promoters* da casa) o fato da casa não contratar *drags* ou promover *shows de drags* é uma maneira de manter uma imagem de “alto nível”, afastando uma imagem de casa freqüentada por públicos de classes populares, como ocorre na Undersky. Desta forma, para os olhos de alguns dos freqüentadores dessa boate, haveria uma relação entre os *shows de drag* e a categoria *bagaceirice*.

2.4.3 Entrando na boate

Passados vários minutos de espera na fila (às vezes mais de meia hora), todos são revistados na entrada (com exceção dos VIP’s). Passando pelas portas, se chega aos caixas onde é necessário pagar os valores da entrada antes de adentrar. Neste primeiro ambiente no térreo a iluminação é à meia luz, com uma coloração azulada, e já se sente o forte ar refrigerado dos ambientes da casa - que só não provoca um frio desagradável pela concentração das centenas de pessoas. Então, após passar pelos caixas é necessário caminhar à direita e atravessar uma catraca, onde seguranças carimbam um símbolo em tinta azul no pulso direito de cada cliente, de forma que se o cliente quiser sair da boate possa adentrar mais tarde sem ter que pagar novamente o valor da entrada.

Um exemplo de táticas para subversão das regras impostas na Perspective, (fazendo uma análise da questão de classe), estava em um interessante recurso tático utilizado por pessoas que não tinham dinheiro para entrar na boate (ou não queriam gastar o valor da entrada) que consistia em abordar alguém que saísse da boate – geralmente um conhecido – e pedir para que este esfregasse o símbolo impresso em seu punho (umedecido pela transpiração) no punho daquele do que não tinha dinheiro, para que a marca fosse duplicada e então pudesse ser utilizada para que aquele que estava fora pudesse também entrar na boate. Muitas pessoas somente conseguiam entrar na boate dessa maneira.

Após as catracas e o carimbo no pulso, é necessário subir escadas para o segundo piso, decoradas com inúmeras pequenas luzes amarelas dentro de um tipo de mangueira (destas utilizadas em decoração de Natal). O som, passada a catraca, torna-se muito alto e praticamente não há local na boate em que se possa conversar sem que seja necessário gritar ao ouvido da outra pessoa para ser escutado. Esta impossibilidade de conversar era uma das causas das reclamações constantes de muitos frequentadores da Perspective: o fato de que os contatos erótico-afetivos que se estabeleciam no interior da boate (uma vez que o diálogo ficava prejudicado com o barulho) ficavam muito centralizados no mercado das corporalidades desejáveis e das potencialidades aquisitivas, em detrimento de outras possibilidades advindas de conversas, assuntos e gostos em comum, etc.

2.4.4 O piso superior

Chegando ao topo da escada, se avista praticamente toda a estrutura do segundo piso: passarelas que rodeiam e ficam acima da pista de dança principal localizada no térreo e visível através de um vão central. Deste ponto é possível ver quase todos os espaços do segundo piso e do térreo (com exceção da pista menor, no piso superior), assim como as centenas de pessoas dançando no térreo. Dezenas de pessoas ficam encostadas nos parapeitos das passarelas do piso superior, observando e sendo observadas pelas pessoas no térreo. Essas passarelas, de cerca de um metro e meio de largura, são espaços não tão iluminados quanto a pista abaixo (cujo sistema de iluminação é sofisticado e reage as alterações sonoras nas músicas tocadas pelos DJ's), e por isso também são espaços propícios para que as pessoas *ficassem* umas com as outras.

2.4.5 O bar privativo: *bichas finas*, classe e geração

Ao chegar ao piso superior, percebem-se dois caminhos possíveis: seguir reto e caminhar por sobre a plataforma da direita (o caminho mais rápido para chegar às pistas de dança), ou caminhar à esquerda até alcançar a plataforma oposta, que também leva às pistas de dança. Neste caminho à esquerda, passa-se em frente a um bar privativo dentro da boate, chamado Cool Bar. Para se adentrar neste bar, é necessário pagar mais R\$25, sendo que todo este valor é consumação (ou seja, todo este valor pode ser consumido). Quem está nos corredores pode ver através das paredes de vidro tudo o que se estabelece no interior do bar. É um espaço sofisticado que possui dois computadores com internet rápida e gratuita, um telão de LCD de 42 polegadas (onde passam ininterruptamente shows de “divas” do pop como Madonna, Christina Aguilera, Mariah Carrey, etc.), assim como diversas mesas e sofás confortáveis. A iluminação e os detalhes da decoração são refinados e criam uma atmosfera sofisticada.

O único lugar dentro da Perspective onde é possível manter uma conversa sem que seja necessário gritar para ser ouvido é neste bar, cuja acústica ajuda a manter o som do *bate estaca* mais para o lado de fora, ou seja, as únicas pessoas que podem conversar mais confortavelmente na boate são aquelas que podem despender mais de R\$40,00, pagando as entradas na boate e no bar. E apesar de todos os valores dos muitos produtos oferecidos no Cool Bar serem altos, o barman, (um charmoso e musculoso rapaz de 27 anos), afirmou: “*quem entra no Cool Bar não reclama dos preços, até porque pega mal, né?*”. Pude perceber assim, que a própria boate criava mecanismos para a hierarquização dos frequentadores, principalmente através do critério do poder de consumo, com a criação de locais especiais dentro da casa onde era necessário gastar ainda mais para se adentrar. Apesar de estar visível em todos os espaços de sociabilidade pesquisados, o recorte de classe aqui parecia ainda mais explícito, uma vez que uma minoria dentre os selecionados que entravam na Perspective podiam entrar no Cool Bar. Aqueles que permaneciam fora tendiam a denominar os de dentro de *bichas-finas*, enquanto os que estavam dentro tendiam a denominar os de fora de *bichas vale-transporte* ou *bichas pão-com-ovo*, ou seja, categorias acusatórias que tinham relações diretas com relações de classe, como se verá no terceiro capítulo.

Nos momentos em que permaneci no Cool Bar, percebia que as pessoas do lado de dentro faziam questão de não encarar aquelas que passavam em frente ao bar, ignorando-as e mantendo o *carão*, enquanto muitas das que permaneciam do lado de fora observavam atentamente o que se estabelecia do lado de dentro, passando vagarosamente pela fachada do bar, algumas inclusive parando “sem cerimônias” para observar os shows no telão enquanto bebiam seus *drinks*. Uma minoria das que permaneciam do lado de fora, porém, passava em frente também *fazendo carão*⁸³, evitando virar o rosto para as *bichas-finas* do interior do bar.

Dentro do Cool Bar ouvi pela primeira vez uma expressão explícita de discriminação geracional em minha pesquisa. Eu estava sentado nas cadeiras junto ao balcão do bar, quando um rapaz de cerca de 20 anos de idade, branco, magro e usando roupas caras de grife entrou no bar e foi até o barman. Este, então, lhe perguntou como estava a festa na pista principal ao que o rapaz respondeu:

- *Putz! Uma velharada! Um horror!*

O barman riu e então mudaram de assunto. Neste momento, olhei em volta e percebi que havia vários homens dentro do bar com mais de 40 anos e que alguns, mais próximos, ouviram o que o rapaz havia dito (era a faixa etária deles que o rapaz havia denominado pejorativamente de “velharada”). Achei constrangedor, porém percebi que expressões daquele tipo pareciam corriqueiras, pois ninguém se manifestou em censura ao rapaz.

Como constataria mais tarde, grande parte dos frequentadores do Cool Bar era da faixa etária dos 40 anos, embora quando entrevistei o barman e perguntei sobre quem eram os frequentadores mais comuns do bar, este me respondeu que eram rapazes de até 25 anos de idade (o que não deixava de ser verdade, porém, não eram os únicos e talvez estivessem na mesma proporção quantitativa daqueles de 40 anos), o que denota que naquele contexto, quanto maior é idade, menor é a visibilidade e o prestígio social, embora também ocorra a tendência, em termos gerais, de correlação entre idade mais avançada e maior poder aquisitivo.

2.4.6 Chegando às pistas

⁸³ *Fazer carão* significa fazer uma expressão de *femme fatale* assim como “assumir uma atitude *blasé* em relação ao que ocorre no ambiente em que se está” (VENCATO, 2002:32). A expressão será analisada na discussão de classe, no terceiro capítulo.

Saindo do Cool Bar e caminhando por qualquer das passarelas, chega-se a duas escadas. Uma delas leva ao piso térreo, onde estão localizadas a pista principal e os banheiros; a outra leva à pista menor, em uma sala ao fundo do piso superior mesmo. Esta pista menor toca um estilo de música diferente da pista principal, tido como “menos comercial” (na festa voltada às lésbicas, realizada uma vez por mês, a pista menor costuma ser utilizada para o público que gosta de pagode, samba e MPB, entretanto, nas noites comuns da Perspective, onde os homens são majoritários, geralmente toca-se música eletrônica com pouco ou nenhum vocal dos estilos *tribal* ou *electro music*⁸⁴). Embora sejam incomuns, os shows ao vivo de bandas (MPB, pagode...), quando ocorrem, se realizam nesta pista menor, onde cabem cerca de 250 pessoas, ou seja, 1/5 da quantidade total de pessoas da pista principal, segundo dados de um dos gerentes. Há também um bar nesta pista menor.

Muitos clientes, quando não encontravam pessoas interessantes na pista do térreo, circulavam desta para a superior (e vice-versa), o que provocava, entre inúmeras outras motivações, uma grande concentração de indivíduos no espaço das escadas - às vezes fazendo com que alguns *ficassem* nas escadas mesmo - o que tornava a movimentação entre os ambientes um trabalho moroso e o contato corporal com outras pessoas algo compulsório (para alguns um fato desejável, para outros uma inconveniência).

Descendo as escadas para a pista do térreo, passa-se em frente à porta da cabine onde tocam os DJ's (residentes ou convidados). Esta cabine fica bem próxima à pista, cerca de dois metros acima desta. Um grande diferencial da pista principal, no térreo, é que ela possui duas grandes rodas giratórias no chão, uma ao lado da outra, que ocupam praticamente todo o espaço da pista, por sobre as quais a maioria das pessoas dança. Como o girar das rodas é lento acaba por não atrapalhar o dançar e propicia uma visão, aos poucos, de 360 graus.

⁸⁴A revista de distribuição gratuita voltada ao público GLS “A Capa”, em matéria sobre as sonoridades das boates GLS do país, afirma que o som mais comum nestes espaços é a *house music* com suas diversas vertentes: *techno*, *progressive*, *electro*, *tribal*, etc. Nesta mesma matéria, define os estilos musicais da seguinte forma: “**House music:** estilo que surgiu no final dos anos 70, vertente da *disco music*, com bateria e baixo eletrônicos e geralmente vem com acréscimos de *samplers* de voz ou instrumentos de outras músicas. Mas tem gente que diz que tudo aquilo de música eletrônica que você não consegue classificar, é *house*. **Electro:** é uma forma de *hip hop* misturado com sintetizadores. O estilo surgiu nos Estados Unidos no início dos anos 80, quando os sintetizadores se tornaram mais práticos e acessíveis. O som lembra melodias de *video games*. (...) **Eletro house:** vertente que mescla o *eletro* com a *house music*, gerando graves poderosos em composições mais melódicas (...). **Tribal house:** é o casamento da *house* com ritmos africanos. Em outras palavras, são batidas mais pesadas mas menos repetitivas” (A Capa, edição número 2, março de 2007, p.:20-22). Haveria também, segundo a matéria, conexões de diferentes vertentes criando uma nova categoria como o *eletro-tribal-house music* onde predominariam “as batidas fortes e percussões acentuadas casadas com o vocal de divas” do pop, unidas a sons eletrônicos e sintetizadores. A revista ainda afirma que dentro de cada uma das vertentes haveria ainda outras subvertentes com distintas características sonoras. (A Capa, edição número 2, março de 2007, p.:20-22). A fragmentação proporcionada pela já citada *obsessão classificatória* parece atingir inclusive as sonoridades que fazem sucesso nas noites GLS do país.

Dentre as pessoas que afirmam detestar as festas na Perspective (inclusive muitos dos que continuam a freqüentar esta boate) a maior parte justifica sua rejeição por sentir-se mal com a presença impecável e orgulhosa das *barbies* (gays musculosos, geralmente depilados e sem camisa) e também por não gostar de dançar sobre o que chamam jocosamente de *pista frango-assado*⁸⁵.

Os espaços mais iluminados na pista do térreo são estas pistas giratórias. Nelas há também o que se convencionou chamar de *queijinhos* ou pontos mais altos na pista de dança, onde alguns indivíduos podem dançar permanecendo mais visíveis. Em muitos bares e boates GLS os *queijinhos* são utilizados exclusivamente para performances de *drag queens* ou *go-go boys*. Como na Perspective nenhuma dessas categorias costumava circular, eles acabavam sendo utilizados por todos aqueles que desejassem estar mais visíveis, embora determinados sujeitos raramente tomassem aquele espaço para si enquanto outros o utilizavam mais costumeiramente.

2.4.7 O contraste de luz e sombras

Os pontos menos iluminados estão nas bordas das pistas giratórias, sob as duas passarelas do piso superior. Sob uma das passarelas há mesas fixas e sofás virados para a pista principal, neste espaço a mobilidade não é tão intensa quanto no lado oposto; sob a outra passarela há um corredor onde é possível dançar, parar e observar a movimentação ou então *ficar* com alguém encostado à parede ou às pilastras. A dinâmica é mais bem mais intensa sob esta passarela, uma vez que não há espaços para sentar e a circulação de pessoas é maior.

Neste contraste de luz e sombras (pistas giratórias x espaços sob as passarelas) percebi que há uma distribuição espacial de determinados sujeitos que reflete a configuração hierárquica vigente, em termos gerais, nesta boate. Nos pontos mais iluminados nas pistas giratórias se encontram mais visíveis homens jovens, brancos, magros ou musculosos e que aparentam ser de classes médias, assim como (em número muito menor) mulheres, em termos gerais, jovens e magras. Entretanto, mesmo numericamente minoritários (inclusive em relação

⁸⁵ Expressão irônica e com duplo sentido, primeiramente se referindo a uma comparação com os frangos assados que costumam ser vendidos aos fins de semana e ficam rodando expostos em máquinas em mercearias, padarias, etc. Faz referência também a uma posição sexual entre homens.

ao número total de mulheres na boate) aqueles que garantem a maior visibilidade nas pistas giratórias, sem dúvida, são as chamadas *barbies*. Não é à toa que em todas as casas noturnas pesquisadas, sempre que se tocava no assunto “Perspective”, todos acabavam, cedo ou tarde, citando as *barbies*, como se a boate abordada fosse indiscutivelmente *delas*. É interessante fazer um paralelo com a posse *simbólica* do espaço na já apresentada Undersky: enquanto naquela boate eram as *drags*, mesmo minoritárias, que eram tidas como “as donas do pedaço”, na Perspective, essa *posse simbólica* é atribuída às *barbies*.

As *barbies* que conheci nesta boate são quase sempre homens jovens (com idade média de 20 a 35 anos), e brancos (em raras exceções se vê negros entre eles), aparentam ser de classes médias e alguns ter alto poder aquisitivo, haja vista os carros importados com que chegam e partem da boate, assim como as marcas caras das roupas e dos acessórios utilizados (correntes e pulseiras de prata maciças)⁸⁶. Tendem a ficar reunidas nestes pontos mais iluminados da pista principal, na maior parte das vezes sobre as pistas giratórias (raramente sobre os *queijinhos*) ou em frente ao maior bar da boate, (no lado oposto ao da cabine dos DJ’s). A boa iluminação nesses pontos auxilia a manter visíveis os corpos musculosos expostos sem camisa e a atrair a atenção do conjunto dos frequentadores da boate.

Já nos “espaços sombrios”, sob as passarelas tendem a se concentrar outros sujeitos com atributos sociais não tão valorizados no contexto da boate. É possível perceber uma maior concentração de gays mais velhos (as *tias*), *caminhoneiras* (lésbicas mais masculinizadas, em alguns casos mais gordas), assim como pessoas negras, muito magras ou gordas, e aquelas consideradas socialmente não atraentes ou feias. Outras pessoas

⁸⁶Conversei com um rapaz de 25 anos, a quem chamo Pedro, (alto – 1,85m aproximadamente - branco, musculoso, de cabelos castanhos claros e olhos também claros) que era visto socialmente como uma *barbie* e dizia não gostar do termo quando aplicado à ele, entretanto, dizia que vários de seus amigos não viam problema em serem chamados assim. Contou-me também que passava cerca de quatro horas diárias fazendo exercícios em uma academia particular e que esta já era sua rotina há três anos. Disse-me também que não trabalhava, fazia faculdade de direito e que era filho de uma figura relevante do poder judiciário no estado. Em nossa conversa, contou-me também que havia amigos seus que ficavam mais tempo que ele no itinerário diário da preparação física (o que me impressionou muito) e que ainda estava insatisfeito consigo, achava que era preciso “*trabalhar mais o corpo pra ficar legal*”. Pedro também me disse que namorava já há dois anos e meio com outro rapaz também “bombado” (musculoso) e que a maior parte de seus amigos *barbies* namoravam com outras *barbies*. Como eu havia percebido que era raríssimo ver uma *barbie* ficar com alguém que não apresentasse também características físicas semelhantes às suas (músculos proeminentes, aparentar ter um bom poder aquisitivo, etc.) perguntei se alguém de seu círculo de amigos namorava com alguém que não fosse “bombado”, Pedro então me olhou de cima a baixo com uma cara de quem está surpreso com a pergunta, mas ao mesmo tempo com uma expressão de “*você não se enxerga não?*” e disse: “*Claro que não. Ao menos entre os meus amigos gays mais próximos, não.*” Percebi rapidamente que mesmo tendo me apresentado como pesquisador e explicado os objetivos de minha pesquisa, Pedro havia interpretado minha pergunta como uma indireta para saber se eu tinha chances de ficar com uma *barbie* (ou com ele). Em festas seguintes nos veríamos e conversaríamos mais algumas vezes e logo ele compreendeu que eu não tinha a menor intenção em ficar com um de seus amigos e inclusive chegou a me apresentá-los, tratando-me simpaticamente, o que facilitou minhas observações das *barbies* na Perspective.

concentradas nestes espaços sombrios (talvez em maior número que o conjunto dos atributos já citados) são as que conseguem adentrar na boate mesmo sendo de classes populares, (o que muitas vezes ligava a questão da cor da pele com a de classe). Ou seja, é possível divisar um entrecruzamento de diferenças como geração, raça, classe, corporalidade e gênero e que traz conseqüências diretas para a configuração hierárquica que se estabelece ali: homens, brancos, jovens, magros ou musculosos, de classes médias e de elites econômicas estão não apenas melhor posicionados no mercado erótico local, como também ocupam os espaços que lhes proporcionam a melhor visibilidade social na boate; enquanto pessoas consideradas mais velhas, mulheres (em termos gerais), negras, gordas ou magras demais, e de classes populares são alijadas dos postos melhor posicionados na hierarquia local o que também se reflete em posicionamentos secundários, menos visíveis e “sombrios” nos espaços sociais da Perspective.

2.4.8 Os banheiros

No térreo se encontram dois banheiros sociais (um masculino e outro feminino) e o guarda-volumes. Uma vez que esta boate não possui *dark room*, algumas pessoas interessadas em *pegação* acabavam ficando próximas aos banheiros, à espera de algum sinal ou convite para adentrarem as cabines dos banheiros, alguns dos que permaneciam nesta área, segundo relatos, eram michês à procura de clientes.

A decoração dos banheiros é muito simples, sem grandes detalhes estilísticos. Em ambos os banheiros há grandes espelhos e não há qualquer inscrição nas paredes com números de telefones ou recados eróticos: tudo é branco, limpo e asséptico, ao menos no início da noite.

2.4.9 O fim da festa

Para sair da boate, há que se percorrer de volta o mesmo caminho de entrada. A Perspective é uma das poucas boates que tem o alvará para permanecer até bem tarde (segundo o gerente até as 6h da manhã). Após minha saída de campo, entretanto, soube que a casa começou a ter problemas com batidas policiais e que teve que fechar as portas mais cedo, por volta das 4h30min da manhã.

A dinâmica de fechamento, embora mais tardia que na Undersky, tem algumas semelhanças: muitas pessoas, nas grandes festas, permanecem na casa até depois de amanhecer. Na Perspective aqueles que ficam até o fechamento da boate também tendem a ser vistos como “bagaceiras” e “çaçadeiras”.

2.5 Ode To My Pills: sofisticação, classes médias, terceiro piso VIP

A Ode To My Pills é uma boate nas proximidades da Avenida Hercílio Luz, próxima à área em que algumas travestis atualmente costumam se prostituir. É a segunda casa mais próxima das comunidades/favelas do Morro do Maciço (a mais próxima é a Undersky), embora seu público cativo seja mais de classes médias. Como está próxima a ruas onde circulam muitos ônibus, é fácil de ser acessada para quem não tem carro. Em dias de festas, os carros costumam tomar os dois lados das ruas próximas como estacionamento e é necessário encontrar vaga às vezes há três quarteirões de distância, o que mostra que muitos vêm à boate de carro.

A estrutura da casa noturna foi montada sobre um imponente casarão e, atualmente adaptada, tem quatro pisos. Foi idealizada, segundo conversa com um dos *promoters*, para ser a casa mais elitizada da cidade, porém, quando os valores de entrada foram divulgados (nas primeiras festas algo em torno de R\$30 com consumação) o movimento resultou em algo muito aquém do esperado e foi necessário readequar valores e expectativas. No início havia *drag queens* como *hostess*, o que com o passar do tempo e a readequação das atrações foi uma presença abandonada. Atualmente se vêem *drags* e até travestis (sempre em presença ínfima), entretanto não têm mais uma ligação direta com as festas da casa, como convidadas ou *hostess*.

A idealização inicial para um público elitizado resultou em uma sofisticação e um alto investimento na decoração e no valor dos produtos oferecidos na casa. O refinamento nos

detalhes decorativos já é perceptível na fachada de paredes brancas e detalhes avermelhados que acompanham os altos e baixos dos relevos e colunas. As janelas têm vitrais coloridos, e há um brasão por sobre a porta de entrada em uma estrutura triangular. As sacadas do piso superior têm detalhes trabalhados em metal e sobre cada uma delas há o nome e o símbolo da casa (uma maçã que inicialmente era das cores do arco-íris e que mais tarde tornou-se apenas vermelha; óbvia referência à tentação, ao desejo e ao pecado). Há uma disposição especial de lâmpadas por sobre detalhes arquitetônicos que realçam a imponência do casarão. De nenhuma janela ou sacada consegue-se ver o que se estabelece no interior da boate, impossibilidade que se repete em quase todas as casas. A importância do mistério, de como está a festa (e quem está nela) é um fator importante para atrair e convencer curiosos a entrarem.

Localiza-se em uma esquina pouco movimentada, porém, muito bem iluminada (iluminação, aliás, que foi melhorada pela prefeitura após a inauguração da boate) e possui duas fachadas: uma comporta a porta de entrada, com cerca de oito metros de largura, e a outra a de saída com cerca de trinta metros. A extensão da fila se inicia na fachada de entrada e prossegue pela segunda fachada, onde geralmente se concentra a maior quantidade de pessoas (cheguei a presenciar mais de cem pessoas enfileiradas em uma sexta-feira de gratuidade). É interessante perceber que principalmente as pessoas que vêm a pé para as boates pesquisadas tendem a vir sempre acompanhadas de amigos, raramente vem sozinhas, o que tem relação com a sensação de maior proteção contra possíveis provocações e ataques homofóbicos.

Aqui também se estabelecem os passeios de carro e a pé em frente à boate, para perceber quem são os clientes na fila, como auxílio na escolha de qual casa frequentar. Os *promoters* acabam utilizando essas filas, provocando-as intencionalmente (através da limitação da entrada para um número pequeno de pessoas a cada cinco minutos) para fazer crer aos indecisos que a festa está tendo grande êxito de público e convencê-los a entrar.

2.5.1 Filas, público majoritário e entrada

Pude perceber, em termos gerais, que as pessoas concentradas na fila tendiam a estar com roupas de marcas caras e acessórios também dispendiosos (como um modelo de tênis,

usado por muitos dos freqüentadores desta boate, cujo valor rondava os R\$400), e que ao contrário da Undersky e da Perspective, onde era comum ver casais de rapazes e de garotas *ficando* e trocando carinhos em frente à boate, aqui as pessoas tendiam a se manter menos explicitamente carinhosas nos espaços da rua.

A primeira vez em que estive nesta boate para a pesquisa, enquanto estava na fila, ouvi um rapaz a minha frente (que chegara depois de mim, mas furara a fila para ficar junto aos amigos, coisa muito comum) dizer: “*Ai, que vergonha ter que esperar nessa fila!*”. Esperar na fila é um considerado um mau sinal, de indistinção do todo social e denota que aquele que precisa esperar ali é ordinário comparado àqueles que entram direto, sem pegar fila (os *VIP's*) e, portanto, posicionado de maneira inferior na cadeia hierárquica local. No percurso da fila eram comuns garrafas e latas de cerveja e bebidas alcoólicas destiladas abandonadas pelos cantos da parede, pois os valores destes produtos dentro da boate eram altos e, desta forma, era mais barato entrar já um pouco alterado pelo álcool.

Os valores de entrada costumam variar segundo a festa, o horário de entrada e se o nome do cliente está em alguma lista da casa ou do *promoter* (o que provoca descontos e gratuidades), ficando, entretanto, em uma média de R\$8. Durante o período em que estive em campo, a Ode To My Pills começou a usar a sexta-feira, dia da principal festa da casa, como um dia com gratuidades (caso o cliente tivesse se cadastrado no site da boate) e também como uma tática para atrair clientes que ainda não conheciam a casa. Nestes casos, essas pessoas com gratuidades precisavam também esperar na fila.

Na entrada todos são revistados por seguranças (com exceção dos *VIP's*), como é de praxe nas casas noturnas, e então têm os nomes conferidos em listas da casa e do *promoter*. Logo após os clientes vão até o caixa, à esquerda, para receber um cartão onde os produtos consumidos vão sendo magneticamente creditados para que no caixa da saída sejam cobrados, ao fim da noite.

A grande maioria dos freqüentadores eram homens (uma proporção de cerca de 75% de homens e 25% de mulheres) que aparentavam ser de classes médias, alguns de elites econômicas, o que se alterava sensivelmente nos dias de gratuidade, onde continuavam a freqüentar clientes de classes médias, porém aqueles de classes populares estavam bem mais expressivos.

2.5.2 Entrando na boate

Após receber o cartão magnético (no formato de um cartão de crédito comum), os clientes adentram no primeiro espaço social: um salão de aproximadamente setenta metros quadrados, com cerca de dez mesas à direita e um bar à esquerda. Tanto as mesas quanto o balcão do bar são de um mesmo tipo de madeira nobre e escura, e nas paredes do ambiente há vários espelhos grandes, os quais, com a iluminação decorativa arroxeadada, auxiliam a propagar a meia luz. Este primeiro espaço não é voltado à dança, mas a conversas onde as pessoas ficam mais à vontade, sentadas em mesas ou em pé a conversar com amigos ou conhecidos. Assim que se chega a este espaço, sente-se uma profusão de perfumes misturados ao cheiro da fumaça de cigarro o que provoca certo atordoamento.

Este ambiente fica no primeiro piso da casa, há ainda dois pisos acima (a pista de dança, e na cobertura: um espaço *VIP*) e um piso abaixo (banheiros e espaço com sofás e banquetas). Como não há isolamento entre esse primeiro ambiente e o da pista de dança (que fica em frente e mais alto cerca de dois metros, bastando subir alguns degraus), quem está sentado nas mesas no primeiro ambiente, pode ver as dezenas de pessoas interagindo na pista de dança e, por conseguinte, ouvir o som da pista, que é alto, porém não impede totalmente as conversas nas mesas; é possível ouvir e ser ouvido. As pessoas que ficam sentadas são iluminadas por luzes especiais localizadas no centro das mesas. Este primeiro ambiente permanece mais na penumbra do que o da pista de dança e é mais iluminado que o piso inferior.

Ao lado da escada que leva à pista de dança há outra escada que, ao descer cerca de um metro, leva aos banheiros à direita e a outro ambiente social à esquerda (localizado abaixo da pista de dança) com sofás confortáveis e banquetas. Este espaço no piso inferior, também por estar próximo aos banheiros e ser o ambiente que leva ao caixa de saída é o espaço privilegiado para as pessoas *ficarem* (trocarem carícias, beijos, etc.) mais à vontade, pois era também o menos iluminado da boate.

Os banheiros, muito iluminados, não são *unissex*, porém é necessário para homens e mulheres utilizar um espaço comum (onde estão pias e espelhos) para então adentrar naqueles especificamente masculinos ou femininos. A decoração neste ambiente é também esmerada, com pias de mármore, luzes e torneiras caras e com *design* original. Não há, como também percebi em todos os outros espaços pesquisados, inscrições eróticas, números de telefones e afins nas paredes dos banheiros: tudo tendendo ao *clean* e asséptico.

2.5.3 A pista de dança

Saindo dos banheiros, é necessário subir dois lances de escada para chegar à pista de dança, que tem aproximadamente oitenta metros quadrados. Chegando neste piso há outro bar (bem pequeno) quase ao lado da cabine dos DJ's. Há potentes caixas de som em todas as paredes e o sistema de iluminação (como ocorre na Undersky e na Perspective) é também moderno e conectado às alterações nas músicas executadas na pista.

Há um único *queijinho* – com cerca de cinco metros de comprimento - que acompanha a parede oposta à da cabine dos DJ's, onde cabem mais de dez pessoas de uma só vez. O centro da pista tende a ser mais iluminado e é um espaço mais visado socialmente do que o *queijinho*, que nesta boate é periférico, mal iluminado, e possibilita a *muitas pessoas* estar em destaque ao mesmo tempo, o que interpreto como um fato que tende a depreciar o valor associado a este ponto, pois ao contrário dos *queijinhos* de outras boates, onde cabem três ou no máximo quatro pessoas, aqui cabem mais que o triplo, o que dispersa a atenção para um número maior de indivíduos e faz com que se diminua o valor atribuído ao *estar* nestes locais como ocorre em outros espaços.

Diferentemente da Perspective, onde as *barbies* imperavam, na Ode To My Pills não são tão comuns homens musculosos e sem camisa, embora em todas as vezes em que estive na casa, foi sempre possível ver alguns poucos sujeitos com estas características no centro da pista, atraindo as atenções.

O estilo de música aqui vigente também segue a tendência das casas noturnas GLS: a *house music* e suas vertentes. Os DJ's tendem (não apenas nesta boate, mas em todas as estudadas) a ser selecionados não apenas pela boa escolha e execução do repertório musical, mas também por atributos físicos: é muito comum encontrar em *flyers* imagens de DJ's em frente às *pick ups* sem camisa ou com regatas mostrando braços e peitos definidos ou musculosos, assim como a exibir rostos belos ou charmosos, o que se reflete em um chamariz de público que extravasa a procura por boa música. Alguns DJ's têm verdadeiros fãs clubes na cena GLS.

Em algumas das paredes da pista de dança também há espelhos (eles estão espalhados em muitos pontos da boate), o que provoca um constante cuidado com a aparência, uma vez

que as pessoas acabam sempre conferindo se cabelo, maquiagem, roupas, olhares e movimentos estão adequados.

2.5.4 A cobertura VIP

Por fim, na pista de dança há uma escada que leva à cobertura, um espaço reservado apenas aos *VIP's*, e guardado por dois grandes seguranças. É necessário ter algum contato pregresso com gerentes, donos ou *promoters* da casa, ou então ser uma figura famosa (ator, modelo, jornalista de TV, etc.) para ser autorizado/convidado a adentrar neste recinto. Nas três vezes em que tentei convencer gerentes e *promoters* de que eu precisava subir à cobertura, ao menos para reconhecer como era a atmosfera e as sociabilidades daquele espaço, não tive sucesso (o que me deixou sinceramente frustrado e irritado). Pude ver como era o ambiente da cobertura através de fotos publicadas em um dos *sites* que cobrem as festas GLS da cidade: é um ambiente pequeno, com baixa iluminação, tem sofás e banquetas estofadas e pequenas mesas de centro, assim como cortinas brancas semi-transparentes cobrindo paredes. As relações sociais que ali se desenvolvem, entretanto, não pude conhecer estando lá.

As pessoas que sobem as escadas para a cobertura *VIP* são vistas com um misto de inveja e admiração por parte das pessoas na pista de dança. Muitas das que podem ir à cobertura ganham compulsoriamente o título de *bichas-finas* ou então, de *bichas-carudas*, em referência à categoria *carão*, quando sobem mantendo um ar orgulhoso e *blasé*. Novamente, (como se estabelece na Perspective, com seu Cool Bar), a própria casa noturna cria mecanismos de diferenciação hierárquica ao delimitar espaços onde apenas algumas pessoas podem adentrar.

Fazendo uma comparação, enquanto na Perspective o critério explícito era diretamente referente ao poder aquisitivo (tendo R\$40,00 se adentraria no Cool Bar), na Ode To My Pills, a possibilidade de adentrar nos espaços seletos vai além e alcança critérios como *status* social e redes de relações sociais com os quais os indivíduos são atribuídos ou têm ligações, embora existam também referências à questão do poder aquisitivo (posto que grande parte das pessoas “famosas” ou próximas aos gerentes/donos/*promoters* da casa são de elites econômicas).

A dinâmica do fim da noite segue a tendência das outras boates descritas.

2.6 Hypefull: *tiozões, bichas-finas, fag hags*

Este bar localiza-se nas proximidades da Praça Getúlio Vargas (mais conhecida como Praça dos Bombeiros) e da Avenida Rio Branco. Das quatro casas noturnas estudadas, esta é a menor no espaço físico e na capacidade de frequentadores. É cercada por condomínios de luxo e de classe média, assim como igrejas, escritórios de profissionais liberais, escolas de ensino fundamental e médio, escolas de idiomas, sindicatos, etc. Ou seja, é um espaço institucionalizado, considerado seguro, e distante das comunidades/favelas que circundam o centro urbano de Florianópolis.

A proposta do Hypefull para os dias próximos ao fim de semana (uma vez que fecha às duas horas da manhã) é ser um espaço sofisticado ao mesmo tempo de *happy hour*, para quem sai do trabalho às seis da tarde (pois abre às sete da noite) e um *esquenta* antes de ir às casas noturnas que abrem mais tarde, geralmente após as onze horas da noite. O público alvo da casa seria “*das classes A e B*”, segundo me informou o gerente, ou seja, voltado às classes médias e elites econômicas. Nas ruas próximas ao Hypefull praticamente inexitem linhas regulares de ônibus urbanos, desta forma, para se chegar confortavelmente ao bar é necessário ter carro (vir com amigos que tenham carro), de táxi ou morar nas redondezas.

2.6.1 Fachada do bar

Sua fachada tem cerca de sete metros de largura e é toda decorada com madeiras finas posicionadas horizontalmente umas sobre as outras. Há uma janela à esquerda, com aproximadamente dois metros de largura e dois de altura através da qual é possível observar algumas movimentações internas. Porém, como possui persianas, não se consegue reconhecer quem são as pessoas que estão dentro, apenas perceber que há pessoas no estabelecimento. Esta é a única casa noturna estudada que permite a pessoas que estão na rua ver o que está acontecendo em seu interior, embora continue respeitando a tendência da noite GLS de manter frequentadores no anonimato.

Em frente ao bar há uma espécie de varanda com piso de madeira e protegida do espaço público (calçadas, rua) por plantas ornamentais de cerca de 80 cm de altura, em vasos brancos padronizados. Este ambiente acaba tendo apenas um uso estético, pois sequer os seguranças circulam por ele. À direita, na fachada, está a única porta social do bar, de vidro com película negra, onde permanecem dois seguranças, que assim como nas outras casas revistam a todos os clientes, com exceção de convidados e *VIP's*. Outro diferencial deste bar, em relação às boates pesquisadas é que praticamente inexistente fila na entrada, assim como concentrações de clientes em frente ao bar. Os clientes desse bar geralmente chegam e entram diretamente no recinto.

2.6.2 Entrando no bar

Assim que se passa pelos seguranças é possível perceber o ambiente detalhadamente decorado, cujas cores vermelha, laranja e branca dão um ar de aconchego, proteção, conforto e também uma sensação de calor e certo ar *sexy*. Há dois ambientes principais, o térreo e o mezanino.

No térreo, para quem acaba de entrar na casa, vê-se à esquerda o bar, com um amplo balcão (decorado com madeiras verticais e paralelas), e cadeiras estofadas e confortáveis que o rodeiam. Possui um amplo cardápio (as garrafas das mais variadas bebidas ocupam toda a parede, cerca de 5 metros de altura por 4 m de largura) e tem permanentemente quatro funcionários, (em dias de grandes festas são necessários sete funcionários). Há luminárias cônicas de aço escovado que descem do teto por sobre as mesas e sofás do térreo, assim como luzes especiais presas às pilastras. Existe uma preocupação em manipular a iluminação de forma a deixar o bar em uma penumbra confortável, o que proporciona às pessoas que querem mostrar atributos considerados positivos (roupas, beleza, acessórios, juventude, etc.) a possibilidade de fazê-lo, ao mesmo tempo em que auxilia as que querem disfarçar atributos considerados negativos.

A maior concentração de mesas, cadeiras e sofás está exatamente em frente à janela de onde se pode perceber, do lado de fora, a movimentação na casa. À direita está a escada que leva ao mezanino, a porta dos banheiros e duas mesas com quatro cadeiras cada. A entrada aos banheiros era comum a homens e mulheres, entretanto, dentro havia espaços específicos

para homens e para mulheres. As paredes dos banheiros eram vermelho-fogo e os numerosos espelhos eram redondos.

Uma diferença em relação às outras casas noturnas é que não se via homens sem camisa (mesmo os musculosos ou definidos) assim como eram bem menos visíveis os sujeitos à procura de *pegação* (como ocorria nas proximidades dos banheiros das outras casas). De certa forma, as pessoas que frequentavam o Hypefull procuravam manter atitudes elegantes evitando as que as pudessem rotular de “bagaceiras”.

2.6.3 O mezanino e os jovens

Faço uma análise geracional entre as pessoas que tendiam a permanecer no térreo e as que subiam ao mezanino. Além do fato da escada que leva ao mezanino não ser fácil de subir, é necessário ter equilíbrio e se esforçar, pois é íngreme, há outras questões que influenciam em quais as pessoas que por ali circulam: geralmente pessoas jovens (o que demarca um espaço geracional). Às vezes, nas festas maiores, muitos dos homens e mulheres jovens e atraentes entram na casa e após pegar, rápidos, alguma bebida no bar, sobem diretamente ao mezanino, pois é um local “mais seletivo”, onde se encontram praticamente *apenas* pessoas jovens. O mezanino também é um espaço valorizado em questões de visibilidade, uma vez que do térreo é possível ver várias das pessoas concentradas em suas muradas de proteção. No piso inferior concentram-se, em termos gerais, as pessoas com mais idade. Nenhuma das vezes em que estive no Hypefull, por exemplo, encontrei pessoas com mais de 50 anos sobre o mezanino.

É também no mezanino em que está o espaço dos *DJ's*, bem mais simples que em outras boates, apenas um balcão e mesa brancos e sem adereços (inclusive fica invisível para a maior parte das pessoas do térreo), provavelmente pelo fato do bar não ser voltado diretamente à dança, não há sequer um local específico para se dançar, embora as pessoas, nas festas mais animadas, dancem por entre mesas e cadeiras e pelos espaços livres da casa.

Este piso superior, o qual todos chamam “mezanino”, é um local extremamente agradável e confortável, há pufes, sofás, almofadas, muitos tapetes e algumas poucas mesas e cadeiras próximas à mesa do *DJ*. As pessoas tendem a ficar sentadas ou deitadas tomando seus *drinks*, conversando, dançando ou *ficando*.

2.6.4 As *fag hags*

Foi neste ambiente que percebi mais fortemente a presença das *fag hags*, mulheres (que geralmente não se consideravam lésbicas) com laços fortes de amizade com homens *gays*. A origem da expressão inglesa *fag hag*⁸⁷:

“remonta a década de 70 e, embora inicialmente fosse atribuída aos fãs de David Bowie, designa na atualidade qualquer mulher que se relacione com as *bees*. Na vida real, atrizes como a coreana-americana Margaret Cho e a socialite Paris Hilton já assumiram ser orgulhosamente *fag hags*. (...) Distante do mundo das celebridades, porém, o ‘fenômeno’ das *fag hags* não pode ser ignorado. Apesar de ainda não serem maioria, mulheres héteros são vistas com mais frequência em clubes e bares GLS. Elas nunca passam incólumes e, sem neuras, compartilham abertamente do mesmo espaço que seus amigos homossexuais – às vezes chegam a curtir o mesmo estilo de som e até o mesmo tipo de homem”. (Revista *A Capa*. Ed. 02. Março 2007. Matéria “*Fag Hags: sempre fiéis e presentes, elas não desgrudam de seus amigos gays*” (p.:27-29).

O termo *fag hag* é utilizado por algumas pessoas neste bar, tanto por homens quanto por mulheres, quase que orgulhosamente (como era comum quando do uso de expressões estrangeiras, especialmente do inglês e do francês), porém, não o ouvi em conversas e entrevistas em nenhuma outra casa noturna, o que talvez demonstre um nível maior de cosmopolitismo dos frequentadores deste bar (alguns faziam questão de frisar suas viagens às metrópoles estadunidenses e européias, o que creio facilitar o conhecimento do termo e sua utilização).

As *fag hags* que encontrei no Hypefull tendem a ficar sempre próximas de seus amigos *gays* e estão sempre extremamente produzidas, além de terem, em termos gerais, um corpo do tipo “modelo de passarela”: magérrimas, com roupas da última moda, cabelos de estilo arrojado, jóias, acessórios, expressões orais, tudo de acordo com as últimas tendências das “capitais do mundo”. Entretanto, não são amigas de “qualquer” *gay*: geralmente estão próximas aos *gays* mais bem vestidos, também antenados nas últimas tendências da moda mundial, quase sempre jovens, bonitos, de classes médias ou elites econômicas, com corpos

⁸⁷ Em conversa com minha orientadora, Sônia W. Maluf, esta me afirmou que o termo *femme à pédé*, do francês, é correlato de *fag hag*.

magros ou definidos pela malhação, ou seja, há um recorte de classe, corporalidade e geração nesta relação. Não encontrei mulheres mantendo esse mesmo tipo de sociabilidade com *gays* mais velhos ou aparentando ter menor poder aquisitivo no contexto do Hypefull. Encontrei *fag hags* cujos amigos *gays* estavam em contextos de sociabilidades mais de classes populares, em outras casas noturnas, porém com expressão bem menor. A visibilidade mais expressiva do uso desta categoria, em minha pesquisa, ocorreu no Hypefull.

A seguir transcreverei um trecho de meu diário de campo que relata um curto episódio que ilustra o caráter da relação entre *fag hags* e *gays* no contexto do Hypefull:

“Eu estava encostado ao parapeito do mezanino observando um grupo de quatro rapazes muito ‘bem vestidos’ (roupas, tênis, celulares, correntes, etc. bem caros e de marcas famosas) quando uma amiga deles chegou. Pelos comentários estava atrasada. Todos fizeram uma grande algazarra de comemoração por sua chegada. Ela estava com um corte de cabelo curto e moderno, incomum de se ver no cotidiano das ruas, parecendo a de uma cantora famosa ou artista internacional. Procurei sentar em um pufe ao lado do grupo para poder ouvir melhor a conversa. Um dos rapazes, branco, de 1,80m, cabelos castanho-claros arrepiados (modelados acho que por cera), muito bonito e que atraía a atenção de diversas pessoas no mezanino, tomou a frente da conversa e disse:

- *Fê, como você ficou linda com esse novo cabelo! Eu bem te disse pra tu fazeres o corte da Beckham, não falei!? Ficou linda, poderosa! Tudo a ver com teu rosto!*

E depois ainda elogiaria o pingente da Osklen (não me recordo se era esta marca mesmo) que a garota usava. As conversas, (inúmeros assuntos), volta e meia retornavam para a questão da aparência, técnicas de maquiagem, produtos de beleza, cremes anti-envelhecimento, as últimas coleções das marcas nacionais e internacionais, fofocas de gente famosa e de pessoas conhecidas da noite GLS da cidade, novos lançamentos de álbuns de músicos internacionais, comentários do bom gosto de fulana e mal gosto de sicrano, festas boas e festas ruins, enfim”. (Diário de Campo, Hypefull, Quarta-Feira, 18.04.2007).

A relação construída entre as *fag hags* e os *gays* é uma relação simbiótica de influência estético-comportamental, de “como estar no mundo” em termos de sofisticação e renovação permanente de referências. Tanto elas estão seguidamente dando dicas e fazendo pequenas propostas de alterações no visual e atitudes dos amigos *gays*, quanto eles dão nortes das atitudes esperadas para uma certa visão contemporânea de mulher “poderosa”: bonita, segura, bem vestida, moderna, bem sucedida financeiramente e feliz na vida afetiva, etc.

Entretanto, embora se constitua uma relação de amizade e companheirismo, há, no ambiente da casa noturna GLS, uma preponderância de visibilidade para o homem, enquanto a *fag hag* acaba parecendo ter um papel coadjuvante contextualmente. Não é ela que está no centro da maioria dos olhares desejosos na casa, mas o amigo *gay*. É importante frisar que as *fag hags* não estão nas festas dessas casas apenas como satélites dos *gays*, “sem vida” ou

aspirações próprias, muito pelo contrário, pelos bares e boates estudados não circulam apenas homens e mulheres que têm relações erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo, mas também pessoas que se reivindicam bissexuais ou heterossexuais, e não é nada incomum encontrá-las aos beijos com algum belo rapaz que “curte garotas”, ou até mesmo, uma vez que algumas delas se afirmam bissexuais, vê-las *ficando* com outras garotas. Outro fato nada incomum é vê-las beijando um de seus amigos *gays*, o que costumam definir como um ato de “carinho”, uma “brincadeira” e como algo “não sério”.

2.6.5 Os *tiozões*

Além da visibilidade das *fag hags*, o Hypefull é também conhecido na noite GLS da cidade por ser o espaço onde homens mais velhos estão em maior visibilidade social do que em outras casas noturnas, embora ainda sejam minoritários. Nos dias próximos ao fim de semana seu público se diversifica quanto à faixa etária e quanto ao gênero: vê-se um número expressivo de mulheres, assim como homens mais jovens.

A partir de minhas anotações sobre um percentual aproximado dos clientes quanto ao gênero e a idade (uma média baseada na mera observação por sobre o mezanino nas festas em que estive presente) creio que haveria cerca de 25% de mulheres e 75% de homens. Quanto à idade, 50% aparentavam ter de 18 a 30 anos; 30% aparentavam ter de 31 a 40 anos, e 20% de 41 a 60 anos. A somatória das duas últimas faixas etárias demonstra que 50% dos freqüentadores tendiam a estar entre 31 e 60 anos, o que confirmaria esta maior visibilidade de homens mais velhos, em relação às outras casas pesquisadas. Quanto a questão racial/cor da pele era possível perceber que a esmagadora maioria dos clientes eram brancos.

Havia um fator de classe que auxiliava nesta maior visibilidade de homens mais velhos: no Hypefull eles aparentam ter um poder aquisitivo maior do que os de freqüentadores mais velhos de outras casas noturnas, o que resulta geralmente em roupas e acessórios caros. Outro fator que chama atenção é um cuidado aparentemente maior com o corpo, procurando seguir alguns dos padrões considerados adequados para homens na cena GLS da cidade: as peles e cabelos aparentam cuidados através do auxílio de técnicas estéticas, (alguns usando cirurgias plásticas) e grande parte desses homens mais velhos se submete visivelmente a exercícios em academias de ginástica. Aqueles que passam dos 40 anos com um corpo belo,

musculoso ou definido e um rosto bem cuidado, tendem a ser enquadrados na categoria *tiozão* e manter-se valorizado dentro do mercado erótico local, apesar da idade⁸⁸.

Conversando com alguns destes homens, soube que vários deles costumam sair à noite apenas no Hypefull, pois não costumam ficar até muito tarde fora de casa. Além do mais, alguns me diziam que era o único lugar onde se sentiam à vontade, pois em outras casas eram tratados com indiferença ou aspereza (especialmente aqueles que não estão inclusos na categoria *tiozão*). Entretanto, isto não significa que no Hypefull essas pessoas mais velhas são – na sua totalidade - bem tratadas: quanto mais rico, mais bem vestido, mais jovem, com um corpo mais em forma, um rosto bem cuidado e um estilo charmoso, maior é a tendência de ser bem tratado, o que demonstra a relação próxima e indissociável dos fatores idade, classe social e corporalidade como critérios valorativos e hierárquicos neste âmbito.

Um exemplo de mau acolhimento desses sujeitos mais velhos pode ser observado através de um fato que presenciei no Hypefull, retirado de meu diário de campo:

“Um homem com cerca de 50 anos, 1,70m, com uma barriguinha proeminente, parcialmente calvo e com cabelos brancos, chegou ao mesmo tempo em que eu ao bar, em uma determinada festa (eram aproximadamente 23h40min), quando ainda havia poucas pessoas no ambiente, antes de entrarmos sorriu e me disse “boa noite” educadamente, ao que retribuí. Entramos, sentei-me junto ao balcão do bar e comecei a conversar com o *barman* e com outras pessoas com quem vinha mantendo contato durante a pesquisa, enquanto ele sentou-se em um sofá próximo à janela, área naquele momento com poucas pessoas e se pôs a observar as movimentações enquanto permanecia só. Os minutos se passavam, as pessoas continuavam a chegar ao bar, o burburinho das conversas e da música aumentavam, e de vez em quando meu olhar cruzava com o dele, sozinho no sofá. Circulei pela casa para observar coisas novas, depois subi ao mezanino, conversei com outras pessoas, fiz perguntas e esqueci-me daquele homem. Em certo momento, percebi que a casa já estava lotada, quase todas as mesas e cadeiras estavam tomadas e então meu olhar acabou parando no sofá de três lugares, ocupado apenas por uma pessoa que sentara-se no ponto mais à direita. Era o homem que chegara ao bar comigo. Já se havia passado mais de 1h20min desde o momento em que chegamos e ele não saíra da mesma posição. Continuava sozinho. Aparentemente ninguém falara com ele. Havia outros dois espaços ao seu lado onde qualquer pessoa poderia sentar-se (o ambiente já estava lotado) e que permaneciam, passados todos aqueles minutos, vazios. Eu também era um desconhecido que não portava todos os signos desejados naquele ambiente (não usava roupas caras e de marcas, nem acessórios dispendiosos), porém eu já me havia socializado com várias pessoas, algumas que inclusive vieram até mim, para conversarmos. Então pensei em descer e ir conversar com ele, ouvi-lo, tentar sentir ou compreender como é estar em uma situação praticamente ignorada socialmente (na verdade senti uma enorme vontade de me solidarizar). Finalizei uma conversa que não estava rendendo (o que me tomou alguns minutos) e comecei a caminhar por entre inúmeras pessoas, para descer ao térreo. Demorei mais alguns minutos e

⁸⁸ Um exemplo estético do que se poderia chamar de “*tiozão*” é a aparência atual do ator estadunidense George Clooney: charmoso, másculo, branco, não-calvo, magro/definido, enfim, considerado um quarentão desejável e charmoso.

quando cheguei, ele já não estava no sofá. Perguntei ao barman se ele o conhecia e se vinha sempre ao bar, mas o rapaz não se lembrava dele. Não o vi novamente”. (Diário de Campo, Hypefull, Sábado, 21.04.2007).

Esta transcrição demonstra que o simples fato de estar próximo a uma pessoa mais velha e que não tem uma corporalidade desejável é evitado (haja vista o fato de ninguém ter se sentado ao sofá), como se houvesse uma espécie de contaminação do indesejável do outro em si, pela proximidade. Pude presenciar vários exemplos deste tipo de situação não apenas no Hypefull, mas de distintas formas em todas as casas noturnas que pesquisei.

Quanto ao gênero, em nenhuma das noites em que pesquisei este bar encontrei *drag queens* ou travestis, o que se confirmou em relatos de freqüentadores e do gerente, que dizem que as viram pouquíssimas vezes naquele local. As lésbicas estão em número pequeno – seguindo a tendência geral da noite. Os homens, em termos gerais, tendem a estar com cabelos curtos e a evitar afetações ou exhibições de feminilidade muito explícitas. Fazendo uma comparação com a Undersky, onde homens de cabelos compridos, afeminados, usando maquiagem (assim como a presença de *drag queens* e travestis) são comuns e não é sinal necessariamente de uma posição social inferior, o Hypefull tende a apresentar uma configuração social oposta: uma invisibilidade de *drag queens* ou travestis, presença pequena de lésbicas, e homens procurando apresentar signos mais masculinos, evitando exibir os de feminilidade.

2.5.6 Fim da festa

O diferencial do Hypefull em relação aos outros bares e boates é que ele é visto como uma etapa no percurso de festas da noite. As pessoas chegam cedo (abre às 19h), e por volta de uma e meia da manhã começam a deixar o bar e ir para suas casas (acompanhadas ou não) ou para alguma outra casa noturna prosseguindo no roteiro de festas da noite. Diferentemente das outras casas noturnas, raramente se vê alguém passando mal, sendo carregado ou coisas do gênero, o que denota uma preocupação com a manutenção da compostura e de um comportamento mais “fino”, como afirmado anteriormente.

2.7 Hierarquia entre os bares e boates

Pude perceber, no período compreendido entre a pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso e minha pesquisa etnográfica para a dissertação (2005-2007), que a própria configuração hierárquica entre as casas noturnas também se alterava em pouco tempo. As alterações do público freqüentador de cada espaço, seguindo a dinâmica de abertura e fechamento dos bares e boates, acaba por provocar mudanças nos conceitos hierárquicos imputados a cada casa noturna, no quadro geral dos bares e boates GLS da cidade.

Um exemplo disto ocorreu há cerca de quatro anos, quando o bar *Detroit* fechou. Seus freqüentadores, majoritadamente de classes populares, migraram para outro bar, o *La Barceloneta*, cujo público era diferenciado: de classes médias e altas. O resultado pôde ser percebido em duas principais questões: o antigo público, de classes médias, aos poucos foi partindo para outras duas casas noturnas (a *Undersky* e a *Perspective*) e abandonando a *La Barceloneta* (o que não quer dizer que este público já não freqüentasse estas casas anteriormente). O que ocorreu não foi apenas uma alteração no público freqüentador, mas também uma alteração na visão social e hierárquica do *La Barceloneta* no contexto geral destes bares e boates do centro da cidade. Antes visto como um lugar “bem freqüentado” e onde as chamadas *bichas-finas* circulavam mais visíveis, passou a ser acusado de lugar das *bichas-vale transporte* e onde a *bagaceirice* “reinava”, ou seja, tendeu a ser rebaixado no esquema dos posicionamentos hierárquicos destas casas noturnas. Essa acusação de rebaixamento da casa noturna, devido à migração de clientes de segmentos populares, era mais comum de ser pronunciada entre freqüentadores considerados das classes médias e altas, embora também existisse entre segmentos populares, mas não com tanta expressão. A principal diferença era que os clientes de segmentos populares tendiam a continuar freqüentando estes espaços após a acusação de que era um espaço *bagaceiro*, enquanto os de classe média se afastavam deles.

Entre o público de classes populares, que passou então a freqüentar o *La Barceloneta*, a visão de seu contexto de sociabilidade tendia a ser inferiorizada frente aos de outras casas noturnas no que se refere ao poder de consumo. Era comum, por exemplo, ouvir comentários do tipo: “*Eu não vou no Undersky pra ficar vendo aquelas bichas-carudas, lá!*”; “*Aquelas bichas-fina da Undersky, ninguém merece!*”, ou seja, reiterando, mesmo que de uma maneira crítica, um posicionamento que sob sua ótica, denotava uma posição inferiorizada,

principalmente no âmbito das potencialidades aquisitivas. Outra postura comum, que reafirmava essa expressão de inferioridade, estava nas críticas destes frequentadores ao próprio *La Barceloneta*. Era muito comum ouvir expressões do tipo: “*Ai, esse lugar (o La Barceloneta) é horrível, mas a gente não tem opção nessa cidade! Fazer o quê?*”. Foi possível constatar que, em termos gerais, em quaisquer locais cujos frequentadores majoritários fossem de segmentos populares, haveria uma forte tendência de acusação destes como espaços *bagaceiros*, inferiorizados no contexto das casas noturnas, o que demonstra a importância da análise de classe na cena GLS local.

Entretanto - e é importante frisar - muitas vezes, outros atributos costumavam ser postos em jogo por estes indivíduos de segmentos populares para alterar a balança hierárquica (e que não se relacionavam diretamente com questões de poder aquisitivo) como, por exemplo, afirmar que embora quem frequentasse majoritariamente o bar *Hypefull* fossem *bichas-finas*, estas também eram acusadas de *tias* ou *bichas-velhas*, ou seja, uma maneira de jogar com os atributos da diferença – a questão da diferença geracional - para tentar melhor se posicionar nestes contextos de sociabilidades, uma vez que há uma forte tendência da noite GLS à desqualificação no mercado erótico de sujeitos mais velhos (Córdova, 2006), através do rebaixamento das características do outro, que à primeira vista estaria bem melhor posicionado segundo critérios de poder aquisitivo.

Passados vários meses, *La Barceloneta* (herdeiro do público de classes populares) também viria a fechar as portas, o que novamente causaria uma dinâmica de migrações: seu público desta vez viria para o *Undersky*, que por sua vez cairia na escala melhor/pior dos bares e boates GLS do centro da cidade e herdaria os adjetivos que antes eram relativos ao *La Barceloneta* e seus frequentadores.

Outra questão central que se reflete nessas configurações hierárquicas da cena GLS da cidade é a de gênero. Em primeiro lugar pelo notório e histórico caráter minoritário das lésbicas em bares e boates GLS da cidade frente ao número de homens (Perucchi, 2001; Vencato, 2002; Silva, 2003, Henning, 2005) característica que se estende a todas as casas noturnas estudadas. Como foi possível constatar na descrição das casas, quanto maior era presença de mulheres, *drag queens*, travestis ou de atributos de feminilidade em homens, mais rebaixado tenderia a estar o bar ou boate em relação ao conjunto das casas noturnas GLS da cidade, o que denota uma postura marcante e um tanto misógina na cena GLS local.

A seguir, no terceiro capítulo, inicio a análise das interseções de Geração, Gênero, Raça, Corporalidade e Classe com as práticas homoeróticas, em suas manifestações nestes contextos sociais dos bares e boates assim como nos espaços públicos e semi-públicos. No

trecho em que faço a análise geracional também efetuo a descrição dos espaços públicos e semi-públicos (o pátio do museu, o espaço da escadaria da igreja histórica, e o *fast-food* Sahara), locais onde manifestações de discriminação geracional foram mais explícitos.

CAPITULO 3. AS DIFERENÇAS NA DIFERENÇA: RECORTES DE GERAÇÃO, GÊNERO, RAÇA, CORPORALIDADES E CLASSE

“O RETORNO DE CASANOVA

*No espelho, um esgar,
embaciado hálito
e podre.
Virada dos tempos,
é o ar luminoso
dos jovens.*

*Todo esse saber
dos dedos trementes
é náusea.
Mãos adolescentes
são pétalas róseas
sem mácula.*

*A noite disfarça
teu rosto enrugado,
fanado.
Um raio de lua
no nácar da pele
da amada.*

*Exausto adormeces
e o dia amanhece
sem máscara.
A decrepitude,
os crimes, abusos
no leito.*

*Ao lado, uma jovem.
Virada dos tempos,
mas quando?”*

Leonor Scliar-Cabral

3.1 *Gay tem prazo de validade, sabia? Geração, corporalidades e discriminação geracional*

O poema na abertura deste capítulo apresenta uma visão extremamente negativa da “velhice” e ilustra parte do universo das representações sociais constantes não apenas nos bares e boates estudados, mas também na sociedade brasileira quanto aos valores associados às pessoas com idade mais avançada. Estes atributos e valores sociais são analisados a seguir, em especial a questão da discriminação geracional, assim como a conseqüente supervalorização da juventude e de certos traços de corporalidade, questões que influenciam diretamente nas configurações hierárquicas que se estabelecem na cena GLS⁸⁹.

A análise desses fatores se ateve ao convívio prolongado principalmente com “gays e lésbicas” jovens e freqüentadores do *fast-food* Sahara. Uma diferença nessa análise é que ela se dá em um ambiente diferenciado dos abordados até o momento. Antes analisei espaços sociais de bares e boates GLS, agora enfoco sociabilidades em espaços públicos e semi-públicos: além do *fast food*, o pátio de um museu e uma escadaria que leva a uma igreja histórica da capital. Procuro utilizar para denominar estes freqüentadores e as relações que eles estabelecem entre si, suas categorias locais.

3.1.1 No *fast food* Sahara

As pessoas com as quais convivi no Sahara são, em termos gerais, jovens entre os 15 e os 22 anos. Como se trata de uma grande cadeia de *fast-food* seus consumidores não se resumem aos que abordo nesse texto, mas a um número imensamente maior de indivíduos, de diversas gerações, extratos sociais e procedências. É comum encontrar, por exemplo, em seus bancos e mesas exteriores (em um calçadão de uma movimentada rua no centro de

⁸⁹ Embaso-me em Córdoba (2006) quanto à questão de geração. Para o autor o critério para definir possíveis fronteiras entre gerações é: “um critério sociocultural (...) ao dividir os entrevistados em jovens, adultos e de meia-idade, procurei, (...) ‘não tratá-los como uma ‘classe social’ formada, ao mesmo tempo, por todos os indivíduos de uma mesma faixa etária’. É antes, uma divisão arbitrária que trata ‘não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também e principalmente de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas” (Córdoba, 2006:212). Muito além do que simplesmente diferenças entre faixas etárias, há questões como auto-imagem, roupas, gostos, redes sociais, etc. que influem na questão geracional.

Florianópolis) senhores e senhoras com mais de 60 anos, aposentados, assim como profissionais liberais e do comércio, mães e pais com seus filhos a tomar cafés, sorvetes, comendo lanches, etc.

A região circundante à lanchonete possui muitos centros comerciais, colégios, universidades e uma infinidade de estabelecimentos nos ramos de comércio e serviços. É também uma zona de passagem intensa de pessoas que vêm e vão de suas atribuições cotidianas, se tornando um importante ponto de encontro para as pessoas de diversos grupos urbanos.

Os jovens com quem convivi costumam se utilizar do Sahara como ponto de encontro e sociabilidades majoritariamente de segunda à sexta-feira, e geralmente a partir do meio-dia, embora também se reúnam em menor número no período matutino. Grande parte estuda nos colégios das redondezas o que facilitava a concentração em tal local, também devido a própria centralidade no espaço do centro da cidade: partindo dali, é possível caminhar para os bares e boates GLS do centro em pouco tempo.

Algo que se pode perceber facilmente é o fato da presença de tal público ser incômoda para os gerentes da lanchonete. Creio que este incômodo também se deve ao fato de que há poucos anos houve um ato público em frente ao Sahara em repúdio ao tratamento discriminatório dado a um casal de garotos que ao se beijar no interior da lanchonete foi convidado a se retirar. O ato se intitulou *Beijaço* e consistiu na reunião de algumas dezenas de casais de garotos e casais de garotas que se beijaram em frente ao local. Tal manifestação foi acompanhada por várias televisões e jornais locais e teve repercussão. Desde então, segundo os próprios freqüentadores, o cuidado e respeito para com os jovens “casais homossexuais” por parte da lanchonete, aumentou e havia um claro receio em dar declarações sobre “gays e lésbicas”. Apenas um dos gerentes aceitou ser entrevistado, conquanto não houvesse gravação de suas respostas, afirmando que atualmente não havia nenhum tratamento diferenciado (positiva ou negativamente) para os eventuais casais que se formassem no local.

3.1.2 *Fervendo*⁹⁰ no pátio do museu

⁹⁰ *Ferver* é uma expressão local que significa divertir-se, festejar, etc.

Além do Sahara, há outras duas áreas públicas próximas que também fazem parte do circuito de encontros dessas pessoas: a primeira é o pátio de um museu público cuja entrada fica praticamente em frente à lanchonete. Este pátio foi reformado e aberto ao público havia poucos meses e é utilizado ostensivamente por esses jovens e adolescentes, permanecendo aberto de segunda à sexta-feira pela manhã e à tarde até as seis horas (no fim de semana o período aberto era reduzido). Costuma ter dois seguranças permanentemente circulando pelas áreas sociais e não encontrei relatos de confrontos, agressões ou forte repressão por parte dos guardas em relação aos jovens. Entrevistei um dos seguranças que afirmou receber orientação da direção do museu para chamar atenção apenas quando alguém estivesse consumindo álcool, “fumando maconha” ou usando alguma outra droga ilícita. Entretanto me afirmou que se algum dos casais que ali se encontravam se excedessem nas carícias, os guardas deveriam chamar a atenção:

“aqui vem bastante casal, homem e mulher, mas tem muito gay, né, que beija na boca, abraça, fazem muito carinho um no outro, e vem bastante mulher, muitas lésbicas, que ficam bastante... acariciando o tempo todo, se beijando, e quando se excede um pouquinho mais e passa a mão ‘lá’ um no outro a gente vai lá e dá um toquezinho pra dar uma ‘aliviada’. (...) Os gays e as lésbicas é de 15 (*anos de idade*) pra cima, geralmente. Na verdade esse pessoal que vem aqui não chega nem a 21 anos, é de 15 a 21 anos. Os outros (*frequêntadores*) daí é de tudo quanto é idade. (...) Eu sou simpaticante. Eu tô aqui, só trabalho, não pego no pé deles nem nada. E eles até concordam com a gente, respeitam a gente, o que a gente pede eles atendem na boa. Na hora de fechar (*os portões*) também eles levantam, não reclamam, não xingam. Tem alguns que fazem cara feia, mas não xingam, não, ‘entendessem’? De vez em quando a gente explica o que não pode, que não pode entrar sem camisa, nem beber bebida alcoólica, só refrigerante e lanche. Vem muito pessoal das lojas daqui de perto também, vêm descansar e fumar seu cigarrinho”

(Trecho da transcrição da entrevista).

O guarda também afirmou (e neste momento não quis que eu gravasse sua fala), que já havia sido ofendido uma vez por uma “guria lésbica” quando avisava do fechamento dos portões do pátio, e que não revidou porque sabia que “não vale a pena bater de frente com eles porque senão ainda dá processo (*judicial*) e a gente é que se prejudica”. Disse também que a maioria dessas pessoas “não incomoda”. Sua fala deu a entender que há orientações da direção do museu para evitar quaisquer transtornos jurídicos e que há também certa simpatia do entrevistado para com o público, pois estes adolescentes, geralmente “não brigam, ficam na deles e são *gente boa*”.

Este receio de processos judiciais por parte dos guardas, da direção do museu e dos próprios gerentes do Sahara é um fenômeno social digno de nota, fazendo parte não apenas da história recente da luta por direitos iguais para “gays e lésbicas” na cidade (com o

acontecimento do *beijaço*, por exemplo), mas também de todo um contexto social, político e cultural mais amplo, abrangendo avanços e retrocessos nos direitos humanos (e erótico-afetivos) em diversos países do mundo, assim como no Brasil. É interessante notar que apesar de não existir até o momento uma legislação oficial que criminalize a homofobia no país, já há muitos casos de jurisprudência que dão causa favorável a denúncias de agressões físico-morais principalmente contra gays e lésbicas. A análise especificamente jurídica, embora instigante e importante, não é objetivo desta pesquisa.

Como o pátio do museu é uma área aprazível e bela, com sombras, um pequeno lago, vegetação, escadas, vários bancos e a própria vista da arquitetura do prédio do museu, esses jovens, muitos deles no horário de intervalo (ou faltando a alguma aula) dos colégios e cursinhos pré-vestibulares da região, ali se encontram para conversar sobre os mais diversos assuntos, se divertir, comer lanches, encontrar amigos, paquerar, trocar carinhos e beijos até mais à vontade do que nas mesas do Sahara, uma vez que o pátio é separado por grandes muros das ruas ao redor e está escondido do exterior pelas árvores e a vegetação, o que dá uma sensação maior de privacidade.

3.1.3 *Fervendo* na escadaria

A terceira área pesquisada fica na mesma rua do Sahara e do pátio, há cerca de cento e cinquenta metros: é uma escadaria que dava acesso a uma das igrejas históricas da capital (construída na época da chegada dos casais açorianos ao litoral de Santa Catarina, em meados do século XVIII) e costuma ser usada por estes jovens também de segunda à sexta-feira, principalmente após o fechamento do pátio do museu.

Este terceiro espaço social costuma ser aquele usado aparentemente com maior liberdade para que conversas sejam feitas em voz alta, sem os olhares censores de seguranças ou gerentes, onde as pessoas quase sempre ficam à vontade, embora haja ao lado da escadaria um prédio do exército, que é utilizado pelos militares apenas pela manhã e à tarde. A “liberdade” para esses jovens na escadaria, porém, está condicionada a um fator principal: quanto maior a concentração de pessoas amigas, maior é a descontração e sensação de segurança. Quando esses jovens estão em pequeno número as conversas continuam ocorrendo de forma bastante desenvolta, porém os casais que porventura se formam tendem a ficar mais

na defensiva e a não demonstrar tanta afeição publicamente, o que se dá em especial por receio de repreensão ou agressões dos transeuntes que passam. Quanto ao prédio do exército, como a concentração ocorre geralmente após as dezoito horas, não presenciei ou ouvi nenhum registro de reclamações de barulho (ou das sociabilidades).

É importante ressaltar que assim como afirmou Silva (2003) acerca dos frequentadores do “carnaval gay do Roma” e dos bares e boates *do babado*, nem todos os indivíduos que circulam por esses espaços fazem parte do que o autor chamou de *ethos GLS*⁹¹. Há muitos indivíduos que se reconhecem como “heterossexuais”⁹² e que também circulam pelos *points GLS*⁹³ da cidade fazendo com que estes espaços possibilitem um gradiente mais amplo do que sociabilidades homoeróticas, diferentemente do que ocorre, por exemplo, nos *ghettos gays* de países anglo-saxões, socialmente mais fechados e restritos (Perlongher, 1987).

Nos três espaços pesquisados, os jovens estudados se distribuem quase que igualmente entre garotos e garotas, sendo que um dos principais fatores que lhes dá coesão é o fato de a maior parte deles ser frequentadora dos bares e boates GLS da cidade, mesmo os menores de idade (sendo que esses aprendem e desenvolvem táticas para driblar a exigência da apresentação dos documentos oficiais de identificação nas portas das casas noturnas, e quando não conseguem entrar costumam permanecer nas imediações das casas, conversando com os que eventualmente saem para “tomar um ar”, ou com aqueles que também não podem entrar, seja por serem menores de idade ou por não terem dinheiro). Outro ponto que tende a lhes dar coesão é o fato de que outros indivíduos vistos também como “jovens” em geral são mais facilmente aceitos e assimilados nesses espaços.

Esses encontros no Sahara, no pátio e na escadaria são cruciais para o fluxo de informações sobre os acontecimentos que fazem parte do roteiro de atividades indispensável para a vida social desses jovens, como as festas nas casas noturnas (ou na casa de alguém). Encontrar os colegas na região do Sahara é também imprescindível para compartilhar novidades sobre conhecidos (e principalmente inimizados), onde as gafes, as brigas, os acontecimentos interessantes dos últimos dias, enfim, os *bafões*⁹⁴ são contados com riqueza

⁹¹ Silva (2003) afirma que seria melhor chamarmos este contexto social de *ethos GLS* para dar espaço a essas múltiplas possibilidades de sociabilidades que ali ocorriam.

⁹² Procuro utilizar alguns termos e denominações locais, muito embora corrobore com a noção da multiplicidade das identidades que se manifestam no indivíduo.

⁹³ *Points* é uma expressão de língua inglesa e no contexto da noite GLS florianopolitana denotava os locais de encontro, muitas vezes bares e boates, mas também referentes a espaços públicos da cidade, etc.

⁹⁴ *Bafão* ou *Bafões* é um termo que denotava acontecimentos com certo teor de escândalo e que muitas vezes significava situações vexatórias para alguns dos envolvidos. Contar um *bafão* podia ser um recurso de poder, “sujando” (ou valorizando) a imagem de alguns dos envolvidos, assim como podia apenas ser um recurso para passar o tempo e rir dos acontecimentos. Podia ser visto também como um importante instrumento de aprendizado social no contexto da cena GLS. Aprendia-se, ouvindo alguém contar um *bafão*, quais

de detalhes. Nesses espaços sociais essas pessoas adquirem o conhecimento sobre os comportamentos adequados e os inadequados: *é de certa forma um espaço de aprendizado, de iniciação social no “mundo GLS” para vários desses adolescentes*⁹⁵, o que me faz lembrar a importância da rua nos territórios de prostituição para as travestis pesquisadas por Benedetti (2000). Para elas, segundo o autor, a rua é um espaço importantíssimo de trocas - de experiências, objetos, conhecimentos, etc. - e principalmente de aprendizado, auxiliando no processo de “saber ser” travesti.

Os contextos pesquisados são os locais onde esses adolescentes aprendem a se posicionar no mundo social em que se inserem, estabelecendo relações de aprendizado e de reciprocidade. A importância desses espaços, para muitos dos jovens que os frequentam, se estabelece principalmente pelo fato de ser ali que os comportamentos realmente ansiados estão autorizados a ocorrer. É também nesses espaços que muitos podem paulatinamente “sair do armário” e começar a criar outras visões possíveis de identidade.

3.1.4 Algumas categorias locais

Apesar de utilizar, algumas vezes, o termo “grupo” para o conjunto de pessoas estudadas (tendo cuidado em não solidificar as relações que se estabeleciam entre elas) creio que é melhor afirmar que elas estão mais *em grupo* do que *são um grupo*. Pois mesmo existindo alguns vínculos que dão coesão a esses jovens, se nota um processo de incessante formação, dissolução e recriação de pequenas reuniões de adolescentes e jovens. É constante a

comportamentos e condutas eram vistos como corretos, e quais eram vistos como ridículos ou inadequados socialmente.

⁹⁵ Apresento um trecho de meu caderno de campo que mostra o comportamento de Fabrício (nomes fictícios), um garoto branco, de 15 anos, morador de um dos morros próximos ao centro da capital, e que estava tendo suas primeiras experiências “saindo na noite gay”: “Conversei com dois garotos, Tiago (13 anos) e Fabrício (15 anos). Os dois me disseram que nunca haviam entrado na boate Undersky. Tiago nunca entrara em casa noturna alguma (sua óbvia cara de criança não deixaria), mas Fabrício já, e estava deslumbrado com sua primeira ida a uma boate GLS, a Perspective: - *Tinha um monte de cara bombado e sem camisa lá, mas era tudo casado! ‘Tavam’ tudo em casalzinho e nem olharam pra mim.* – Me disse Fabrício. Mais adiante me contou como fora cantado por um ‘velho’. – *Teve um velho que me cantou e fez assim [sinal de chamado com o dedo indicador]. Daí eu gritei ‘Eu não gosto de velho!’ mas ele não entendeu e me chamou de novo. Eu gritei de novo (...) mas ele não entendeu. Daí fui até ele e gritei bem alto no ouvido dele que eu não gostava de velho.* – terminou Fabrício”. O trecho ilustra não apenas algumas relações comuns entre gays jovens e gays mais velhos, (convites, recusas e não raras tentativas de trocas de práticas sexuais por recompensas variadas, como também relatado por Erdmann, 1981) mas também o precoce aprendizado de que as *tias* (gays mais velhos) estavam indubitavelmente fora do *roll* de parceiros desejáveis.

mobilidade social (no sentido de movimentação no espaço, trocas e conversas) entre esses jovens, que se reúnem segundo as mais variadas motivações: por ligações de amizade, por interesse em relação aqueles que trazem a bebida, por tentativa de se aproximar dos indivíduos mais populares, por interesses erótico-afetivos, enfim, por inúmeras razões. E junto a esse processo de mobilidade, que denota a existência de algumas diferenças sociais entre os jovens, há o estabelecimento da nomenclatura dos sujeitos naqueles espaços. A seguir abordo algumas dessas categorias locais que dão mostras da lida com a identidade e a alteridade.

Algo perceptível é o fato de ser bem mais comum alguns indivíduos atribuírem categorias de nomeação (algumas vezes irônicas, depreciativas ou até acusatórias) a outros do que se incluam entre os nominados. E essa é uma tendência que, aliás, extravasa o contexto desses jovens e se reflete em termos mais gerais, nas sociabilidades nas casas noturnas GLS da cidade. O nome dado a alguns indivíduos, algumas vezes não é aceito, reconhecido e utilizado por eles.

As garotas com práticas homoeróticas, por exemplo, tendem a ser chamadas de *sapinhas* ou *sapas*, termos que derivam do popular *sapatão* o qual foi, de certa forma, redimido de seu teor ofensivo e depreciativo (ao menos naquele contexto social) pelos termos atualmente em forma diminutiva⁹⁶. *Sapatão*, durante meu campo, não foi utilizado como categoria de identificação nenhuma vez por pessoas que estivessem próximas a mim. *Sapinhas* e *sapas*, ao contrário, são termos que tendem a ser aceitos e utilizados entre as jovens.

Os garotos com práticas homoeróticas, por sua vez, costumam ser chamados (e também se autodenominar) de *bibinhas*, *bibas*, *bichas*, *bichinhas*⁹⁷, *viados*, entre outros termos. A própria utilização dos termos no diminutivo (*sapinha*, *bibinha* ou *bichinha*) é um reflexo de um recorte geracional: uma vez que os indivíduos assim nominados são mais jovens; tanto que é rara a utilização desses termos referentes a indivíduos mais velhos.

⁹⁶ *Sapas*, *Sapinhas*, *Sapatilhas* e outros termos menos usados foram colhidos em entrevistas e na convivência cotidiana nos ambientes estudados. No campo, usados pelos sujeitos analisados, quase nunca carregavam carga depreciativa.

⁹⁷ Esses quatro primeiros termos (*bibas*, *bibinhas*, *bicha*, *bichinha*) eram utilizados sempre acompanhados de artigos femininos 'a' ou 'as': "*as bibas*", "*a bibinha*", "*a bichinha*" e nunca com artigos masculinos. Esses termos, no contexto social analisado e utilizados por aqueles sujeitos, quase nunca carregavam carga depreciativa.

Tanto os gays quanto as lésbicas mais jovens costumam conviver dividindo esses espaços fraterna e festivamente⁹⁸, assim como outros indivíduos também jovens, porém que afirmam não manter relações erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo.

A seguir será apresentada também outra categoria local, as *tias*, (homens mais velhos com práticas homoeróticas) a qual estabelece, no contexto dos três espaços pesquisados, relações sociais principalmente com gays mais jovens.

3.1.5 *Sapinhas, bibinhas e tias*

Outra experiência percebida em campo foi a relação desses jovens com alguns daqueles indivíduos que também vivenciam experiências erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo, mas que têm bem mais idade que elas. Essas relações foram percebidas em vários momentos na convivência com *sapinhas* e *bibinhas*, a começar pela minha inserção em campo, uma vez que àquela época estava com 25 anos de idade e já me diferia socialmente dos sujeitos estudados, seja por já não ser adolescente, seja pelo vestuário, pelo comportamento menos “brincalhão” e “solto”, enfim. Foi necessária uma grande adequação de minha parte à dinâmica do grupo para poder *fazer parte*, integrar-me, na procura por estabelecer um “encontro etnográfico”, seguindo os conselhos de Roberto Cardoso de Oliveira (2000).

Após muitas idas à campo, passadas várias semanas de convivência, pude perceber, em uma tarde em que estávamos todos nas mesas em frente ao Sahara, um exemplo do trato que principalmente os gays jovens manifestavam em relação às *tias*. Estávamos todos conversando e rindo, quando um homem de cerca de cinquenta anos de idade se aproximou e acabou por sentar em nossa mesa (onde estávamos eu e mais cinco pessoas: quatro garotos e uma garota) sem nos pedir permissão. Eu nunca o vira, mas pelas reações dos meus acompanhantes ele já era bem conhecido e também um elemento claramente indesejado.

João era um homem de aproximadamente 1,75m de altura, calvo da testa à nuca, tendo cabelos apenas sobre as orelhas. Era magro, mas tinha uma “barriguinha”, usava óculos de

⁹⁸ Como se verá na análise de gênero, a qual ocorre na segunda parte desse capítulo, apesar de existirem festas mais voltadas aos homens, e outras mais voltadas às mulheres, não era incomum essa convivência fraterna entre homens e mulheres com práticas homoeróticas nos âmbitos dos bares e boates GLS.

armação antiquada, uma camiseta xadrez e calça jeans velha. Mais tarde, o grupo que estava comigo comentaria que “para piorar”, além de ser uma *tia*, João era também *bicha pobre* (categoria analisada mais adiante, na discussão de classe), o que combinaria a interseção de características desvalorizadoras para as pessoas ligadas à cena GLS na cidade: idade mais avançada e baixo status sócio-econômico.

Todos faziam questão de demonstrar explicitamente que o achavam feio e que sua presença era inconveniente. Durante alguns minutos todos na mesa o ignoraram solenemente, mesmo tendo ele tentado “puxar papo”. Como queria ver qual era o comportamento usual do grupo, não interferi. Em vários momentos João procurava “apimentar” nossa conversa, falando algumas obscenidades e fazendo perguntas que eram deixadas constrangedoramente sem resposta, até que Alexandre⁹⁹, um garoto que se tornou um dos meus “informantes privilegiados” irrompeu:

- Tá, *tia!* Tá! A *tia* tá atacada, hoje. Tá querendo chamar atenção!? Vai lá pro *banheirão*¹⁰⁰ que a tia encontra uma *neca*¹⁰¹, vai!

Eu fiquei chocado com a agressividade da reação de Alexandre, mas procurei disfarçar para observar o que o restante das pessoas faria. O próprio João não pareceu nada chocado e ainda riu como quem está acostumado com o tratamento. *Tia*, como ouviria ainda diversas vezes, era um termo local que denominava homens mais velhos com práticas homoeróticas (vistos geralmente como não atraentes, às vezes como repulsivos), e que em alguns casos tentavam ter encontros erótico-sexuais com os gays mais jovens, não raro lhes propondo algum tipo de pagamento. *Tia* é também utilizado contextualmente para depreciar homens não tão velhos, mas que também se aproximam ou se interessam pelas *bibinhas*, e pelos quais, por diversas razões, elas não têm interesse.

Alexandre me diria alguns momentos mais tarde, que João costumava *pegar*¹⁰² sempre alguém no banheiro do Sahara. Ouvi diversas histórias sobre encontros erótico-sexuais naquele banheiro, sendo que aqueles que costumam fazer *pegação* ali e em outros banheiros de uso público, são chamados de *bichas banheirudas* ou então de *piranhas do banheiro*, termos que tendem a denotar uma posição hierárquica mais baixa, moralmente mal vista. Passados alguns minutos, João acabou sendo tolerado, mesmo que ainda muitas vezes

⁹⁹ Alexandre tinha 18 anos de idade, embora parecesse mais jovem. Estudava no segundo ano do ensino médio e morava na Barra da Lagoa (bairro distante cerca de 40 minutos do centro da cidade, para quem vem de ônibus e em dia sem engarrafamento).

¹⁰⁰ O termo *banheirão* é utilizado para designar relações sexuais entre homens e que se estabelecem em banheiros públicos e de estabelecimentos comerciais de grande circulação.

¹⁰¹ *Neca* significa pênis.

¹⁰² Sinônimo de fazer sexo.

ignorado em suas perguntas e comentários. Eu o encontraria perambulando pelos espaços pesquisados em várias outras ocasiões, e a impressão que sua visão me dava era a de um espectro, um fantasma que passava pelos jovens tentando fazer contato e sendo ostensivamente ignorado por quase todos.

Certa vez, ao perguntar a Alexandre se ele já cogitara *ficar* com algum homem mais velho, ele me respondeu dizendo que não suportava a aproximação “dessas bichas velhas”:

“[as *tias*] não se enxergam, pelo amor de Deus, né!? Porque é que eu ficaria com uma criatura dessas? Se não se cuidou quando era novo e ficou esse ‘bagaço’ aí, eu é que não tenho culpa! Não sou a madre Tereza pra ficar fazendo caridade! Ah, não sou não. (...) E tem gente que faz, né... Mas faz por dinheiro, eu conheço várias que fazem. Eu nunca faria! Nunca!”.
Alexandre, 18 anos. Estudante. Transcrição de Entrevista Gravada.

Essa fala ilustra algo que esteve bastante constante em meu campo: há uma clara e expressiva discriminação para com sujeitos mais velhos que mantém relações erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo, não apenas nesse contexto do Sahara, mas também em todo o conjunto mais amplo da cena GLS na cidade, como também constatou Córdova (2006). Andrei, um de meus entrevistados, em uma das boates afirmou: “*Gay tem prazo de validade, sabia? O meu já expirou!*”. Estava com cerca de 40 anos e afirmava já não ter muita vontade de sair para bares e boates GLS, pois “há muito preconceito com quem é mais velho”. Algo importante a se pontuar é que essa lógica de discriminação geracional, entretanto, foi percebida nos relatos de campo com mais expressividade entre homens do que entre mulheres.

As representações sociais, em termos gerais, dos frequentadores mais jovens (tanto da região do Sahara quanto dos bares e boates GLS da cidade) sobre as *tias* denotam que esses homens mais velhos seriam: infelizes, solitários, decadentes, frustrados, fora de forma, indesejados, inconvenientes, desagradáveis, sendo que a própria presença deles nesses espaços de sociabilidade seria sinal de uma falta de percepção “do seu lugar” na ordem social da cena GLS (o qual estaria mais ligado a ambientes privados, como se o lugar dos gays mais velhos fosse dentro de casa e não convivendo com jovens em bares e boates).

A visão das pessoas mais velhas como intimistas, com menor propensão a sair para festas, a paquerar, com libido controlada e rasa, porém, extrapola o universo pesquisado, uma vez que a sociedade brasileira tende a retratar dessa maneira, grosso modo, as pessoas mais velhas ou idosas. Uma diferença encontrada nos contextos de pesquisa era uma austeridade e

rigor talvez mais acentuados do que na sociedade em geral na separação entre aqueles que são “jovens” e aqueles que deixam de ser “jovens”, e talvez até certa precocidade na eleição daqueles que já não são “jovens”. Segundo conversas que estabeleci em campo o período áureo para os homens nesse contexto parece ser relativamente estreito: da adolescência até antes dos 30 anos de idade.

Concomitante a essas representações sobre os gays mais velhos, se estabelecem também algumas representações principalmente sobre os gays mais jovens, as quais tendem a dar uma noção quase frenética de urgência de experiências, como se o campo de possibilidades de vivências erótico-afetivas estivesse restrito apenas a um determinado gradiente geracional, frente ao qual, uma vez extrapolado o pólo máximo, se estaria compulsoriamente excluído. Esta urgência não deixa de causar certa angústia também nos jovens, uma vez que cheguei a encontrar, por exemplo, homens por volta dos 30 anos de idade que já se sentiam desconfortáveis com as exigências de rostos e corpos viçosos.

Como citado no segundo capítulo, na análise do bar Hypefull, há margem de manobra para lidar com o fato de já não ser “jovem”, uma vez que homens mais velhos, com pele e cabelos bem cuidados (alguns utilizando técnicas de cirurgia plástica), que freqüentam academias de ginástica, usam roupas “antenadas” com as últimas tendências da moda (e especialmente se aliado a esses fatores possuam alto poder aquisitivo) tendem a ser excluídos da categoria *tias* e inclusos na categoria *tiozão*.

Segundo os relatos de sete entrevistados no trabalho de Córdova (2006:200) os bares e boates GLS seriam espaços indubitavelmente mais freqüentados por jovens. A maior parte desses entrevistados (de 44 a 71 anos) afirma preferir festinhas nas casas de amigos a sair em bares ou boates. Alguns relatam uma maior resistência à exposição pública da orientação sexual (talvez uma característica de gerações mais velhas), outros, como Maria (48 anos), na juventude desqualificavam traços associados aos “velhos” e hoje sentem essa desqualificação se voltar contra eles:

“Antes eu me considerava a rainha do gueto, mas hoje em dia eu não gosto [de ir à bares e boates GLS], me sinto velha, me sinto super mal, não me sinto legal. [...] Acho que por causa da diferença de idade. Aquilo que nós víamos nas outras pessoas mais velhas, na nossa época, eu acho que as pessoas estão achando a mesma coisa de mim, então, não gosto disso” (Córdova, 2006:200).

Córdova (2006:201) afirma parecer “ser um consenso que estas pessoas [mais velhas] preferem se reunir em casa dos amigos”. Tal fato talvez seja dialeticamente produto e

produtor das visões afirmadas anteriormente de que gays mais velhos deveriam permanecer em ambientes privados. E que algumas das justificativas dadas pelos pesquisados:

“estão baseadas em outros valores que, todavia remetem à idéia de que um dia suas vidas foram diferentes, possivelmente se referiam ao tempo em que eles também foram jovens. Atualmente, a casa de cada um ou a dos amigos, apareceu como um porto seguro, protegido, festivo” (Córdova, 2006:201).

A desqualificação social das diferenças, uma das questões centrais de minha dissertação, a qual costuma ser vista na cena GLS como referida apenas na visão dos “heterossexuais” discriminando os “homossexuais” (obliterando-se as próprias desqualificações sociais que se impõem dentro da cena GLS) é também trabalhada por Córdova (2006):

“Esta lógica [da desqualificação social da diferença] que vem perdurando há bastante tempo, (...) e que faz com que muitos homossexuais se sintam discriminados pelos heterossexuais e não percebam que também eles discriminam o seu diferente, os gueis às lésbicas, os de mais idade, os menos favorecidos social e economicamente, entre outros” (Córdova, 2006: 197).

Não apenas no Sahara, no pátio do museu e na escadaria é possível perceber traços dessa *discriminação geracional*: a descrição dos espaços sociais de bares e boates GLS no segundo capítulo demonstra que em grande parte desses contextos, pessoas mais velhas tendem a permanecer nos espaços com menor visibilidade social, assim como nos pontos menos valorizados. Elas também tendem a ser ignoradas ou a não ser alvo de olhares desejosos.

Essa desqualificação social quase absoluta de atributos de “velhice” não é um fenômeno que se estabelece apenas na noite GLS, se trata de uma característica que extravasa esse contexto e engloba não apenas a sociedade brasileira, mas grande parte das sociedades ocidentais; e uma vez que os espaços pesquisados têm porosidade social, não se tratando de caixas herméticas, há um intenso reflexo (embora com características próprias locais) de configurações valorativas e hierárquicas da sociedade em geral, quanto à idade, a classe social, à cor da pele, às relações de gênero, à corporalidade, etc.

Nessa discussão, por fim, procurei apresentar basicamente a importância dos espaços públicos e semi-públicos pesquisados para a o estabelecimento do aprendizado social no contexto das sociabilidades de gays e lésbicas mais jovens, assim como os traços de discriminação geracional que são imputados a pessoas que mantêm práticas homoeróticas e são mais velhas, em especial no caso dos homens, que aparentemente sofrem mais que as

mulheres com essa desvalorização no mercado erótico, e como esse processo de discriminação reflete e reforça a lógica das configurações hierárquicas vigentes na cena GLS.

Uma questão premente que pode ser discutida após essa discriminação geracional ser vislumbrada é a inclusão mais efetiva, no âmbito do quadro programático do movimento LGBTTT¹⁰³, da questão geracional, haja vista ainda ser bastante vilipendiada no âmbito político e trazer sofrimento assim como conseqüências limitadoras às subjetividades de um grande número de pessoas com práticas homoeróticas. Facilitaria esse processo o questionamento da superlativização absoluta de atributos da “juventude” como os únicos para os quais seria digno se cantar versos, fazendo uma referência ao poema que abriu este capítulo de minha dissertação.

A seguir, prosseguindo nos recortes de marcadores sociais que refletem as configurações hierárquicas locais, parto para uma análise de gênero considerando a relativa invisibilidade e o caráter minoritário das lésbicas no contexto das festas em bares e boates GLS do centro da cidade. Analiso também as relações entre distintas categorias de *transgêneros*, no caso, a interpretação local dos critérios que diferem *drag queens* de *travestis*, segundo o discurso de algumas *drags* locais e a partir do relato do caso de Britney Pop, a qual se considera *drag queen* e é considerada socialmente como *travesti*.

3.2 Nas noites com *sapas*, *drags* e *travas*: uma análise de gênero e visibilidade

A análise a seguir é efetuada a partir da questão da visibilidade (e invisibilidade) das lésbicas, *drag queens* e *travestis* que circulam pela cena GLS segundo um recorte de gênero. Essa análise procura apresentar uma visão sobre a localização desses sujeitos nas configurações hierárquicas locais.

Apresentando brevemente essas categorias, *sapa* (como visto na análise geracional), era o termo socialmente difundido que tendia a denominar as mulheres com práticas homoeróticas na cena GLS. No caso das *drag queens* (*drags*) e das *travestis* (*travas*), ambas

¹⁰³ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Essa é a sigla escolhida por parte do movimento LGBTTT, após a Conferência Nacional GLBTTT, ocorrida em Brasília no início de Junho de 2008. Esse evento foi considerado por parte do Movimento LGBTTT como uma referência para suas deliberações políticas. Entre suas resoluções finais estava a de mudar a ordem das siglas do movimento: a antiga primeira letra, o “G” de “gays”, passou para depois da sigla “L”, de “lésbicas” devido a uma crítica histórica de secundarização das lutas de mulheres com práticas homoeróticas, dentro do movimento.

estariam inseridas na categoria *transgênero*¹⁰⁴ (ou, em inglês, *transgender*), que segundo Vencato (2002:11) diria respeito:

“ao agrupamento de diferentes modos e manifestações do transvestismo, que se dá também no nível do desejo, mas passa a ser efetivamente reconhecido e significado, mesmo nos discursos sobre o assunto, quando acontece o *cross-dressing*. O constante trânsito, conforme Garcia (2000), entre um e outro gênero também lhes é definidor. Evidentemente, nem toda prática de *cross-dressing* aponta para a existência de um sujeito transgênero, e nem mesmo poderia se dizer que o passear entre masculino e feminino os define. A construção desses sujeitos é muito mais complexa e, nesse sentido, concordo com Maluf (1999b) quando afirma que estas pessoas se fazem sendo, na inscrição do desejo em um corpo, inscrição esta que deve ser sempre reatualizada e reafirmada” (Vencato, 2002:11).

Mais adiante serão discutidas as diferenças entre essas duas categorias de *transgêneros*, assim como a importância dessa diferença, segundo a visão das *drag queens*. Apresentadas sucintamente as categorias, primeiramente analiso uma afirmação presente em vários estudos sobre relações homoeróticas em Florianópolis (e encontrada também em minha pesquisa de campo): a relativa invisibilidade e o caráter explicitamente minoritário das lésbicas no contexto das festas em bares e boates GLS do centro da cidade¹⁰⁵.

Após abordar essa questão, parto para a análise de relações entre distintas categorias de *transgêneros*, no caso, a interpretação local dos critérios que diferiam *drag queens* das *travestis*, segundo o discurso de algumas *drags*, a partir do relato de um caso específico, e de como essas distinções traziam consigo a confirmação da aplicação de *mecanismos hierarquizantes*¹⁰⁶ que jogavam com a economia do estigma entre essas categorias.

3.2.1 Tem pouca *sapa* na noite?¹⁰⁷

¹⁰⁴ Essas categorias de *transgêneros* estariam no contexto de *cross-dressing* “*male to female*” (masculino para feminino), ou seja, em um movimento que partiria do suposto “sexo” masculino, para vestimentas e corporalidades femininas.

¹⁰⁵ Afirmação presente nos trabalhos de Perucchi (2001); Vencato (2002); Silva (2003); Córdova, (2006).

¹⁰⁶ Gaspar (1985).

¹⁰⁷ O termo *sapa* também era utilizado de maneira cômica principalmente entre as lésbicas mais jovens fazendo uma relação com a semelhança com a palavra que dá nome ao animal, o sapo. Desta forma era comum em reuniões de garotas e mulheres o uso carinhoso da expressão *brejo* (um dos habitat do sapo) como relativo às festas e locais de concentração de mulheres que faziam parte da cena GLS.

Com exceção de uma festa voltada às mulheres que ocorre uma vez ao mês na Perspective, em todas as outras festas nas casas noturnas as mulheres estavam sempre em uma incontestável minoria. Em alguns casos durante minhas saídas a campo elas estavam praticamente “invisíveis” em termos numéricos.

A pesquisa de Vencato (2002) também demonstra que:

“basta entrar numa ‘casa gay’ para perceber que o gueto ilhéu recebe uma frequência maciça de homens, sendo que as mulheres ali se encontram em quantidade muito inferior, chegando a estar em número que nem mesmo chega a ser representativo em boa parte das festas (é importante dizer que a capital não contava com um espaço de sociabilidade específico nem para homens, nem para mulheres gays na época da minha pesquisa)”. Ainda atualmente não há um bar ou boate voltado especificamente às lésbicas, entretanto em meu período de campo ocorriam festas praticamente exclusivas delas (Vencato, 2002: 107).

Segundo relatos de algumas mulheres em meu campo, houve no centro da cidade, há cerca de quatro anos a experiência de um barzinho administrado por uma mulher, com música ao vivo e voltado às mulheres da cena GLS. Teria durado menos de um ano e seu fechamento teria a ver, segundo os relatos, não ao número de frequentadoras, pois em quase todas as festas permanecia com uma quantidade satisfatória de clientes, mas, entre outras questões, a problemas devido à “perseguição policial”¹⁰⁸. A dona ainda tentaria abrir outro bar em uma cidade no continente, mas aparentemente a iniciativa não teve sucesso.

Além do caráter minoritário, nas últimas décadas nem sempre as mulheres foram bem recebidas nas festas cujo público majoritário era os homens. Córdova (2006) traz o relato dos acontecimentos na boate Oppium, aberta nos anos 1980 na área da escadaria do Rosário, no centro da cidade. O dono da boate, segundo relatos trazidos pelo autor, não gostava da presença das “lésbicas” e as tratava de maneira discriminatória¹⁰⁹.

No período de minha pesquisa pude perceber que os donos, gerentes e *promoters* dos bares e boates (os mesmos que tendiam a propagar o já citado *discurso igualitário* acerca dos

¹⁰⁸ A questão da perseguição policial aos estabelecimentos foi algo relatado por quase todos os *promoters* ou gerentes com os quais conversei. Estes tendiam a confirmar a existência de uma política constante de extorsão por parte dos oficiais de polícia para que não houvesse batidas policiais e fechamentos arbitrários de casas noturnas, o que tenderia a assustar e afastar os clientes dos estabelecimentos, etc. Os “pagamentos”, segundo os relatos, variavam de “dinheiro vivo” a produtos oferecidos pelas casas, desde alimentos a garrafas de bebidas caras.

¹⁰⁹ Uma das entrevistadas de Córdova (2006), Leila (44 anos) cita que: “[o dono da boate] tinha muito preconceito contra as mulheres. (...) a gente sofreu um tipo de preconceito e brigas. Muitas mulheres deixaram de frequentar. Ele era gay, mas era um empresário da noite, um cara muito dinheirista eu acho, ele só queria tirar o dele. (...) era uma pessoa que realmente não gostava, na época, que as mulheres frequentassem as casas dele. Por qualquer coisa ele botava pra fora, uma discussão, uma coisa... Inclusive, ele, às vezes, cobrava mais caro para as mulheres, para desestimular elas de irem à boate” (Córdova, 2006: 184).

frequêntadores da cena GLS) eram praticamente todos homens, sendo que grande parte se reivindicava gay. Dentre os *promoters* os quais tive maior proximidade, apenas um era mulher, sendo exatamente aquela que organizava a popular festa mensal para mulheres, e que lotava os ambientes da Perspective. É interessante notar que assim como nos anos 1980 o dono da Opiium chegou a “sobretaxar” as mulheres, tentando desencorajá-las a entrar (Córdova, 2006), nessa festa mensal para as lésbicas ocorria coisa semelhante, entretanto, dessa vez os “sobretaxados” eram os homens. Enquanto elas pagavam R\$15,00 em média, eles pagavam R\$25,00.

Entrevistando os funcionários, especialmente gerentes, *barmen* e seguranças das casas noturnas (a esmagadora maioria homens) estes me diziam que aquelas que eram “mais encrenqueiras”, que davam “mais trabalho”, e eram mais “briguentas” não eram “as bichas”, mas sim “as sapas”. Essas vozes acusatórias, *é necessário frisar*, eram vozes de homens. Eu especialmente não percebi mudanças significativas em termos de conflitos e brigas nas festas para lésbicas em relação às festas para gays. Essas acusações recorrentes nos bares e boates (e quase sempre provindas de homens) me fizeram perceber algumas das representações sociais acerca das lésbicas advindas desses pontos de vista masculinos. Para parte dos sujeitos ligados à *indústria do entretenimento GLS*, essas mulheres tendiam a ser vistas, em termos gerais, como agressivas, grosseiras, mal educadas, descontroladas, intempestivas, provocadoras, ciumentas, *bagaceiras*¹¹⁰, pessoas sempre propensas a agredir fisicamente a outrem, etc. Essa carga acusatória tendia a diminuir conforme “o grau” de feminilidade performatizado pelo indivíduo. Quanto mais feminina a mulher aparentasse, menos se tendia a associá-la às acusações anteriormente citadas, sendo que ocorria a correlação inversamente proporcional: quanto mais masculina, maior era a tendência de associá-la a toda a carga negativa e acusatória citada.

Essa representação social de caráter negativo em relação às lésbicas também é reflexo do fato da maior parte das festas ser pensada, programada e desenvolvida para agradar à tradição de público majoritário das casas: os homens. E a presença grande numericamente de mulheres tende a causar reclamações dos homens interessados em se socializar centralmente com outros homens (questão reforçada e algumas vezes justificada pela propagação dessas

¹¹⁰ Uma das justificativas para estarem associadas à categoria *bagaceirice*, (além daquelas que eram mais velhas, mais gordas ou mais masculinizadas, as quais já tendiam a ser associadas), era o fato do gosto musical dessas mulheres para o som tocado nas festas. Uma relevante parcela gostava de escutar “pagode”, “axé” e “MPB”, estilos de música considerados por parte dos frequêntadores como “de mau gosto” e muito destoantes dos sons que dominavam as pistas das festas gays (*house music* e suas variantes). Córdova (2006), abordando espaços específicos voltados para mulheres na boate Chandon, no centro de Florianópolis nos anos 1990 afirma que: “As mulheres ficavam mais onde o ‘som’ era mais nacional, com muito axé e pagode; os homens preferiam o Techno” (Córdova, 2006:196).

representações sociais negativas em relação às lésbicas). Cheguei a ouvir de um *promoter* que uma “festa lotada, mas com mulheres demais é sinal de festa ruim, as pessoas [leia-se, os homens] vão reclamar e falar mal”.

De certa forma é conveniente para a estrutura organizativa dessas festas, que o número de mulheres permaneça relativamente controlado, não ultrapassando os seus 30%, como média aparente no conjunto dos frequentadores. Considerando esses fatores, interpreto essa “invisibilidade” relativa das lésbicas nesses contextos não necessariamente como um fenômeno comportamental espontâneo das mulheres, (como se fossem menos propensas ou interessadas nas sociabilidades em bares e boates GLS)¹¹¹ mas em grande parte como um fenômeno entre outros fatores, fruto de um projeto político (consciente ou não) dessas figuras ligadas à *indústria do entretenimento* citada, que opta claramente por priorizar a satisfação dos interesses de uma parcela desses frequentadores: os gays¹¹².

Esse projeto político se materializa de múltiplas maneiras, a começar pela própria idealização das festas, a maneira como se pensa a propaganda com os materiais de divulgação (os quais, como se verá na análise dos *flyers*, mais adiante, priorizam a representação imagética de homens, brancos, musculosos e jovens e mantêm mulheres representadas apenas nas poucas festas voltadas a elas, ou seja, minoritariamente), assim como os estilos musicais escolhidos para tocar nas festas (optando pela *house music* e suas variantes - as sonoridades mais presentes nas festas gays - e ignorando a MPB, o “pagode” e o “axé”, estilos que agradam grande parte das mulheres), assim como, por fim, o tratamento seco e sem deferências dado às mulheres em especial quando estas se encontram em número “ameaçadoramente” expressivo em festas voltadas aos homens.

Como consequência desse quadro, as mulheres interessadas em encontrar outras mulheres para fins erótico-afetivos acabam muitas vezes frequentando esses locais por falta de alternativas em relação a bares e boates - o que não quer dizer que não possuam alternativas de sociabilidades, uma vez que aparentemente tendem a ter programas coletivos até mais variados do que os gays: campeonatos de futebol, encontros em locais “não GLS” como barzinhos tradicionais da cidade, e em bailões nas periferias, como pesquisado por Godoy, (2001), etc.

¹¹¹ Um promoter quando perguntei os motivos das mulheres serem minoritárias, me respondeu dizendo que achava que era uma característica das mulheres permanecerem em ambientes mais pessoais (privados), e por isso serem menos interessadas que os homens em sair em bares e boates. Desta forma, seu discurso reproduzia as relações de assimetria sexual discutidas classicamente pelo feminismo como a distinção: esfera pública/masculina *versus* esfera privada/feminina, discutida entre muitas outras autoras, por Rosaldo (1995).

¹¹² Embora, como Vencato (2002:107), eu também não tenha encontrado festas ou casas noturnas *exclusivamente* para homens ou para mulheres, não seria espantoso frente ao quadro descrito, se nos próximos anos surgissem experiências proibitivas para uns ou outros.

Sendo assim, a intenção desta discussão foi relativizar (e apontar algumas possíveis interpretações sobre) a “invisibilidade” das lésbicas nas casas noturnas pesquisadas, segundo a visão de um projeto político local que opta pela satisfação de uma parcela desses frequentadores. Outra questão explicitada diz respeito às representações sociais negativas referentes a essas mesmas mulheres (condicionadas à percepção de suas performances de feminilidade) emanadas principalmente dos discursos de alguns homens ligados às casas noturnas. Essas representações, em alguns casos servem para reforçar/justificar o citado projeto político, assim como a lógica das configurações hierárquicas locais (a qual tende a manter os gays em pontos mais valorizados e com maiores benefícios e possibilidades que os disponibilizados às lésbicas).

A seguir entro na discussão sobre distintas categorias de *transgêneros*: as *drag queens* as *travestis*, e os critérios sociais locais que diferiam e hierarquizavam as duas categorias, segundo o olhar de algumas *drags* pesquisadas, e através da análise de um caso específico. Discuto também as lidas e os jogos locais entre tais categorias acerca da economia do estigma.

3.2.2 *Você não é drag, querida! Você é trava!*¹¹³

Como visto anteriormente, *drag queens* e *travestis* estariam inseridas na categoria *transgêneros*. Dentro desse universo, porém, o que diferenciaria as *drags*¹¹⁴, seriam:

“aspectos como temporalidade, corporalidade e teatralidade. Temporalidade porque a drag tem um tempo montada, outro desmontada e, ainda, aquele em que se monta¹¹⁵. Diferente de travestis e transexuais, **as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem**. A corporalidade drag é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender esses sujeitos” (VENCATO, 2002:11), (grifo meu).

¹¹³ *Trava* era o termo diminutivo difundido em campo, para a categoria *travesti*.

¹¹⁴ *Drag* era o termo diminutivo difundido em campo, para a categoria *drag queen*.

¹¹⁵ Segundo Vencato (2002: 05) “*montar-se* é o termo ‘nativo’ que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir ou produzir-se” e que se aplica, entre outros sujeitos, às *drag queens*.

Já em relação às *travestis*, Benedetti (2000) apresenta uma ênfase no consumo dos hormônios no processo social de dar visibilidade à “identidade travesti”. Afirmo ainda que o que as distinguiria socialmente de outros/as *transgêneros* seria o fato de que:

“a percepção do corpo e sua fabricação constituem a sua identidade social e seu processo de formação como pessoa (...) Valem-se de todo o arsenal desenvolvido pela Medicina e ciências afins para levar a cabo estas transformações que, para além de modificarem as formas do corpo, produzem alterações de ordem moral, literalmente fabricando novos sujeitos (...) **O hormônio goza de um status privilegiado: seu consumo parece ser o elemento simbólico que determina o ingresso nessa identidade social em fabricação, nesta moldura social possível.** As travestis somente reconhecem outras travestis nas pessoas que fazem ou fizeram uso destas substâncias. Hélio Silva (1993:133) observou também este fato: para suas informantes, só é travesti quem (no mínimo) toma hormônios. O hormônio (e conseqüentemente seus efeitos no corpo e nas relações) parece ser um instrumento ritual de passagem, porque é junto com os seios e as formas redondas do novo corpo que a travesti (re)nasce para o mundo, que esta identidade se afirma e se comunica” (BENEDETTI, 2000:51-53), (grifo meu).

As *drag queens*, em especial, foram importantes interlocutoras em meu campo, uma vez que iniciei a pesquisa nas casas noturnas a partir da Undersky, (a principal boate com presença de *drags*, e a única a apresentar seus shows), e principalmente devido a uma tendência - que me surpreendeu em um primeiro momento - a uma grande abertura desses sujeitos para responder a perguntas e participar de pesquisas¹¹⁶.

Foi ali também que conheci Diva Blondie, uma das *drags* mais respeitadas e admiradas na ilha, sendo extremamente simpática, desenvolta, carismática e possuidora de uma retórica convincente. Foi ela quem me apresentou algumas interessantes interpretações locais sobre as categorias *bagaceirice* e *carão*.

Como analisado no segundo capítulo, as *drags* possuem grande visibilidade social principalmente no contexto da boate Undersky. Porém, em algumas casas sua presença e visibilidade são muito pequenas, e em outras, uma *drag* no espaço social seria inclusive digna de espanto para os freqüentadores, considerando o inusitado de sua presença.

¹¹⁶ Diva Blondie, por exemplo, me relatou já ter sido entrevistada por televisões, rádios, estudantes de graduação e pós-graduação de várias universidades e já estar acostumada até com os “tipos” de perguntas que tais pesquisadores costumam fazer. Disse também já ter participado de documentários sobre “a vida de drag” e inclusive já ter dado “uma palestra” para estudantes de graduação na UFSC sobre “o respeito à diversidade sexual”. Um exemplo dessa facilidade e propensão desses sujeitos (ao menos aqueles que encontrei em campo) a dar entrevistas ocorreu enquanto eu entrevistava uma participante de um concurso de *drags*. Em pouco tempo todas as concorrentes (e inclusive algumas que não estavam concorrendo) esperavam o seu momento de ser entrevistadas, mesmo sem que eu as tivesse convidado. De certa forma parecia uma forma de se subjetivar, em especial através do fato de “ser digna” de ser entrevistada por “um pesquisador da Universidade”.

Mas se as *drag queens* são figuras razoavelmente visíveis em alguns locais (e praticamente invisíveis em outros) as *travestis* são figuras, no contexto dos bares e boates, ainda mais obscuras e ausentes, sendo que em todas as minhas saídas a campo as vi raríssimas vezes, sempre em número ínfimo¹¹⁷. Essa presença escassa nas festas pesquisadas, uma vez que meu enfoque espacial foi o contexto social dos bares e boates, influenciou nos sujeitos os quais tive maior proximidade, no caso, as *drags*. Desta forma, a tendência apresentada nos relatos (em especial sobre as diferenças entre *drag queens* e *travestis*) que se seguem será da perspectiva das *drags*.

As justificativas comuns para essa ausência das *travas* nesses espaços (provindas principalmente de outros sujeitos que não das próprias) são as de que à noite, elas precisariam *batalhar*¹¹⁸ e que não teriam tempo para aproveitar o lazer. Alguns sujeitos ligados às casas noturnas, entretanto, me diziam que nas raras vezes em que as *travas* freqüentam esses espaços elas tendem a “unir o útil ao agradável”, batalhando por clientes nas casas mesmo, entretanto não creio que seja possível confirmar esse fato (primeiramente por não ter encontrado nenhum exemplo disso em campo, e também por não ter ouvido relatos das próprias *travestis* sobre o assunto).

Assim como as lésbicas mais masculinizadas, há também representações sociais negativas em relação às *travestis*, porém com alguns diferenciais que criam uma aura ainda mais periculosa em torno dessa última categoria¹¹⁹. As *travestis*, segundo essas representações sociais, seriam: instáveis, agressivas, violentas, escandalosas, irritadiças, perigosas, *bagaceiras*, sempre prontas para uma briga e tenderiam a andar armadas (principalmente com armas brancas: como a lendária navalha¹²⁰), etc. Os gerentes e *promoters*, agindo de acordo com essas representações (e dialeticamente auxiliando a produzi-las), tendiam a não gostar da presença das *travestis* em suas festas, embora permitissem, ou poderiam correr o “risco de escândalos” em frente à boate.

¹¹⁷ Nas poucas vezes em que tive contato com *travas* em bares e boates pude perceber um fenômeno oposto ao que ocorria com as *drags*. As *travas* não se sentiam tão à vontade para responder a perguntas, desconfiavam do meu real vínculo com a universidade e tendiam a responder de forma mais sintética e apressada. Diferentemente das *drags*, para as quais a teatralidade e o espetáculo são centrais e estão contando na possibilidade de “aparecer” tanto na mídia quanto para pesquisadores, as *travas* que encontrei em campo possivelmente não viam reflexos positivos em conceder entrevistas.

¹¹⁸ A “batalha” é um termo local das *travestis* que designa o ofício da prostituição (entre aquelas que se prostituem, uma vez que não são todas que o fazem), a maior parte das vezes nas vias públicas.

¹¹⁹ Ver o ótimo trabalho de Fernanda Cardozo (2006) sobre parentesco e parentalidade de *travestis* em Florianópolis.

¹²⁰ Representações muito semelhantes àquelas discutidas por Green (2000) acerca do quase mitológico personagem *Madame Satã*.

De toda a miríade de cores da “sopa de letrinhas” (Facchini, 2005), muito provavelmente as que sofrem os maiores efeitos da estigmatização pela dissidência da heteronormatividade são as *travas*, uma vez que são mal vistas e recebidas “a contragosto” (e, não raro, hostilizadas moral e fisicamente) tanto no contexto mais amplo da sociedade quanto nos contextos de sociabilidade homoeróticos. Inclusive a entrada desses sujeitos em algumas das casas, na época de meu campo, estava condicionada a determinadas regras, uma delas, por exemplo, era a proibição de adentrar usando minissaia. No caso do Undersky, para uma *trava* ser autorizada a adentrar, era necessário que ela usasse calça ou saia comprida o que causava inúmeros protestos, uma vez que havia um tratamento diferenciado em relação às *drags*: estas podiam entrar na casa até mesmo de maiô.¹²¹

Essas observações auxiliam a ter uma noção do tratamento social diferenciado e à hierarquização que se estabelece nos bares e boates entre as *travestis* e as *drag queens*, tendendo as últimas não apenas a ser mais bem recebidas, como também a estar melhor posicionadas em relação a *status*, ao acesso a determinados lugares e não raro em relação a questões sócio-econômicas, quando comparadas às travestis. A seguir abordo o caso de Britney Pop, em sua luta para ser reconhecida como *drag queen*, embora houvesse todo um *frisson* entre as *drags* locais que a acusava de “ser muito mais *trava* do que *drag*”.

Britney Pop nasceu em Florianópolis e tem 21 anos. Branca, um pouco gordinha, sua altura é de aproximadamente 1,80m. Possui ombros largos e braços levemente musculosos. A barba teima em aparecer mesmo quando maquiada, pois segundo ela “só com [tratamento a] laser pra desaparecer mesmo”. Seu rosto possui o queixo e a testa grandes, embora o olhar e a boca sejam delicados e ela os deixe cuidadosamente maquiados. Apesar de ostentar algumas características corporais socialmente atribuídas ao masculino (grande, alta, ombros largos, braços fortes), Britney procura inscrever o desejo em seu corpo¹²² através de traços de feminilidade que vai aos poucos agregando a si (segundo ela sem nunca ter utilizado o auxílio de hormônios). Sua voz é delicadamente treinada para ser fina e feminina.

Ela me relatou que seu caso é atípico na inserção à “vida de drag” se comparado à história de vida de outras *drags*, a qual, segundo ela, seguiria algumas fases:

“eu, quando comecei [a me montar] era *drag bebê*, tipo, eu já caí no mundo como *drag*, não fui como as outras que tem essa fase de primeiro freqüentar a boate, daí tu virar *bichinha de boate*, e só depois tu inventar de se montar e

¹²¹ Esta regra, segundo um dos seguranças do Undersky, foi criada pois uma *trava*, certa vez, teria “ficado louca” e teria levantado a saia mostrando “os documentos pra todo mundo”. O que teria deixado indignados o público e os dirigentes da casa.

¹²² Inscrição do desejo no corpo, característica desses sujeitos, conforme discutida por Maluf (2002).

se montar uma, se montar duas, se montar três vezes e virar *drag queen*. Eu não, eu já entrei na noite como *drag queen*, não tive essas fases todas¹²³. Não tive esse antes e depois. Tipo, entrei no mundo [das *drags*], fui prum concurso e já tirei o segundo lugar”.

Dessa forma, Britney dá a entender que “pulou fases”; antes mesmo de ter experiência frequentando a noite GLS já começou a se montar e entrar no “mundo das *drags*”. O relato a seguir, demonstra o quanto foi difícil a sua aceitação social como *drag* (e o quanto ainda é cotidianamente), devido a algumas de suas “características”:

“Eu na realidade nunca fui muito... muito *drag*, tipo *drag* mesmo. (...) *Drag* pra mim, depois que eu aprendi, é aquela coisa muito carregada, aquelas perucas muito grandes, aquela coisa muito colorida, eu sempre fui... [pausa pra formular o resto da frase] Na verdade como eu ainda tô aprendendo, eu não me considero ‘a’ *drag*. As minhas coisas sempre foram muito femininas, então eu era mais taxada como *travesti* do que como *drag queen*. Então as pessoas olhavam pra mim e já diziam: ‘é travesti’. É até bem engraçado porque quando eu fui participar do concurso[de *drags*]¹²⁴, não queriam deixar eu participar do concurso porque pensavam que eu era travesti. Mas eu fui mesmo assim. E olha que falaram pra mim [não participar], várias outras *drags* chegavam e falavam ‘tu não pode participar porque tu é travesti’. O dono da boate também não queria deixar eu participar! Ele teve até um certo preconceito, assim, comigo. Porque eu pensava, ‘poxa, tu não vai poder participar porque tu é travesti e o concurso é pra *drag queen*?’. E eu explicava, ‘não, mas eu não sou’ e as pessoas me diziam ‘você não é *drag*, querida, você é *trava*!’. E até eu conseguir tirar essa imagem, que eu ainda não consegui tirar totalmente, demorou muito tempo, muito, muito, muito tempo! (...) Daí eles foram ver, na realidade, que eu não era travesti, **que eu não tinha peito. Pra eles [achavam que] eu já tinha peito, e já tinha silicone nas coxas, que já tinha silicone na bunda, que já tinha laser na cara inteira, e botox na cara inteira e que eu já tinha feito laser** [para evitar o nascimento de pêlos] e não era nada disso realidade. Eles foram me conhecendo aos pouquinhos e viram que não era. Mas pro grande público em si, eu já era travesti. (...) Isso [de me considerarem travesti] me incomodava muito porque eu passava uma imagem que não era a minha imagem. E chegou a ser preconceito no começo, de eu precisar de ajuda assim, e pessoas me negarem ajuda porque olhavam e diziam ‘é travesti, eu não vou te ajudar’, sabe? O próprio mundo gay! Pessoas mesmo que eram *drags*, sabe?” (Transcrição de entrevista gravada. Grifo meu).

De sua fala, é possível perceber que Britney possui atributos que são significados socialmente como divergentes dos esperados para uma *drag*, a qual, como já afirmado,

¹²³ Uma visão desse percurso também poderia resultar em, após alcançar a “fase *drag queen*” passar para a “fase travesti”, a qual, segundo Diva Blondie, algumas *drags* optavam por alcançar. Este percurso que atingiria a associação à identidade *travesti*, entretanto, não seria necessariamente constituído por etapas, muito menos constituído apenas por essas etapas apresentadas em campo. E, para muitas *drags*, não é objetivo, de forma alguma, alcançar à identidade travesti.

¹²⁴ Esses “concursos de *drags*” ocorrem sazonalmente e movem uma expressiva base social tanto de interessados em participar quanto de interessados em assistir aos desfiles e shows, os quais, ao fim, elegem “as revelações *drag*” do ano, as quais tendem a ser contratadas (com vínculo empregatício e tudo) pela casa noturna para trabalhar como *hostess* e para realizar seus shows. Diva Blondie costumava dizer que esses concursos estavam gestando uma “fábrica de *drags*” em que a cada semana aparecia uma nova leva de interessados em serem socialmente conhecidos como *drags*.

geralmente joga com os atributos femininos no plano “do truque”, com enchimentos no lugar dos seios, muita maquiagem, acessórios e vestimentas específicas, tendendo, entretanto, a não fazer inserções cirúrgicas ou medicamentosas diretamente no corpo nesse processo de construção da feminilidade.

Além da corporalidade já citada de Britney e que remete a alguns traços e características associadas ao masculino, as pessoas reconhecem coxas grossas, sinais de crescimento de seios e alguns traços faciais como se já houvessem ocorrido algumas intervenções corporais (ingestão de hormônios, cirurgias, aplicação de silicone, botox, etc.), as quais ela garante nunca ter efetuado, e que são vistas como recursos tipicamente utilizados pelas travestis, conforme discutido por Benedetti (2000:53).

O que acho central nessa discussão não é se ela realmente efetuou ou não essas intervenções corporais, mas sim a existência premente de um desejo pessoal de se associar à categoria *drag queen* e se afastar deliberadamente da categoria *travesti*, mesmo existindo todo um contexto social que a impelia (quase a obrigava) a se vincular identitariamente às *travestis*. Quando ouvi seu relato fiquei intrigado e me perguntei o que fazia uma pessoa tão jovem (afinal, na época do concurso de *drags* ela estava apenas com 18 anos) a associar-se tão persistentemente a uma categoria e afastar-se de outra? O que ela aprendeu em um lapso de tempo relativamente curto para ter tanta convicção (ao menos conjuntural) em se vincular às *drag queens*? E quais eram as questões que faziam com que as *drags* tencionassem Britney para que ela se desvinculasse da categoria *drag queen* e “assumissem ser trava”?

Certamente há inúmeras respostas para essas perguntas, assim como deve haver também inúmeras outras perguntas mais adequadas suscitadas pelos trechos do discurso apresentado. Creio, porém, que é possível desenvolver algumas reflexões e chegar a algumas respostas, obviamente conjecturais.

Ao conviver com as *drags* Diva Blondie e Britney Pop, entre outras, percebi que algumas delas admitiam já ter utilizado em determinado momento de seu percurso “na vida de drag” algum tipo de recurso auxiliar no processo de construção do feminino, especialmente os hormônios, os quais, segundo Benedetti (2000:53) pareciam ser “o elemento simbólico que determina o ingresso” na identidade social da travesti. Aparentemente a importância desse “elemento simbólico” se confirma também em minha pesquisa, pois a afirmação de que usavam (ou já tinham usado) hormônios é uma informação que de forma alguma deveria ser alardeada por uma *drag*, como veremos a seguir, pois aparentemente em termos sociais locais se via a ingestão desses produtos como ligados aos trâmites cotidianos da construção da corporalidade *travesti*, nada tendo a ver com as *drags*.

O uso de hormônios me foi explicitado de maneira curiosa quando Diva Blondie, que desde o início da pesquisa frisava que não se importaria se eu expusesse seu nome verdadeiro na dissertação¹²⁵, pediu para que eu não “publicasse” esse detalhe de sua biografia¹²⁶, ao relatar já ter ingerido hormônios durante pouco menos de um ano. Esse pedido de silêncio era provavelmente sintomático de algo *que não era digno de orgulho ou não seria necessário escondê-lo*. Diva então disse que usara hormônios, pois naquela época achava que isso iria fazer com que as pessoas a vissem “ainda mais feminina”, o que “faria bem pra carreira, desde que não fosse algo exagerado”. Sua principal intenção seria ganhar “peitinhos” um pouco maiores do que aqueles que já possuía:

“Então uma vez, depois de uns meses [tomando hormônios], eu fiz porta¹²⁷ e as pessoas todas ficaram chocadas com meus peitos. Todo mundo vinha e falava: ‘Diva, você pôs peito!’ [pôr silicone]. Todas ficaram chocadas, mesmo! Então eu dizia que não, mas que tava pensando nisso, tipo, falando meio de brincadeira que queria, sabe? E daí, guri, tu não vai acreditar! Ninguém gostou! As pessoas chiaram. Ficou uma fofocaiada, uns até chegaram a me chamar de *trava*, acredita? (...) Então eu vi que aqui em Floripa não ia dar certo essa história de **drag com peito natural**¹²⁸. Se fosse em São Paulo, tudo bem, podia ter peitão que ninguém estaria nem aí, iam continuar chamando de *drag* e pronto, mas aqui não, aqui se pôs peito, é *trava*. Não dá. Então parei [de tomar hormônio], até parei também porque estava ficando louca, isso deixa a gente louca, irritada, a gente explode por qualquer coisa e daí pra quem *faz porta* não dá pra ficar explodindo, né? Daí eu perdia meu emprego assim, ó [fez sinal com os dedos significando ‘de uma hora para outra’]”. (Transcrição de entrevista gravada. Grifo meu).

Interpretando a fala de Diva, a ingestão de hormônios provocando o aparecimento de “peitos naturais” tendia a ser vista como uma perigosa aproximação social das *travestis*. Portanto as *drag queens* da cidade que optavam por seu uso, deveriam utilizá-lo entremeando cuidados para evitar “exageros” assim como evitar a divulgação pública desse uso, sob o risco de ser chamada de *travesti* (risco o qual aparentemente poucas gostariam de correr). A apresentação desse quadro nos faz perceber que o desejo de se associar à categoria social *drag queen*, por Britney e por Diva, pode ser interpretado como uma espécie de defesa de toda a visão social negativa que poderia recair sobre elas, caso optassem por se vincular a categoria

¹²⁵ O que teria relações, a meu ver e como já afirmado, com formas de subjetivação que a própria etnografia poderia propiciar.

¹²⁶ Esse pedido ocorreu considerando que eu mantivesse seu nome artístico verdadeiro, o qual optei, por prudência, em modificar.

¹²⁷ “Fazer porta” ou “fazer *door*” significava a *drag* receber os freqüentadores das festas na portaria, animando-os e incentivando-os a entrar.

¹²⁸ Achei excelente o uso da expressão “ter peito natural” referente aos seios construídos através do auxílio da ingestão de hormônios, uma vez que subverte a noção comum do que é visto como “natural” expandindo suas fronteiras costumeiras.

travesti, o que nos leva a confirmar também, que as *drags* possuem uma aceitação social bem maior, assim como estão mais bem posicionadas na cadeia hierárquica local que as *travestis*. Esse quadro, assim, dá mostras principalmente da existência de uma hierarquização entre *drag queens* e *travestis* (estando as primeiras em pontos mais bem posicionados) assim como do alto grau de estigma e marginalização imputado às *travestis* dentro da própria cena GLS da cidade¹²⁹.

Optar e lutar por ser reconhecida socialmente como *drag queen*, no caso de Britney, pode ser interpretado como uma maneira de vivenciar a manifestação de seus desejos no corpo (Maluf, 2002), de forma a minimizar os efeitos nocivos da economia do estigma local, o qual parece imputar às *travestis* a carga mais pesada de seus efeitos, quando comparada àquela imputada às *drags*. Na escolha entre categorias, a tendência seria a opção por aquela que consegue ter certo grau de legitimidade, simpatia, e inclusive admiração social, uma vez que é possível ver, por exemplo, *drag queens* apresentando festas e eventos luxuosos da alta sociedade, aparecendo mais próximas de figuras famosas e inclusive controlando os microfones do principal carro de som da Parada da Diversidade. Outro exemplo dessa popularidade e visibilidade das *drags* é o fato de um dos mais importantes eventos do calendário GLS da cidade ser apresentado por elas: o concurso Pop Gay, que ocorre anualmente durante o carnaval (Silva, 2003), com presença de autoridades políticas e figuras populares e famosas regional e nacionalmente.

Já a pressão das *drag queens* para que Britney “assumissem ser *trava*”, teria a ver com algo estudado por Vencato (2002), quando esta abordou o “ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre *transgêneros*”:

“Há traços entre esses sujeitos, que não fazem a confusão entre um e outro tipo de transgênero parecerem absurdas. Contudo, há diferenças importantes que separam cada uma dessas categorias, fazendo com que não se confundam. Mais do que falar acerca das semelhanças entre esses sujeitos, **que buscam não só se distinguirem entre si como desejam que os/as outros/as os/as vejam de modos diferentes**, é necessário (...) discorrer sobre as diferenças existentes entre eles” (Vencato, 2002: 08-09), (grifo meu).

Dessa forma, creio que a pressão das *drags* sobre Britney (uma vez que ela tendia a ser vista como portadora de signos comumente atribuídos às *travestis*) podia ser compreendida como um reflexo da tentativa de deixar claramente demarcados os limites socialmente

¹²⁹ Um dos fatores agravantes da visão social negativa das *travestis* era a associação de sua imagem à prostituição (questão que é sempre bom frisar, não se dava em relação a todas as *travestis*), ao contrário da visão social das *drag queens*, cuja imagem não estava vinculada à prostituição.

estipulados entre uma categoria e outra de *transgêneros*, questão, que além de ser um objetivo entre esses sujeitos, era crucial (em especial para as *drag queens*) na manutenção local da balança do estigma equacionada de maneira a não “respingar” seus efeitos mais nefastos nas *drags*, uma categoria relativamente bem aceita na cena GLS, ao contrário do que ocorria com as *travestis*. Assim, deixar que Britney fosse identificada como *drag queen* acabaria por contribuir para uma maior confusão nesses limites fragilmente conquistados entre as categorias. Limites os quais, como abordado por Vencato (2002), já tendiam a ser confundidos até mesmo pelos frequentadores dos contextos espaciais pesquisados.

Assim, creio que é possível fazer um paralelo com a pesquisa de Maria Dulce Gaspar (1985) sobre as prostitutas em Copacabana, as quais criavam complexos *mecanismos hierarquizantes* que localizavam e distinguiam distintos ‘tipos’ de prostitutas, como resposta à visão generalizante e preconceituosa que os clientes (e a própria sociedade) teriam das prostitutas, vistas como “todas iguais” (*mentirosas, perigosas, violentas e escandalosas*, etc.). As garotas de programa continuamente lidariam e jogariam com o estigma, atribuindo-o a “outras modalidades de prostituição” (determinadas através de diferenças no horário de trabalho, a quantidade de clientes por dia, se trabalhavam em boates ou na rua, as características da boate...) o que seria um “elemento estruturante do processo de construção da identidade das garotas de programa” (Gaspar, 1985: 89).

Por fim, assim como os sujeitos estudados por Gaspar (1985), as categorias de *transgêneros* aqui analisadas também tenderiam a ser vistas socialmente como indistintas, ou com fronteiras nebulosas (Vencato, 2002), e tenderiam a responder a essa visão através de processo de diferenciação e hierarquização social que focaria as discriminações em segmentos inferiorizados contextualmente, safando alguns segmentos de grande parte do peso social negativo atribuído a outros (nesse caso também devido à associação com o exercício da prostituição por algumas das *travestis*).

Dessa forma, a análise de gênero demonstrou que os gays acabam sendo mais bem posicionados na hierarquia do que, por exemplo, as lésbicas, quando se leva em conta a priorização da satisfação do público das festas. Diferença que também se estabelece quando comparamos a configuração hierárquica mais favorável às *drag queens* do que às *travestis* quando levado em consideração, por exemplo, o tratamento diferenciado entre as categorias na cena GLS.

A seguir, prosseguindo na discussão sobre as interseções de marcações sociais com homoerotismo conformando quadros hierárquicos na cena GLS, procuro enfatizar a questão de raça/cor da pele, fazendo uma análise das imagens presentes em *flyers* de festas *do babado*

e em capas de revistas de distribuição gratuita voltadas ao público GLS, indo além, dessa forma, da análise baseada centralmente na convivência com os sujeitos pesquisados.

3.3 Na capa, na pele e no corpo: um recorte de raça na análise das imagens presentes em *flyers* e capas de revistas de distribuição gratuita voltadas ao público GLS

A discussão que desenvolvo a seguir parte da análise das imagens de pessoas constantes em *flyers* (panfletos, filipetas, etc.) de divulgação de festas em bares e boates GLS, assim como as capas de três revistas de distribuição gratuita voltadas a esse público e entregues também nas casas noturnas, uma vez que são elementos relevantes do contexto da mídia GLS, a qual tem estado em franca emergência nos últimos anos. Essa discussão, demonstrando quais eram os sujeitos mais visíveis nas representações imagéticas desses meios midiáticos segundo a questão de raça/cor da pele, procura contribuir no debate geral da dissertação acerca das distinções sociais que influenciam no posicionamento dos sujeitos nas configurações hierárquicas locais.

Nos últimos anos, concomitante ao processo de surgimento e vertiginoso crescimento das “Paradas Gays” no Brasil e no mundo, ocorreu um aumento da visibilidade de experiências divergentes da heteronormatividade (Butler, 2003). Além das reivindicações de direitos sociais equânimes, esse aumento na visibilidade trouxe consigo uma constante procura por representações sociais dessas experiências divergentes em inúmeros âmbitos da sociedade, em especial nos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, internet, etc.) assim como nos amplos espaços da mídia.

A exigência de representação feita, em especial, pelo movimento LGBTTT surtiu efeito na última década principalmente com personagens “lésbicas”, “gays”, “bissexuais”, “travestis” e “transexuais” aparecendo em programas e novelas na TV, e embora em alguns casos se perceba uma intenção de correção política, muitas vezes esses personagens são retratados de maneiras politicamente incorretas (em alguns casos, como em programas humorísticos e até infantis, retratados de maneira grosseira, caricatural e depreciativa).

O crescimento da visibilidade se reflete especialmente no mercado da propaganda, como afirma uma recente reportagem da revista Exame, a qual cita o processo de aumento do

interesse desse mercado direcionado a “Gays e Lésbicas” nos EUA (e que ainda se iniciaria no Brasil):

“Nos Estados Unidos, (...) é crescente o número de marcas que começam a incluir homossexuais em suas campanhas, com mensagens explicitamente dirigidas a este público. ‘Existe uma diferença entre a propaganda com homossexuais, que não é nova, e o marketing para os homossexuais, que começa a despertar’, diz o americano Mike Wilke, diretor da Commercial Closet, uma ONG que monitora a imagem dos homossexuais na propaganda de grandes empresas. ‘Até recentemente os gays eram figurantes para atingir o público hétero, seja pelo ar de modernidade, pelo estilo, seja mesmo pelo humor. Agora se tornaram o alvo da mensagem’. Isso tem menos a ver com diversidade ou tendências politicamente corretas do que com negócio. Os gays são, comprovadamente, um público de altíssimo poder aquisitivo. Vender para eles compensa” (Tania Menai, Revista Exame, 02.08.2006, p. 64-65).

A matéria se centra no mercado da propaganda e abraça inquestionavelmente o suposto fato de que “gays e lésbicas” seriam “comprovadamente” um excelente mercado consumidor (ignorando, por exemplo, diferenças de classe), suposição bem comum em matérias jornalísticas que abordam a temática (para uma visão crítica do “mercado cor-de-rosa” ver a dissertação de Resende, 2003). Diferentemente dos EUA, o Brasil ainda não possui propagandas na TV aberta, por exemplo, voltadas a gays e lésbicas; e uma vez que há um interesse mercadológico cada vez maior por este público, a propaganda voltada “aos GLS” acaba sendo direcionada, na maior parte dos casos, para a internet, assim como revistas especializadas.

Todo esse *frisson* de comunicação voltada à cena GLS que se desenvolve nos últimos anos no Brasil (o qual chamo de mídia GLS), com surgimento de comunidades virtuais, *blogs*, *sites*, jornais *on line*, listas de discussão e revistas de circulação nacional, entretanto, não se resume, ou se explica, apenas pelo consumo ou pelo “mercado cor-de-rosa” (embora seja algo que não se possa ignorar). Há fatores que extravasam os interesses diretamente econômico-mercadológicos e que adentram na questão dos processos contemporâneos de subjetivação divergentes da heteronormatividade, extremamente amplos e obviamente não se resumindo as questões de mercado (um exemplo disso é interminável lista de *blogs*, comunidades, guias, grupos e listas de discussão GLS na internet e que não têm relação diretamente com questões de consumo).

Uma interpretação “nativa” de algumas das motivações do florescimento midiático da cena GLS era recorrente enquanto estive em campo. Os *promoters* e gerentes dos bares e boates pesquisados afirmavam que suas festas e eventos enfrentavam grandes dificuldades para conseguir, nos meios institucionais tradicionais de comunicação e mídia local (televisões,

jornais, rádio, agências de publicidade, etc.), dar visibilidade às festas e aos espaços de lazer e entretenimento da cena GLS, haja vista existir uma resistência de divulgação desses eventos pelos meios tradicionais, e principalmente devido aos seus custos elevados. Segundo esse discurso, se tornava imprescindível estabelecer meios alternativos (mais diretos e baratos) de divulgação destes eventos.

Os *flyers* são meios relativamente fáceis e baratos de fazer divulgação, ainda mais quando o objetivo é atingir um público cujo setor de entretenimento não tem grande tradição de divulgação na “grande mídia”, onde os contratos publicitários costumam ser muito dispendiosos. Analisando os *flyers*, Vencato (2002:87) afirma:

“Uma boa divulgação nem sempre garante um bom público para uma festa, mas ajuda. Como fazer a divulgação de festas que saem, quando saem, apenas no ‘Roteiro’ do caderno de variedades dos jornais locais? Como são divulgadas festas que não aparecem na ‘mídia’? Como fazer com que uma festa para um público bem específico, com um orçamento apertado, e que não faz uso de publicidade ou veículos de comunicação de massa seja efetivamente divulgada?”

A autora procura afirmar que aquilo que é exposto nos *flyers* de festas GLS faria parte das performances esperadas para estes eventos “gays”. Minha argumentação, concordando e partindo das conclusões da autora, procura explicitar quais seriam os sujeitos que, nas configurações sociais de hierarquia destas festas e espaços, estariam em pontos mais valorizados e cujo valor erótico (por um conjunto de atributos) os manteria em exposição privilegiada.

A escolha da análise desses meios ocorreu, pois foi possível perceber a existência de uma espécie de reflexo das relações de visibilidade (e invisibilidade) das pessoas que circulavam pelos pontos mais valorizados e de maior visibilidade nos bares e boates pesquisados. Ou seja, as imagens de pessoas contidas nos *flyers* e nas capas tendiam a representar sujeitos que refletiam noções mais próximas de um ideal desejável local (masculino ou feminino), e tendiam a não representar indivíduos imputados de atributos sociais desvalorizados nesses contextos de sociabilidade.

O recorte empírico, quanto aos *flyers*, diz respeito especificamente aqueles que anunciavam a realização de festas em bares e boates GLS no centro de Florianópolis e que contivessem imagens de pessoas (fotografadas ou desenhadas). Todo o material primeiramente coletado contabilizou cerca de 150 *flyers*, distribuídos entre os meses de dezembro de 2005 a agosto de 2007. Ao excluir os repetidos, assim como aqueles que

noticiavam festas em outras cidades ou que não tivessem imagens de pessoas, analisei 22 *flyers*, os quais creio serem também os mais representativos¹³⁰.

Quanto às revistas de distribuição gratuita voltadas ao público GLS, foram analisados três títulos diferentes (“A Capa” e “Odyssey”, ambas produzidas em São Paulo, e “Lado A”, produzida em Curitiba; todas abrangendo o Sul/Sudeste do Brasil), contabilizando, no total, capas de 17 edições, publicadas no período compreendido entre dezembro de 2005 e janeiro de 2008. Estas revistas, parte desse recente processo de florescimento midiático, foram lançadas há poucos anos, todas surgiram a partir de 2005. E mesmo nenhuma sendo produzida em Florianópolis, a capital de Santa Catarina acabava possuindo bastante espaço em suas páginas. Além de “Floripa” elas também abordavam acontecimentos das cenas GLS de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba. É interessante notar que dentre essas cidades, em termos de espaço e relevância nas matérias e na publicidade, Florianópolis tendia a perder para São Paulo e ficava “páreo a páreo” com o Rio de Janeiro, o que faz com que “a Ilha” possa ser interpretada como uma cidade com grande relevância na cena GLS nacional.

As três revistas sobrevivem apenas da venda de espaços publicitários em suas páginas (geralmente para estabelecimentos como casas noturnas, hotéis, saunas, vídeo bares, empresas de viagem, etc.) e as tiragens geralmente não ultrapassam dez mil exemplares. Em suas páginas é encontrada uma quantidade enorme de anúncios e algumas matérias sobre comportamento, cuidados com a beleza e saúde, moda, referências de festas, críticas de música, filmes, novelas, programas e seriados, fofocas sobre pessoas famosas e conhecidas da noite GLS, etc. O público majoritário das três revistas, sem dúvida alguma, é os gays, embora houvesse uma ou outra matéria que abordasse as lésbicas. Mesmo tendo ocorrido algumas tentativas de criação de revistas de circulação nacional voltadas às lésbicas, até onde sei, aparentemente não houve grandes avanços nessa questão.

Quanto à análise de raça, procuro me embasar em Moutinho (2006), a qual aborda a desigualdade social no circuito GLS carioca, através da interseção de raça e sexualidade¹³¹. Em seu texto, a autora apresenta um mosaico hierárquico de como rapazes negros provenientes das favelas cariocas, expressam e vivenciam relações de troca e interação

¹³⁰ Foram excluídos também os *e-flyers*, aqueles enviados em formato digital, via e-mail, formato que vem se popularizando. Algumas festas têm sua divulgação apenas através deste formato, o que tende a ser também mais econômico e bastante eficaz.

¹³¹ Marsiaj (2003) ao fazer a análise da interseção de homossexualidade com classe, afirma que: “Não devemos esquecer também que, além da discriminação econômica baseada na orientação sexual, existem também aquelas baseadas no gênero e raça. Consequentemente, não é nenhuma surpresa que, ao se analisar o impacto do desenvolvimento econômico sobre minorias sexuais, encontrem-se divergências entre gays, lésbicas e travestis e entre brancos e negros” (MARSIAJ, 2003: 135).

amorosas entre classes e cores distintas (inclusive com um recorte de nacionalidade¹³²). Assim, por exemplo, tais rapazes raramente têm quaisquer relações erótico-sexuais com outros rapazes negros, entretanto, se forem turistas negros estadunidenses, é possível que tenham. Seu trabalho também deixa clara a existência de inúmeras trocas que permeiam o circuito GLS da cidade. Essas trocas: amorosas, sentimentais, sexuais, afetivas, financeiras, de capital cultural, etc. seriam cruciais para entender os circuitos do desejo da cidade do Rio de Janeiro¹³³.

3.3.1 *Quem Dá o Carão na Capa?*

Considerando a questão de gênero (embora não seja o centro dessa discussão) na análise das imagens em *flyers* e capas de revistas, as mulheres são explicitamente minoritárias, o que creio ser também um reflexo do caráter minoritário das lésbicas nas festas da cena GLS da cidade, como analisado anteriormente. Praticamente todas as mulheres representadas são jovens e magras (ver ilustração 04).



Ilustração 04: representação de mulheres - brancas, jovens e magras.

É interessante perceber que as *drag queens*, entretanto, têm maior visibilidade que as mulheres, tanto nas capas de revistas quanto nos *flyers*. Suas possibilidades de representação

¹³² Ver Lambevski (1999).

¹³³ Perlongher (1987) também apresenta interseções como classe, raça, idade, etc. no contexto da 'prostituição viril' do *gueto gay* do centro de São Paulo.

são aparentemente mais amplas que as de homens e mulheres, uma vez que são encontradas *drags* negras¹³⁴, mais gordas, mais velhas (ver ilustração 05). O que parece ser mais importante na representação das *drags* é manter expressos, na maior parte dos casos, o *glamour* e a *montaria*¹³⁵ impecáveis, ou então a postura irônica e bem humorada, no caso das *drags* caricatas, (para as quais o exagero e o escracho - na maquiagem, na *performance* - são essenciais).



Ilustração 05: drag queens e transformistas em capas de revistas e flyers. Percebe-se um *roll* mais amplo de idades, cores, corporalidades e estilos.

Quanto aos homens, os limites da representação foram mais estreitos que os das *drag queens*. No caso das revistas, apenas uma capa estampava um homem mais velho (o ator Ary Fontoura, à época da entrevista com 73 anos), no resto dos casos todos os homens eram brancos, magros ou musculosos e jovens (entre 18 e 28 anos¹³⁶). Estes homens geralmente aparecem sem camisa, usando regatas ou com camiseta apertada para deixar explícito o corpo

¹³⁴ Entretanto, há uma reportagem publicada no site UOL intitulada “Drags de pele negra reclamam de racismo”, escrita por Sérgio Ripardo, que afirma existir preconceito racial na noite GLS contra algumas *drags*, as quais reclamam principalmente de menores possibilidades profissionais.
Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u303208.shtml>.

¹³⁵ Vencato (2002:5), afirma que “Montar-se” é o termo ‘nativo’ que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir-se ou produzir-se”.

¹³⁶ Em todas as edições de revistas colhidas em campo havia referência à idade dos modelos constantes nas capas, o que dá margem concreta para a referência ao gradiente de idade que faço.

musculoso ou definido (não se vê, por exemplo, nus totais, embora as fotos sejam todas de apelo obviamente erótico). Alguns destes homens nos *flyers* eram os próprios DJ's das festas, o que chega a ser comum também nos *sites e blogs* das casas noturnas (ver ilustração 06).

Como já afirmado, o que consta nos *flyers* é também o chamariz dos “tipos” de pessoas que supostamente se encontraria nas festas. Desta forma os *promoters* pressupõem que os “tipos” mais valorizados no mercado erótico local são estes homens brancos¹³⁷, jovens, erotizados, magros ou musculosos. No caso das revistas, que sobrevivem apenas da venda de anúncios publicitários, uma capa atraente para os leitores é essencial, já uma capa com alguém fora dos padrões valorizados (desconsiderando situações excepcionais) seria um risco de a revista não ser bem recebida pelos leitores. Praticamente todos os homens que estamparam as capas, segundo as próprias revistas, eram modelos profissionais, dançarinos ou *go-go-boys*.

Uma vez apresentada a noção dos sujeitos visíveis e representados nos meios analisados, podemos ter uma noção também dos sujeitos invisíveis, dos “tipos” que não estão no *roll* dos passíveis de representação nestes meios o que também se reflete em posições hierárquicas inferiorizadas: em termos gerais, *negros e outras pessoas cuja cor da pele não era branca*, pessoas mais gordas ou magras demais, e aquelas acima dos 30 anos (excluindo o caso das *drag queens*), assim como pessoas fora dos padrões de beleza estipulados socialmente (uma referência para estes padrões, no caso dos homens é um “rosto de modelo” e o corpo definido ou malhado de quem frequenta muitas horas semanais de academia; e no caso das mulheres é um rosto delicado e um corpo magro, mas sem exageros).

Esta discussão representacional nos leva a um paradoxo principalmente quando analisadas as políticas do movimento LGBTTTT: apesar da exigência, entre inúmeras outras questões, de representações politicamente corretas de “gays” e “lésbicas” nos meios de comunicação de massa e na mídia, o próprio movimento precisa aprofundar a discussão sobre quem está sendo eleito como representante ou como representável ao menos na mídia GLS contemporânea, uma vez que na análise feita aqui indica que apenas uma reduzida parcela está sendo representada.

¹³⁷ Algo que se podia encontrar ao adentrar em todas as casas noturnas é que a esmagadora maioria dos funcionários (homens ou mulheres) era branca, com exceção dos seguranças.



Ilustração 06: a tendência na representação - homens brancos, jovens, magros ou musculosos.

Enfim, espero que esta análise possa ser utilizada como uma contribuição para o aprofundamento da discussão no movimento LGBTTT brasileiro sobre as políticas representacionais bastante limitadas e excludentes (e porque não dizer preconceituosas?) empreendidas especialmente pela *indústria do entretenimento* e pela *mídia GLS*, as quais têm crescido vertiginosamente nos últimos anos graças aos esforços e o dispêndio de um número inestimável de “lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros” (passando por sobre marcações de raça/cor da pele, geração, corporalidade, identidade de gênero e classe social, etc.).

A seguir aprofundo a discussão das configurações hierárquicas locais, através da análise da interseção de homoerotismo com marcações sociais de classe no contexto dos bares

e boates estudados, através do uso de determinadas categorias sociais e seus reflexos nas sociabilidades da cena GLS.

3.4 Entre *bichas-finas* e *bichas vale-transporte*: um recorte de classe em bares e boates GLS

Um recorte que é discutido a seguir é a questão de classe¹³⁸ e de como ela provoca visões e tratamentos contrastantes entre indivíduos frequentadores das casas noturnas GLS estudadas refletindo-se em esquemas hierárquicos.

Procuro, assim, trabalhar com algumas categorias locais nessa análise de classe: *bicha vale-transporte* e *bicha fina*, assim como *carão* e *bagaceirice*. Apenas para contextualizar rapidamente as duas primeiras categorias (que serão abordadas novamente *a posteriori*): tendiam a ser chamados pejorativamente de *bichas vale-transporte*¹³⁹ gays que fossem de classes populares e que, por exemplo, dependessem de promoções, gratuidades e horários especiais para adentrar em bares e boates. Um dos indicativos de que alguém poderia ser associado a essa categoria era o fato de chegar às casas noturnas a pé ou utilizando os ônibus públicos e nos horários em que a entrada era mais barata ou gratuita. Já a categoria *bicha fina* tendia a ser associada a gays de classes médias e altas, que por sua vez, possuindo o valor da entrada, geralmente chegavam às festas com seus automóveis particulares e após o horário especial que propiciava descontos.

Juan Marsiaj (2003), discutindo a questão de classe dentro das “comunidades e movimento de gays, de lésbicas e de travestis”, apresenta uma visão crítica sobre o aumento do número de estabelecimento voltados ao *mercado cor de rosa*. Ele considera uma ilusão a visão de que este aumento seria sinônimo de maior liberação social: “tal liberação é

¹³⁸ Assim como Marsiaj (2003: 135) utilizo a noção de *classe* como “sinônimo de status socioeconômico (...) [não implicando] necessariamente noções de identidade ou consciência”.

¹³⁹ *Bicha Vale-Transporte* denota o fato de que esses homens de classes populares geralmente não possuíam carros particulares e dependiam de transporte público para se locomover nos espaços da cidade, além do fato de serem assalariados (e por isso receberem o “vale-transporte” em seus respectivos empregos). Além de *bicha vale-transporte*, havia outras denominações utilizadas para homens com práticas homoeróticas e que fossem de classes populares, como *bicha pobre*, *bicha pão com ovo*, etc. No contexto das mulheres com práticas homoeróticas, não encontrei uma categoria que representasse diretamente essas marcações de classe (o que não significa que não existissem), dessa forma a análise ficou voltada mais aos homens. Entretanto, percebi em diversos momentos, por exemplo, que muitas garotas, especialmente no Sahara, quando discutiam as festas de final de semana, tendiam a excluir do programa as festas mais caras.

extremamente limitada, e gera a possibilidade de uma maior marginalização de grande parte da comunidade gay e lésbica” (2003:145), especialmente no caso da grande parcela dessa população que não tem condições de financiar seu lazer nesses contextos. O autor dá a entender que há diferenças socioeconômicas no contexto do “público GLS” que muitas vezes são ignoradas pela “comunidade” e pelo “movimento gay e lésbico”. Afirma também que especialmente os estabelecimentos comerciais voltados a esse público são afetados pelas “desigualdades socioeconômicas”:

“De acordo com o status socioeconômico, estes diferentes tipos de espaços comunitários são mais ou menos acessíveis, ou são utilizados de maneiras diferentes. Estabelecimentos comerciais, especialmente os considerados mais modernos, mais abertamente gay, como certos bares, boates e festas estão freqüentemente muito além do poder aquisitivo das classes mais baixas, o que os torna espaços de classes média e alta” (Marsiaj, 2003:141).

Como citado na descrição das casas noturnas no segundo capítulo, os valores exigidos para entrar nos bares e boates já são, por si, um importante fator impeditivo para boa parte de homens e mulheres com práticas homoeróticas que sejam de classes populares. Não eram apenas as entradas, entretanto, que criavam dificuldades para essas pessoas de baixo poder aquisitivo, mas também os valores para consumir os produtos oferecidos pelas casas noturnas: desde quanto se pagava pelas bebidas, até o valor despendido para deixar objetos nos guarda-volumes. Mesmo as pessoas que possuíam condições financeiras para custear as entradas acabavam, após entrar nas casas noturnas, sendo inseridas em esquemas que as hierarquizavam (como espaços privados para VIP’s, ou locais especiais onde era necessário despendar uma quantia ainda maior que o valor da entrada para adentrar). Também no segundo capítulo pôde ser visto que há uma hierarquização entre os bares e boates GLS em Florianópolis conforme o poder de consumo de cada público freqüentador.

Ser chamado de *bicha vale-transporte*, *bicha pobre*, ou *bicha pão-com-ovo*¹⁴⁰ para os gays freqüentadores desses espaços de sociabilidade tendia a ser algo extremamente

¹⁴⁰ Há um trecho explicativo sobre o que seria a *bicha pão-com-ovo* (e que tem a intenção de divertir os leitores) publicado na recentemente lançada Revista Junior (2007, Ano 01, N. 2, Editora Sapucaia, p. 98-101; versão completa da matéria nos anexos) a qual é voltada ao público gay de classes médias e altas: “O mito da *pão-com-ovo* surgiu quando alguma quá-quá achou por bem não passar fome no longo percurso de sua casa até a boate e teve a calórica idéia de unir carboidratos e proteína com um pouco de colesterol em um delicioso sanduíche. Quase sempre muito magras, esses problemas de sobrepeso nunca afetaram o metabolismo faceiro das *pão-com-ovo*. Essa refeição poderia ser feita tranquilamente durante a viagem se não fossem as mágoas do caboclo. Tal apelido foi dado por uma futura *pão-com-ovo* invejosa, pois quem mais veria a fofa se esbaldar em seu banquete no trem ou no metrô se não uma outra bicha com as mesmas condições financeiras? A partir daí, estava criada e estrelada a *bicha pão-com-ovo*”. É interessante notar como o trecho apresenta algumas características que seriam indicativas das *pão-com-ovo*: morar nas periferias, longe dos centros (onde geralmente se localizam os bares e

desagradável (embora houvesse situações entre amigos em que era comum, em tom de brincadeira, um acusar o outro de uma dessas denominações). O incômodo em ser chamado de *bicha vale-transporte*, porém, levava algumas pessoas a desenvolver e por em prática táticas para evitar essa associação. Alguns de meus interlocutores, nas saídas a campo comentavam que certos freqüentadores, para não parecer terem chegado à festa de ônibus, costumavam se desviar do curso mais rápido do ponto em que saíram do ônibus até a casa noturna, para chegar por outras ruas dando a entender às pessoas concentradas em frente à boate que haviam chegado a pé de algum local próximo (como se morassem perto, no centro, o que tenderia a ser um bom sinal) ou então que haviam deixado o carro por perto.

Outro exemplo das tentativas de se afastar de categorias depreciativas ocorreu quando conheci Jorge, um rapaz de 21 anos (que parecia mais jovem), branco, um pouco acima do peso. A primeira impressão que tive foi de que se tratava de alguém proveniente das classes médias (pela maneira como conversava e pelas roupas), mas em pouco tempo percebi que o rapaz era de uma família muito simples, uma vez que o flagrei fazendo pequenos trabalhos no mercado público da cidade, distribuindo panfletos na esquina entre as ruas Deodoro e Felipe Schmidt, e por último, o vi tentando vender doces para turistas no entorno da praça XV. Na última ocasião, a única que pareceu ter me visto, Jorge veio até mim e disse que estava vendendo doces, pois fazia parte de uma “ação de caridade” e que na verdade não “precisava daquilo para viver”. Eu não pedira nenhuma explicação, mas percebi que ele ficara constrangido. Em duas outras situações em que nos víamos, uma na região do Sahara e a outra em frente a uma boate, ele me contaria duas histórias que tentavam “elevar sua imagem” comigo: a primeira vez, estando entre várias outras pessoas, contou que era filho da dona da *G Magazine*¹⁴¹, o que fez com que todos, incrédulos, rissem e troçassem dele. Apesar da reação, procurou manter sua versão, mesmo desmoralizada, a qual não contrariei. Na segunda vez, em frente a uma boate, procurou ser mais prudente e falou comigo sem outras pessoas por perto. Disse então que era neto do dono da boate Perspective. É claro que não o contrariei, mas obviamente não acreditei em sua história. Depois da ocasião em que afirmou ser filho da dona da *G Magazine*, várias pessoas me disseram que Jorge costumava inventar histórias para esconder o fato de morar em um dos morros próximos ao centro da cidade.

Interpreto essas inverdades como maneiras que o rapaz encontrava para tentar se manter afastado das categorias desvalorizadas socialmente, ao mesmo tempo em que tentava

boates), se locomover através de transporte público (metrô, trem, etc.). Há um quadro da questão da discriminação de classe na cena GLS subjazendo esse teor hilário em relação as “pão-com-ovo”.

¹⁴¹ A maior revista, quanto a tiragem, voltada ao público gay do Brasil, apresentando ensaios com modelos em nu frontal e tendo circulação nacional.

se vincular a pessoas e organizações que eram consideradas socialmente como boas referências sociais. É interessante perceber que as duas organizações as quais tentou parecer estar ligado (a maior boate GLS da cidade e a principal revista de circulação nacional voltada aos gays) pareciam representar a ele símbolos adequados de poder e *status*. Isso talvez possa ser interpretado como um retrato simbólico das referências de *status* na cena GLS atual para uma expressiva parcela de homens e mulheres jovens com práticas homoeróticas e que cresceram ao mesmo tempo em que ocorria o grande desenvolvimento da mídia e do entretenimento GLS nas últimas décadas no Brasil¹⁴².

A seguir, prosseguindo na discussão de classe, apresento as relações entre as categorias *bicha fina*, *bicha vale transporte*, *carão* e *bagaceirice* as quais dão mostras da lida local em relação às diferenças sócio-econômicas que se estabelecem na cena GLS pesquisada.

3.4.1 Relações entre as categorias *bicha fina*, *bicha vale-transporte*, *carão* e *bagaceirice*

Pude constatar em campo a existência de uma associação que costumava ocorrer localmente entre as categorias *bicha fina* e *carão*, assim como entre as categorias *bicha vale-transporte* e *bagaceirice*, tratando-se de categorias não necessariamente contraditórias, assim como não necessariamente complementares, sendo que cada qual possuía sentidos próprios que auxiliavam nos processos de posicionamento dos sujeitos em pontos do gradiente hierárquico na noite GLS.

Além de ser associada a gays de classes médias e elites econômicas, a categoria *bicha fina* é também associada, por exemplo, a homens que apresentem “bons modos”, que sejam “educados”, travem conversas inteligentes, tenham estudado (ou estejam estudando) o ensino superior, sejam “refinados”, entre outras questões, o que faz com que possa haver certa independência do fator poder aquisitivo (embora geralmente aqueles considerados possuidores desses adjetivos sejam das classes médias e altas).

¹⁴² Resende (2003: 82) afirma que é a década de 1990 que se torna palco da explosão do “consumo gay”, com surgimento de publicações com tiragens recorde (chegando até a 150 mil exemplares, no caso da *G Magazine*), o surgimento da sigla GLS e o aumento vertiginoso de estabelecimentos comerciais como bares, boates e saunas voltados a esse público. O primeiro site GLS do país, segundo Resende (2003: 84) seria o criado pelo festival Mix Brasil em 1994. Desta forma, seria nesta década que se criaria o corpo do *mercado cor-de-rosa*.

Uma categoria que muitas vezes estava associada à *bicha fina*, era o *carão*, sendo uma noção que poderia ser vista, grosso modo, como manifestação por um indivíduo, em um espaço de sociabilidade, de um *ar blasé* para com os demais e que seria semelhante a uma expressão facial e corporal arrogantes, esnobes, altivas, de quem não se importa com o “mundo inferior” a sua volta. É uma categoria que pode ser encontrada nas conversas em todos os ambientes de sociabilidade que pesquisei, independentemente do público majoritário (gays, lésbicas, *drag queens*, travestis, etc.). Vencato (2002:32) ressalta uma característica performática do *carão* que creio também se manifestar na categoria *bicha fina*: a potencialidade da *teatralização*; uma vez que sob a aparência de alto poder de consumo poderiam ser ocultadas condições financeiras limitadas.

Já a categoria *bagaceirice*, também polissêmica, diria respeito, em termos gerais, a todo comportamento, corporalidade, condição social ou presença nos espaços de sociabilidade considerados inadequados (ou moralmente reprováveis). Desta forma, tenderiam a ser chamados de *bagaceiros* aqueles que iam freqüentemente aos *dark rooms*, os que *ficavam* com os “mais feios”, com os gays mais velhos ou os que contratavam michês para trocas sexuais.

Especialmente quanto à questão das práticas sexuais que tendiam a ser vistas como *bagaceiras* foi possível perceber que havia uma questão importante a se considerar: a discrição. Ao mesmo tempo em que algumas pessoas acusavam outras de serem *bagaceiras* em suas práticas sexuais, estas mesmas pessoas acusadoras chegavam a me confessar, em outras ocasiões, já terem praticado vários destes “delitos”. Esses “acusadores” tendiam a dizer que não costumavam “fazer essas coisas” sempre, (dando a entender que eram apenas casos de exceção), e que um importante diferencial seria o cuidado em não ser “pego no flagra”, em não ser indiscreto¹⁴³.

Além dessa ligação com práticas sexuais mal vistas socialmente e indiscrição, *bagaceirice* também teria importantes relações com questões de poder aquisitivo. A expressiva quantidade de pessoas que permaneciam concentradas fora das boates em dias de festas, por exemplo, tendia a estar vinculada à categoria. Beber e conversar em ambientes externos às casas a noite toda (sentados em calçadas, bancos públicos, etc.), não ostentar roupas e acessórios “de marca”, demonstrar pouca instrução em termos de educação (cometer

¹⁴³ Vencato (2002) apresenta a visão local negativa quanto à *pegação* (práticas sexuais fortuitas em espaços públicos, banheiros, ou em espaços de penumbra em pistas de dança, por exemplo) a qual, por sua vez teria relações diretas com a categoria *bagaceirice*: “Não sei se é possível, por exemplo, afirmar que a *pegação* é sempre forte pelos cantos, porque em tempos de ‘carão e bocão’, essa atitude não é tão bem vista. A opinião das pessoas, de modo geral, é que quem quer *pegação* deve ir ao *dark room*”. (VENCATO, 2002:32)

erros de português, não saber falar inglês ou outros idiomas), chegar ao local das festas de ônibus ou a pé, procurar entrar nas boates apenas quando havia horários promocionais ou gratuidades (assim como precisar esperar em filas), etc. eram características que, além de tender a associar indivíduos à categoria *bicha vale-transporte*, também tendia a vinculá-los à *bagaceirice* (ver tabela 01).

Há uma tendência a associar a categoria *bicha fina* ao *carão*, e a *bicha vale-transporte* à *bagaceirice*, fazendo com que todas possuam relações estreitas com questões de *status* sócio-econômico. Desta forma, essas categorias são utilizadas contextualmente para localizar hierarquicamente alguns sujeitos segundo o poder aquisitivo, mas também segundo o capital cultural, a idade, a corporalidade, o estilo, etc. como mais valorizados (respeitados, desejados, admirados) do que outros.

Embora minha dissertação não aborde diretamente a questão do mercado consumidor GLS (Resende, 2003) é possível perceber ligações e reflexos entre os anseios e expectativas desse mercado e as conseqüências práticas encontradas em campo quanto ao tratamento socialmente diferenciado que se estabelece entre homens e mulheres com alto poder aquisitivo e aqueles que proviessem de classes populares.

Resende (2003), ao se perguntar quem seria “o homossexual desejado pelo mercado”, responde que:

“segundo a pesquisa [dados de 1998 do site Mix Brasil], o público GLS é basicamente jovem, com 62,66% ocupando a faixa etária dos 18 aos 30 anos. São predominantemente do sexo masculino (87,39%) e a grande maioria tem formação superior (58,06%). (...) De acordo com a pesquisa, 14,66% dos frequentadores do site apresentam uma renda mensal superior a quatro mil reais e 49,76% estão na faixa de renda entre mil e quatro mil reais mensais. (...) Trata-se, portanto, de uma fatia de mercado que movimenta um considerável volume de dinheiro dos mais diversificados segmentos. (...) **O gay a que o mercado se refere é claramente aqueles que pertencem às camadas médias, médias-alta, sem filhos, culto, refinado, e disposto a gastar.**” (Resende, 2003:95-97), (grifo meu).

Marsiaj (2003) também apresenta reflexões críticas e os perigos políticos da visão generalizante do público GLS aceito socialmente apenas através do “poder de consumo”:

“Tal estratégia [de inclusão social através do consumo] pode levar à aceitação de um tipo de gay (branco, de classe média), visto como um modelo de cidadão-consumidor, e uma maior marginalização de todos os outros ‘devassos’ que não se encaixam nessa forma. Em termos mais brasileiros: **corre-se o risco de aceitar o gay rico e marginalizar ainda mais a bicha pobre**” (Marsiaj, 2003:142), (grifo meu).

Tabela 01

BICHA FINA	BICHA VALE TRANSPORTE
Geralmente associada à categoria <i>carão</i> .	Geralmente associada à categoria <i>bagaceirice</i> .
Vestir roupas e adereços de marcas caras, famosas, novas e que estejam nas últimas tendências da moda.	Vestir roupas e adereços velhos, de marcas desconhecidas ou populares (um exemplo seria usar roupas cuja estampa é padronizada aos milhares).
Manter atitude discreta quanto às práticas sexuais, evitar ser “pego no flagra”.	Ser indiscreto nas práticas sexuais, ser visto frequentando <i>dark rooms</i> , <i>ficar</i> com os “feios”, com as <i>tias</i> , etc.
Falar corretamente o português e ter vocabulário mais complexo.	Cometer erros de português, falar gírias em excesso.
Saber cantar músicas, nas pistas de dança, em outras línguas (em especial o inglês).	Não dominar outros idiomas, ou <i>fazer chiclete</i> (categoria utilizada principalmente pelas <i>drag queens</i> e que significa uma pessoa que canta músicas em outros idiomas sem saber o que está cantando ou a correção das palavras que pronuncia).
Tendência a ser associada a corpos em forma.	Tendência a ser associada a corpos fora de forma.
Tendência a ser associada a pessoas mais jovens (ou, uma vez com mais idade, que tenham corpos em forma e rostos “bem cuidados”).	Tendência a se associada a pessoas mais velhas (às <i>tias</i> , por exemplo).
Morar em bairros ou em áreas do centro que fossem valorizadas.	Morar nas periferias, em bairros populares ou em comunidades nos morros da cidade.

Por fim, aquilo que é apresentado criticamente por Resende (2003) e Marsiaj (2003) quanto a aceitação social “dos homossexuais” dentro de margens muito estreitas, é corroborado em minha pesquisa na análise das categorias *bicha fina*, *bicha vale-transporte*,

carão e *bagaceirice*, e de seus usos que situam hierarquicamente distintos sujeitos na noite GLS, segundo especialmente o recorte do poder de consumo.

Desta forma, procurei demonstrar que as tentativas daqueles gays que tendiam a ser chamados pejorativamente de *bichas vale-transporte* ou *bichas bagaceiras* de se afastarem dessas categorias podem ser interpretadas como reflexos das noções imputadas na cena GLS de que: quem é aceito, respeitado (e desejado) socialmente é apenas aquele que tem condições financeiras para bancar essa aceitação, através das roupas e acessórios caros, do capital cultural, da possibilidade de custear academias, *personal trainers*, tratamentos de beleza e, caso necessário, advogados, etc. Como se o respeito e as garantias dos direitos humanos (e erótico-afetivos) só fossem realmente assegurados através do poder de consumo, o que se transforma em um quadro extremamente injusto e desigual especialmente para os incontáveis homens e mulheres impossibilitados de *comprar* questões as quais se crê serem inalienáveis como direitos, respeito e desejo.

Sendo assim, a intenção desta análise foi explicitar a existência dessas diferenças de *status* sócio-econômico e seus efeitos na conformação hierárquica local, principalmente em relação aos gays e lésbicas de classes populares frequentadores das casas noturnas pesquisadas (frequentadores esses, que muitas vezes são vistos ingênuos ou convenientemente como uma massa amorfa com mesmos anseios, expectativas e necessidades políticas e subjetivas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir minha dissertação procurei apresentar uma visão contingente das configurações hierárquicas vigentes na cena GLS de maneira a debater certas manifestações da heterogeneidade social dos sujeitos circulantes pelos espaços pesquisados, e discutir a tendência local à desqualificação social das diferenças, questão que no exame das sociabilidades homoeróticas denominei de *diferenças na diferença*¹⁴⁴.

Meu trabalho, dessa forma, procurou apresentar as contradições no discurso de alguns dos sujeitos envolvidos na *indústria do entretenimento GLS* (especialmente alguns dos donos, gerentes e *promoters* das casas noturnas), o qual tendia a se amparar em uma afirmação de igualdade entre todos os freqüentadores, assim como no direito de ir e vir (especialmente de consumir), discurso que demonstrava fissuras e inconsistências quando analisados os tratamentos locais diferenciados de determinados sujeitos segundo recortes de *classe social, gênero, raça, corporalidade e geração*, uma vez que havia determinadas pessoas nesses espaços sociais cuja presença era indesejada (ou ostensivamente desvalorizada), assim como preferências por públicos específicos.

Foram em especial essas inconsistências e contradições do discurso igualitário vigente não apenas em bares e boates, mas também no contexto mais amplo do território de sociabilidades homoeróticas do centro de Florianópolis que procurei me aprofundar ao demonstrar como determinados atributos sociais posicionavam as pessoas em arranjos hierárquicos que as valorizavam ou depreciavam – refletindo-se em tratamentos diferenciados - ao contrário do que afirmava o discurso.

Na discussão geracional em interseção com homoerotismo procurei apresentar um fato observado também por Córdova (2006): a questão dos homens mais velhos circulantes pelos espaços pesquisados e que tendiam a ter seu valor erótico vertiginosamente depreciado, o que fazia que não apenas fossem socialmente desvalorizados, mas que também tendessem a ser ignorados e não raro tratados pelos mais jovens com aspereza ou rudeza. Outra questão muito perceptível era a existência de uma visão social de que esses homens mais velhos deveriam se manter mais em ambientes privados; sua convivência entre pessoas freqüentadoras de casas

¹⁴⁴ Como discutido no primeiro capítulo, vários outros autores também trabalharam com aspectos dessas *diferenças na diferença*: Erdmann (1981); MacRae (1990); Lambevsky (1999); Green (2000); Perucchi (2001); Silva (2003); Córdova (2006); etc.

noturnas tendia a ser vista pelos mais jovens como uma inadequação, uma falta de percepção do seu lugar social.

Na interseção de homoerotismo com relações de gênero, subdividi a discussão em duas principais partes: primeiramente a questão das mulheres “lésbicas” e seu caráter minoritário nas festas pesquisadas, o que foi observado também por vários pesquisadores (Perucchi, 2001; Vencato, 2002; Silva, 2003; Córdova, 2006). Nesta questão procurei apresentar algumas interpretações dessa relativa “invisibilidade” das mulheres, especialmente a questão do controle social de sua freqüentação nas festas, o que teria a ver com uma escolha de donos, gerentes e *promoters* das casas noturnas em priorizar a satisfação de um segmento de seus clientes: os homens. A segunda parte aborda a questão das *drag queens* e das *travestis* e a importância da manutenção social das diferenças entre essas categorias de transgêneros, segundo o ponto de vista de algumas *drags*, para manter a ordem local da economia do estigma, a qual atribui às *travestis* uma carga negativa mais expressiva, mesmo quando considerada apenas a cena GLS, em comparação com as *drag queens* relativamente bem aceitas na cena.

Outra questão, também na discussão de gênero, apresenta uma marcante característica, em termos gerais, das sociabilidades nas casas noturnas pesquisadas: quanto maior era a presença de mulheres, *drag queens*, *travestis* ou de atributos de feminilidade em homens, mais rebaixado tenderia a estar o bar ou boate em relação ao conjunto das casas noturnas GLS da cidade, o que denotava uma postura um tanto misógina da cena GLS local.

A discussão de raça e corporalidade em interseção com homoerotismo considera, diferentemente das outras discussões, o exame de panfletos e capas de revistas distribuídas nas casas noturnas além da convivência nos locais de sociabilidade. Esta análise, segundo a perspectiva da visibilidade, demonstra que os sujeitos mais expressos nesses meios eram brancos, estando praticamente invisíveis dessas representações pessoas cuja cor da pele fosse outra. Essa discussão demonstrou que os sujeitos mais expressos, além de brancos, eram homens, jovens, magros ou musculosos, sendo que essa visibilidade também denotava os sujeitos mais desejados e valorizados na cena, assim como os “invisíveis”, aqueles que permanecem às margens da representação.

Quanto ao debate de classe em cruzamento com homoerotismo, procurei abordar algumas categorias locais (*bicha-fina*, *bicha vale-transporte*) para analisar os distintos efeitos das diferenças de *status* sócio-econômico, principalmente sobre homens e mulheres de classes populares clientes das casas noturnas. Efeitos estes que abrangiam desde impossibilidades de adentrar as festas devido aos valores de entrada, até tentativas de não estar vinculado a

categorias sociais desprestigiadas (*bicha vale-transporte*, *bagaceirice*) as quais possuíam relações, entre outras questões, com referenciais de poder de consumo.

Existiram algumas questões que não foram aprofundadas por um critério de exequibilidade, e que talvez possam ser abordadas por outros pesquisadores em trabalhos futuros, como por exemplo, a perspectiva das travestis sobre sua relação com os bares e boates GLS, uma vez que em meu trabalho, a abordagem sobre essa relação acabou marcada pelas visões de outros sujeitos. Outras questões as quais não me aprofundei foram: a análise do intenso processo de circulações de pessoas entre as casas noturnas em dias de festas; e os sentidos locais para as sociabilidades nas áreas externas das casas noturnas para aqueles que não têm condições de financiar as entradas ou que preferem deliberadamente não entrar nas festas. Essas questões não foram aprofundadas, entre outros motivos, pelo fato da ênfase ter permanecido nas sociabilidades em bares e boates.

Minha dissertação procurou contribuir com algumas reflexões sobre aspectos da heterogeneidade dessa importante parcela da população brasileira, e espero que essa contribuição não necessariamente se limite apenas ao âmbito acadêmico (seu objetivo primeiro), pois talvez possa auxiliar também, de alguma forma, o próprio movimento LGBTTT¹⁴⁵ brasileiro a aprofundar algumas de suas discussões, como por exemplo, quem é (está sendo/será) eleito como representante ou como representável dessa parcela extremamente diversa da população; o caráter histórico da secundarização das necessidades políticas e subjetivas das “lésbicas” (assim como das “travestis”, “transexuais” e “transgêneros”); a problematização dos perigos da política de conquista de direitos através do argumento do “poder de consumo” (Marsiaj, 2003), o que, segundo uma análise de classe exclui do acesso a direitos sociais uma parcela extremamente relevante desse público; assim como, por fim, a ostensiva discriminação geracional relativa aos sujeitos com mais idade circulantes pela cena GLS. Muitas dessas discussões (senão todas), é bom afirmar, já estão sendo desenvolvidas em maior ou menor grau pelo referido movimento.

Essas e outras questões apresentadas pela dissertação necessitam de algumas propostas, as quais certamente não serão produzidas nem apenas pelo âmbito acadêmico, nem apenas pelo movimento LGBTTT, tratando-se de um processo mais complexo envolvendo muitos outros atores, (assim como interesses político, sociais e econômicos).

Por fim, fecho este trabalho ainda com alguns questionamentos em aberto, tateando as possibilidades interpretativas de um universo tão complexo e desafiador o qual não tive ilusão

¹⁴⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

de exaurir em nenhum momento (ou não haveria tantos trabalhos abordando algumas de suas facetas). Frente a todas as questões discutidas e ao já longo caminho de trabalhos abordando o homoerotismo, este trabalho procura apresentar mais algumas contribuições.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ADELMAN, Miriam. Paradoxos da Identidade: a política de orientação sexual no século XX. In: *Revista de Sociologia e Política*, n.14, 2000, pp. 163-171.

BENEDETTI, Marcos R. Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis que se prostituem em Porto Alegre. In: FÁBREGAS-MARTÍNEZ, A. I. & BENEDETTI, M. R. *Na Batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Editora Dacasa. 2000, pp. 47-62.

BONETTI, Alinne de L. Intrusas Bem-Vindas: um olhar sobre os cruzamentos entre gênero, relações de poder e sensibilidades na pesquisa etnográfica. In: GROSSI, M.P. & SCHWADE, E. *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Publicações da ABA, Blumenau, Editora Nova Letra. 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*. Campinas, 2003b.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In.: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Nueva Edición. Buenos Aires: Paidós, 2005, pp. 259-318.

_____. *Imaginários Urbanos*. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires. 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*, São Paulo: Editora da UNESP. 2000.

CARDOSO, Fernando Luiz. *O que é Orientação Sexual*. São Paulo, Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos, 307).

CARDOZO, Fernanda. *Parentesco e Parentalidades de Travestis em Florianópolis/SC*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais). UFSC. Florianópolis. 2006.

CASTELLS, Alicia N. G. & REIS, Maria J.; CATULLO, Maria R. Patrimônio: Reassentamento compulsório e turismo. Um estudo comparativo sobre Federación (Argentina) e Itá (Brasil). *Ilha Revista de Antropologia*. UFSC, Florianópolis/SC, v. 5, nº2, 2003, pp.77-92.

_____. O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar. In: *Antropologia em Primeira Mão*. PPGAS/UFSC. 2001.

_____. Vida cotidiana sob a lente do pesquisador: o valor heurístico da imagem. In: *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, v. 38. 1999.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes. 2001.

CORADINI, Lisabete. *Praça XV: Espaço e Sociabilidade*. Coleção Teses. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas. 1995.

CÓRDOVA, Luiz F. N. *Trajatórias de Homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado. UFSC. 2006.

_____. *Amor sem vergonha: trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade de Ratonés*. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício – estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.

DA MATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo ou como ter o ‘Anthropological Blues’. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DA SILVA, José Carlos Gomes. Negros em São Paulo: espaço público, imagem e cidadania (1900-1930). In: *Além dos territórios*. NIEMEYER, Ana M. & DE GODOY, Emília P. (orgs.) Campinas: Mercado das Letras, 1998, pp.65-97.

DUARTE, Luiz F. D. . Indivíduo e Pessoa na experiência da Saúde e da Doença. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 1, 2002, pp. 173-184.

_____. A outra saúde: mental, psicossocial, físico-moral? In: ALVES, P.C. & MINAYO, M.C. (orgs.). *Saúde e doença – um olhar antropológico*. Fiocruz, Rio de Janeiro. 1994.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP. 1992.

ELIAS, Norbert. & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar. 2000.

ERDMANN, Regina Maria. *Reis e Rainhas no Desterro - um estudo de caso*. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFSC, Florianópolis.

FACCHINI, R. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 304 p.

FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis, Cidade Futura. 2000.

FARIA PEREIRA, Rodrigo. *Paradas e Caminhadas da comunidade GLBTT de Florianópolis: um olhar rasgado sobre a homossexualidade e suas múltiplas facetas*. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social. 2006. UFSC, Florianópolis.

FONTOURA TEIXEIRA, Luiz E. *Espaços Públicos da Orla Marítima do Centro Histórico de Florianópolis: o Lugar do Mercado*. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSC, Florianópolis.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, GRAAL, 1990.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. *O que é Homossexualidade*. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 1985.

_____. Prefácio. In: PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense. 1987.

_____. Prefácio. In: GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GODOY, Rosane Maria de. *Encontros Prazerosos – estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis*. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis. 2001.

GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*, São Paulo, Editora UNESP. 2000.

GROSSI, M. P., HEILBORN, M. L., RIAL, C. S. Entrevista com Joan Wallach Scott, *Revista Estudos Feministas*, v. 6, n.1, p. 114-124. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. 1998.

GUIMARÃES, Carmen Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro, Garamond, 2004. (Coleção: sexualidade, gênero e sociedade).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A Editora. 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. In *Revista Estudos Feministas*, vol.14, n.1, p. 43-60. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. 2006.

HENNING, Carlos Eduardo. *POINTS & BABADOS: Estudo sobre o estabelecimento de um território de sociabilidades homossexuais no centro histórico de Florianópolis entre os anos de 1970 e 2005*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia, UDESC, Florianópolis, 2005.

JAYME, Juliana G. *Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia), Departamento de Antropologia, UNICAMP, Campinas.

LAMBEVSKI, Sasho. Suck my Nation – Masculinity, Ethnicity and the Politics of (Homo) sex. In: *Sexualities*, London: SAGE pub, vol.2(4), 1999, pp. 397-419.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da 'abertura'*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1990.

MAGNANI, José G. C. Prefácio. In: FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis, Cidade Futura. 2000.

_____. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Hucitec/UNESP. 1998.

_____. Quando o Campo é a Cidade: fazendo Antropologia na Metrópole. In: *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, EDUSP e FAPESP. 1996.

MALUF, Sônia Weidner. & GREEN, James N. Apresentação. In: *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas, UNICAMP / IFCH / AEL, v. 10, n.18./19, 2003, pp. 07-12.

_____. “Corporalidade e Desejo: Tudo Sobre Minha Mãe e o gênero na margem”, In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 10:1. Florianópolis, CCE/CFH/UFSC. 2002.

_____. O Dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: LAGO, M., LEITE DA SILVA, A., RAMOS, R. *Falas de Gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999, pp.261-275.

_____. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.

MARSIAJ, Juan P. P. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. In: *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas, UNICAMP / IFCH / AEL, v. 10, n.18./19, 2003, pp. 129-150.

MAUSS, Marcel, Uma categoria do espírito humano: a noção de Pessoa, a noção do ‘Eu’ In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac Naify, 2003, pp. 367-397.

MOTT, Luís. *O Crime Anti-Homossexual no Brasil*. Grupo Gay da Bahia. 2002.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre ‘raça’, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro, In: *Revista Estudos Feministas*. Vol.14 n.1. p.103-116. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. 2006.

MOORE, Henrietta L. (ed.) *Anthropological Theory Today*, Cambridge: Polity Press, 1999. pp, 151-171.

OLIVEIRA, Marcelo José. *O lugar do travesti em Desterro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.

PARK, Robert E. [1916] A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano. In: VELHO, O. G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro, Relume Dumará. 1995.

PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, pp. 40-66.

_____. "Territórios Marginais" in *Revista Saúdeloucura*, 1990, pp.49-70.

PERUCCHI, Juliana. *Eu, tu, elas: investigando os sentidos que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que elas estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis. 2001.

REGES, Marcelo. *Brazilian Boys: corporalidades masculinas em filmes pornográficos de temática homoerótica*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.

RESENDE, Mário Ferreira. *O dinheiro cor-de-rosa: um estudo crítico sobre o mercado homossexual*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis. 2003.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 1, n.1, 1995, pp.11-36.

RUBIN, Gayle. Tráfico Sexual – entrevista. Gayle Rubin com Judith Butler. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, UNICAMP, 2003 (21). pp. 157-209.

_____. El tráfico de mujeres: notas sobre la economía política del sexo. *Nueva Antropología*, vol. VIII, n.30, México, p. 95-145. 1986.

SCHNEIDER, David. *A critique of the study of kinship*. The University of Michigan Press. 1984.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol.16. n.2, Porto Alegre, julho a dezembro de 1990, pp. 5-22.

SELL, Teresa Adada. *Identidade Homossexual e normas sociais: histórias de vida*. Florianópolis, Editora da UFSC. 1987.

SILVA, Hélio R. S. *Certas cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: Prefeitura. 1996.

_____. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: ISER. 1993.

SILVA, Marco Aurélio. *Se manque! Uma Etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina*. 2003. Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação os impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. In: *Revista Estudos Feministas*. Vol.14 n.1. 2006, pp. 15-42. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC.

VANCE, Carole S. Anthropology Rediscovered Sexuality: a theoretical comment. In: PARKER, Richard & AGGLETON, Peter (eds.) *Culture, Society and Sexuality: a reader*, UN. California Press, 2002, pp.39-54.

VAZ, Nelson Popini. *O Centro Histórico de Florianópolis – Espaço Público do Ritual*. Florianópolis: Ed. FCC e EDUFSC. 1991.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.

_____. Observando o familiar. In: *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 123-132. 1981.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e Estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. In: *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas, UNICAMP / IFCH / AEL, v. 10, n.18./19, 2003, pp. 185-218.

_____. *Fervendo com as Drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da ilha de Santa Catarina*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: *O fenômeno Urbano*. Otávio Velho (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1979. pp. 90-114.

Revistas

Revista A Capa. Ano 1, Ed.2, Março de 2007, São Paulo, SP.

Revista A Capa. Ano 1, Ed.3, Abril de 2007, São Paulo, SP.

Revista A Capa. Ano 1, Ed.6, Setembro de 2007, São Paulo, SP.

Revista Exame. 02.08.2006, p. 64-65.

Revista Lado A. Ano 1, Edição 05, Julho de 2006, Curitiba, PR.

Revista Lado A. Ano 2, Edição 11, Março de 2007, Curitiba, PR.

Revista Lado A. Ano 2, Edição 13, Abril de 2007, Curitiba, PR.

Revista Lado A. Ano 2, Edição 20, Janeiro de 2008, Curitiba, PR.

Revista Odyssey. Ano 1, Edição 05, 2005, São Paulo, SP.

Revista Odyssey. Ano 1, Edição 09, 2006, São Paulo, SP.

Revista Odyssey. Ano 1, Edição 11, Novembro de 2006, São Paulo, SP.

Revista Odyssey. Ano 3, Edição 01, Janeiro de 2007, São Paulo, SP.

Revista Odyssey. Ano 3, Edição 02, 2007, São Paulo, SP.

Revista Odyssey. Ano 3, Edição 03, 2007, São Paulo, SP.

Revista Odyssey. Ano 3, Edição Especial Gay Pride Floripa 2007, São Paulo, SP.

Revista Odyssey. Ano 4, Edição 18, Janeiro de 2008, São Paulo, SP.

ANEXOS

Anexo 01

Distribuição Espacial Aproximada das Casas Noturnas Pesquisadas no Centro de Florianópolis, SC

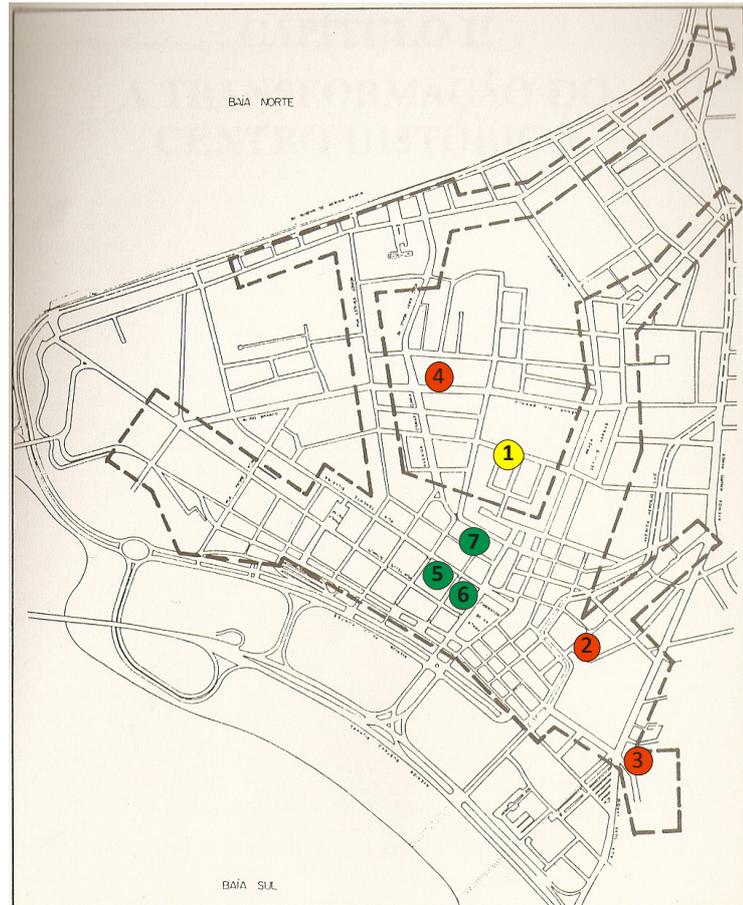


Ilustração-base do centro de Florianópolis retirada de Vaz (1991).

- | | |
|----------------------------------|---------------------------|
| 1 Bar Hypefull | 5 <i>Fast Food Sahara</i> |
| 2 Boate Ode To My | 6 Pátio do Museu |
| 3 Boate Undersky | 7 Escadaria |
| 4 Boate Perspective | |
| --- Centro Histórico (Vaz, 1991) | |

Elaboração: Carlos Eduardo Henning